

PAULA CAMARGO BOSCHIERO

EPIGRAFIA GREGA DIGITAL:
UMA INTRODUÇÃO



ARARAQUARA – S.P.

2023

PAULA CAMARGO BOSCHIERO

EPIGRAFIA GREGA DIGITAL:

UMA INTRODUÇÃO

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, para obtenção do título de Mestra em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de Concentração: Ensino-Aprendizagem de Língua

Orientadora: Profa. Dra. Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira

ARARAQUARA – S.P.

2023

B742e

Boschiero, Paula Camargo

Epigrafia grega digital : uma introdução / Paula Camargo
Boschiero. -- Araraquara, 2023

156 p. : il., tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

1. Epigrafia grega. 2. Método epigráfico. 3. Epigrafia digital. 4.
Humanidades digitais. 5. EpiDoc TEI-XML. I. Título.

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

A pesquisa provê um guia metodológico introdutório em português sobre Epigrafia Grega Digital para estudantes e pesquisadores no Brasil. O uso das ferramentas digitais de dados abertos apresentadas democratiza o conhecimento, reduz custos, fomenta a internacionalização e assegura a preservação sustentável do patrimônio histórico e linguístico.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The research provides an introductory methodological guide in Portuguese on Digital Greek Epigraphy for students and researchers in Brazil. The use of open data digital tools democratizes knowledge, reduces costs, fosters internationalization, and ensures the sustainable preservation of historical and linguistic heritage.

PAULA CAMARGO BOSCHIERO

EPIGRAFIA GREGA DIGITAL:

UMA INTRODUÇÃO

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, para obtenção do título de Mestra em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de Concentração: Ensino-Aprendizagem de Língua

Orientadora: Profa. Dra. Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira

Data da defesa: 29 / 08 / 2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira
Universidade Estadual Paulista – UNESP – Faculdade de Ciências e Letras – Araraquara-SP

Membro Titular: Prof. Dr. Marco Aurélio Scarpino Rodrigues
Universidade Estadual Paulista – UNESP – Faculdade de Ciências e Letras – Araraquara-SP

Membro Titular: Prof. Dr. Caio Vieira Reis de Camargo
Faculdade Pestalozzi de Franca (FAPESF)

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Câmpus de Araraquara

Dedico este trabalho aos meus amados pais – Lourdes (*in memoriam*) e Valentim, cujos sacrifícios permitiram meus estudos e me ensinaram que o amor e a educação são marcas que tempo nenhum consegue apagar.

AGRADECIMENTOS

Ao amado Deus-Pai, e a Jesus Cristo, Mestre Maior, pelo dom da vida e por serem os meus maiores exemplos de amor e perseverança. À Nossa Senhora Aparecida, Mãe e intercessora, que, por seu amor incondicional, cobriu-me com seu manto de proteção e trouxe-me consolo nos momentos de maior fragilidade. Expresso também a minha gratidão a todas as correntes de luz e fraternidade que sempre me ampararam e que zelam por mim.

Aos meus amados pais, Maria de Lourdes Aparecida Camargo Boschiero (*in memoriam*) e Valentim Boschiero, meus eternos heróis e o alicerce de tudo o que sou. Expresso minha mais profunda gratidão pelo amor incondicional que sempre me sustentou e pelos sacrifícios imensuráveis que permitiram a minha educação. À minha mãe, Lourdes, agradeço pela dedicação incansável e por ter sido o primeiro exemplo de força e luz em minha vida; embora sua ausência física seja sentida, o seu amor e o seus ensinamentos permanecem vivos, guiando os meus passos nesta conquista. Ao meu pai, Valentim, meu agradecimento pela presença constante e por ser o sustento firme que permitiu o meu caminhar. Agradeço por apoiar a minha trajetória e por estar ao meu lado, garantindo que eu tivesse a segurança necessária para buscar os meus objetivos. Ambos foram a terra fértil onde meus sonhos puderam crescer.

À minha amada tia paterna, Santa Bernadete Busquiero, cujo amor, dedicação e fé inabaláveis foram o amparo constante em minha vida. Agradeço por ter me acompanhado desde o nascimento, por ter testemunhado meu crescimento e por ter sido presença essencial na construção de quem sou hoje.

Ao meu amado esposo, Christoffer Alex Souza Pinto, meu companheiro de vida e meu maior entusiasta. Minha gratidão transcende as palavras pelo seu amor e carinho, pela sua parceria e todo o companheirismo presentes em minha vida. Agradeço pelo seu sorriso e otimismo contagiantes; bem como pelos seus ensinamentos e por sempre ter acreditado em meu potencial, mesmo diante dos momentos mais adversos, sendo meu grande incentivador na busca constante por superação, e um grande exemplo de perseverança, disciplina e dedicação a tudo, sobretudo à intelectualidade. Ter a alegria de compartilhar a existência ao seu lado fortalece o meu caminhar e torna cada conquista ainda mais significativa.

Aos meus amados sogros, Neusa Maria Pereira Ribeiro Pinto de Souza e Osmar de Souza Pinto, pelo acolhimento afetuoso e pelo apoio contínuo. Agradeço ao Osmar pela alegria contagiante e presença sempre vibrante, que trouxeram leveza aos meus dias e pela presteza em me auxiliar nos momentos em que precisei de suporte prático, sempre com generosidade. De modo muito especial à Neusa, agradeço pelo amor e carinho de mãe que sempre me dedicou, bem como por acreditar em minha luz e em meu potencial, instigando-me a enxergá-los e a seguir em frente com confiança.

Aos meus amados avós maternos, Mauro Rodrigues Camargo e Maria Francisca da Silva Camargo, pelo amor incondicional que sempre me acolheu. Minha gratidão eterna pelo apoio constante e por serem presenças inesquecíveis, cujos valores e afeto permanecem vivos em meu coração e em cada conquista minha.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro (bolsa de mestrado) concedido durante as etapas de desenvolvimento do

projeto. O fomento à pesquisa fornecido outrora por esta agência foi fundamental para a estruturação do trabalho que hoje se concretiza.

À minha querida orientadora, Profa. Dra. Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira, pela oportunidade e pela confiança de manter este espaço de pesquisa aberto ao longo dos anos. Expresso a minha mais profunda gratidão pelo acolhimento, pela paciência, pelos conselhos e ensinamentos precisos, pelo apoio e incentivo ao meu desenvolvimento acadêmico e, sobretudo, por nunca ter desistido de mim.

Ao Prof. Dr. Gabriel Bodard, do Instituto de Estudos Clássicos (*Institute of Classical Studies – ICS*), da Universidade de Londres, por outrora ter me concedido a inestimável e inesquecível oportunidade de participar presencialmente do *workshop* de treinamento em EpiDoc/EFES, pelos seus ensinamentos e pela sua gentileza. Expresso também a minha gratidão à *Andrew Mellon Foundation* pelo financiamento da bolsa que tornou possível essa imersão acadêmica e técnica, fundamental para a execução deste trabalho.

Aos membros da banca examinadora, Profa. Dra. Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira, Prof. Dr. Caio Vieira Reis de Camargo e Prof. Dr. Marco Aurélio Scarpino Rodrigues. Expresso o meu mais profundo respeito e admiração. O privilégio de ter sido aluna converte-se, hoje, na honra de contar com suas valiosas contribuições na consolidação desta pesquisa. À Profa. Anise, agradeço por ser direção e apoio constante, com uma dedicação e generosidade que transbordam. Ao Prof. Caio, minha gratidão por trazer a sabedoria da frase que se tornou minha bússola: “escolha com o coração”. Ao Prof. Marco Aurélio, agradeço pelo exemplo de que o rigor acadêmico caminha ao lado da simpatia e do otimismo, sempre com um olhar acolhedor e compreensivo.

À Profa. Dra. Simona Marchesini (Universidade de Verona), pela coordenação do projeto *Alteritas Epigraphic Cafe*, e à Profa. Dra. Alessandra Inglesi (Universidade de Roma Tor Vergata), com quem estabeleci contato por meio dos encontros virtuais do grupo *Alteritas*, em 2021 e 2022; agradeço pelo acolhimento, pela atenção e gentileza, e pela generosa partilha de conhecimentos, bem como a todos os participantes desse grupo de estudos pelas discussões que enriqueceram a minha trajetória.

Aos professores Dr. Stefanos Apostolou, Dr. Manolis Pagkalos e Dr. Manolis Spanakis, bem como à Universidade de São Paulo (USP), pela realização do curso online de Introdução à Epigrafia Grega, em 2022. Os alicerces estabelecidos naquele encontro contribuíram para o meu caminhar neste campo de estudo; agradeço pela partilha de saberes.

À minha querida tia materna e madrinha, Lucília de Jesus Camargo, pela hospitalidade e carinho em momentos de convívio familiar, bem como pela presença e prontidão em momentos de dificuldade pessoal durante esta caminhada.

Às minhas queridas tias paternas, Ivete Novelli Boschiero e Inês Mendonça Boschiero, que acompanharam a minha jornada desde os bancos escolares, quando eu sequer imaginava os caminhos que percorreria. Minha gratidão pelo acolhimento e pelo apoio constante, fundamentais na construção do meu futuro e na realização deste sonho.

Aos meus queridos primos paternos: Rafael Busquiero, Sueli Busquiero e Lara Busquiero; Odete Boschiero Bechaalani e Priscila Bechaalani; e Patrícia Boschiero. Minha sincera gratidão pela benevolência e pelo apoio fundamental que me dedicaram em momentos

de adversidade. O amparo de vocês foi um esteio valioso, permitindo que eu seguisse com resiliência em direção a esta conquista.

Às minhas queridas professoras de grego, Profa. Dra. Maria Celeste Consolin Dezotti e Profa. Dra. Edvanda Bonavina da Rosa. Minha imensa gratidão por terem sido, desde os meus primeiros passos na graduação, fontes de inspiração que cativaram o meu coração pela língua grega e pelos Estudos Clássicos. Agradeço pelo acolhimento, pelo incentivo constante e por serem exemplos de dedicação e saber que guiaram a minha formação.

Ao querido Prof. Dr. Fernando Brandão dos Santos, pela excelência no ensino da literatura grega na FCLAr, e pela compreensão demonstrada nas etapas da minha trajetória; agradeço pela base sólida e pelo exemplo de dedicação aos Estudos Clássicos, que continuam a ecoar em minha prática como pesquisadora.

Ao querido e inesquecível grupo *Giz-en-Scène*, cujas experiências únicas foram sopro de vida e alegria em minha trajetória acadêmica. Minha gratidão por compartilharem comigo a paixão pelo mundo helênico e por tornarem a jornada intelectual um palco de descobertas e afetos.

Aos queridos Prof. Dr. José Dejalma Dezotti, Prof. Dr. João Batista Toledo Prado, e o Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira, pela amizade e pela gentil convivência ao longo destes anos na FCLAr; agradeço por serem exemplos de dedicação aos Estudos Clássicos e pela inspiração que transmitem em cada encontro e conversa, dentro e fora do *Giz-en-Scène*.

Ao meu querido amigo, Fábio Gerônimo Mota Diniz, pelo acolhimento e pela amizade genuína desde o momento em que pousei meu voo no curso de Letras da FCLAr/UNESP. Sou grata pelos caminhos cruzados nos Estudos Clássicos e, entre tantos caminhares, pelas conversas, pelos risos partilhados e pelo apoio e compreensão que nunca me faltaram.

À minha querida amiga Marina Bariani Trava, presença que desabrochou como uma flor em minha trajetória na FCLAr/UNESP. Com sua doce voz e olhar acolhedor, soube compreender e apoiar sem julgamentos, oferecendo-me o carinho e a fraternidade de uma verdadeira amiga-irmã.

À minha querida amiga Vivian Gregores Carneiro Leão Simões, pela atenção, doçura, gentileza e pelo carinho constante que sempre marcaram nossa convivência na FCLAr; agradeço pelo acolhimento e pela amizade que floresceu nos corredores da faculdade e que sigo guardando com estima e admiração.

Ao querido amigo Emerson Cerdas, pela cordialidade, respeito e amizade demonstrados desde os tempos de graduação; agradeço pela gentileza constante em nossos encontros e pela empatia que, ainda no início da minha trajetória, marcou minha formação acadêmica.

Ao querido amigo Carlos Eduardo da Silva Ferreira (o Kadu), pela amizade e a generosidade em partilhar o seu conhecimento através do Curso de Linguística Geral – o CLG – que, em seus momentos de reflexão, sobretudo nas dependências desta casa, alçou a ponte para esta posição que agora me encontro. O seu apoio incondicional e as suas palavras de incentivo à força e à superação foram fundamentais neste percurso.

Ao querido amigo Carlos Elisio Nascimento, pela amizade sincera e sólida desde aquele primeiro dia no corredor, à espera da aula inaugural no curso de Letras. Sou grata pelos

inúmeros trabalhos e momentos compartilhados, pelas experiências e risos, e, pelas aulas de inglês britânico que foram um diferencial para o meu amadurecimento acadêmico e pessoal. É uma honra levar comigo esse caminhar e essa amizade que se estendem para toda a vida.

Ao meu querido amigo de infância, Adriel Gomes da Silva, com quem tive a honra de compartilhar a jornada desde a pré-escola até os bancos da graduação em Letras. Sou grata por toda uma vida de experiências, auxílio e conhecimentos partilhados; sua amizade é parte fundamental de quem me tornei e de cada passo que me trouxe até aqui.

Ao meu querido professor de violão e amigo, Anderson Cesar Rodrigues Senapeschi, cujos ensinamentos iniciaram-se em minha adolescência. Agradeço por me ensinar que uma música, por mais complexa que seja, é construída e aprendida nota por nota, com paciência e prática constantes – lição que ecoou em cada etapa desta pesquisa. Sua presença generosa e sensível, sua compreensão e seu apoio incansável desde os anos de pandemia e em meus momentos de maior fragilidade pessoal durante esta jornada acadêmica foram o alento que me permitiu seguir adiante. Gratidão por ser o mestre compreensivo que, com risos e sabedoria, me mostrou que a energia da música é, acima de tudo, uma força de reconstrução.

Às minhas queridas amigas Ingrid Mertens e Irma Mertens, cuja amizade, cultivada sob o céu da Morada do Sol, transcendeu o tempo e tornou-se um porto seguro em minha caminhada. Minha gratidão eterna pelo acolhimento, pela presença constante e pela mão estendida nos dias mais nublados desta jornada, especialmente nos momentos de maior fragilidade. Obrigada por transformarem o cotidiano em um laço de família. Os momentos compartilhados são joias que carrego comigo, guardadas na memória e no coração.

À minha querida amiga de infância, Juliana Manzini Pedroso, com quem tive o prazer de compartilhar momentos e sonhos como este, e em quem sempre pude encontrar a compreensão e o apoio de um ombro amigo, e o carinho de uma amiga-irmã de alma.

Ao querido amigo Jorge Gabriel Sartini Poppoff, com quem tive o prazer de compartilhar minha jornada desde o início do curso de Letras. Minha gratidão por sua amizade, sempre marcada pelo sorriso, pela simpatia e por uma generosidade e humildade admiráveis.

Ao querido amigo Rodrigo Tavares, pela gentileza demonstradas ao longo de toda a minha trajetória acadêmica; agradeço por ser esse apoio constante e esse rosto amigo que me recebeu desde o primeiro dia de curso na FCLAr, incentivando-me a persistir e transformando a convivência administrativa em um espaço de amizade.

À querida amiga Tatiana Pasetto Corrêa Saraiva pela alegria e carinho demonstrados em cada encontro na FCLAr; agradeço pela torcida, pela presença nos momentos do *Giz-en-Scène* e por ser essa alma boa que, com entusiasmo, sempre me inspirou a seguir adiante.

Aos queridos amigos Rúbens Rodrigues e Marcelo Padovan, com quem a FCLAr/UNESP me presenteou através da convivência diária pelo câmpus. Minha gratidão por todos os momentos de convívio, pelas trocas sinceras e pelos risos que tornaram a jornada acadêmica muito mais leve e prazerosa.

À querida Dona Maria Módolo, exemplo de compaixão e benevolência. Minha gratidão pelo acolhimento e pelo carinho com que sempre me recebeu em sua casa. Seus cafés, nossas conversas e as boas risadas preencheram meus dias de alegria e foram um alento precioso nesta jornada.

Ao querido Pastor Ricardo Rodrigues, por ser um farol de esperança e sabedoria. Agradeço por seu apoio incansável, pelas orações e pelas palavras de fé que renovaram minhas forças e me guiaram com serenidade até a conclusão desta jornada.

À querida Patricia Gianzante Garcia, pela escuta atenta e pela sensibilidade que me acompanharam em cada etapa e iluminaram o meu percurso, principalmente nos momentos de maior incerteza e dificuldade; agradeço pelo carinho e por ser presença e suporte fundamentais, me guiando em um processo de evolução que me permitiu chegar ao fim desta jornada como uma pessoa melhor.

Ao querido Laércio Aparecido Pavani, pela dedicação zelosa e pelo olhar atento que foram pilares de sustentação em cada passo desta trajetória; agradeço por sua humanidade e por ser o auxílio fundamental que me proporcionou o incentivo e a segurança necessários para atravessar e vencer os desafios desta jornada.

Ao querido Gustavo Bueno Marcelino, pela escuta generosa e por acreditar em meu potencial, acompanhando-me com tamanha atenção. Minha gratidão estende-se ao cuidado voltado ao bem-estar de minha mãe, Lourdes (*in memoriam*); sua humanidade e apoio foram essenciais para que eu percorresse este caminho.

À inesquecível presença do meu pequenino e amado coelho, Lille, também meu Lillinho ou, simplesmente, o Li: o *Lionhead* que, de leão, tem a juba, mas os “os olhos mais lindos e doces desse mundo”, cuja alegre, amorosa e bagunceira companhia torna os meus dias mais felizes e o meu ambiente de trabalho mais acolhedor.

Ao Conselho e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa (PPGLLP) da Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr/Unesp), Câmpus de Araraquara, pela oportunidade de realização deste curso e por todo o suporte administrativo e acadêmico oferecido ao longo destes anos.

À Direção da Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr/Unesp), Câmpus de Araraquara, pela excelência da infraestrutura e por todo o suporte institucional oferecido durante toda a minha formação nesta casa.

À Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr/Unesp), Câmpus de Araraquara, e a todo o seu corpo técnico, pelo auxílio imprescindível no acesso às fontes, pela excelência no suporte à pesquisa e pelo acolhimento em seu espaço, fundamentais para a maturação e o desenvolvimento deste trabalho.

Aos funcionários da FCLAr/Unesp, meu reconhecimento e gratidão. O empenho de cada um de vocês na construção do cotidiano universitário foi fundamental para que eu pudesse trilhar este caminho com tranquilidade e apoio.

À minha amada segunda casa, a Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, Câmpus de Araraquara (FCLAr). Expresso o meu imensurável orgulho e gratidão por esta instituição que acolheu a minha trajetória e foi o solo onde me moldei, como ser humano e como profissional. Honrar esta casa é honrar a minha própria história.

A todos, a minha mais imensa e sincera gratidão.

“Depois chegou a vez da ciência (...)
a da reunião das letras, a memória
de todos os conhecimentos nesta vida”

(Ésquilo. *Prometeu Acorrentado*, 2009, p. 35)

RESUMO

A Epigrafia Grega tem passado por transformações significativas ao longo da história: desde o surgimento do interesse de historiadores, ainda na Antiguidade, em compilar inscrições gregas, até compreender uma conjuntura de análises a partir de visões críticas e, no século XIX, alcançar o *status* de ciência, cujas tarefas de investigação constituem um método epigráfico. Atualmente, a área encontra-se em nova fase de transição devido aos impactos da tecnologia digital, que auxilia e otimiza os processos de estudo, além de facilitar o acesso da comunidade científica internacional aos acervos. No entanto, observa-se no Brasil uma incipiência de materiais em língua portuguesa que sistematizem o trabalho epigráfico grego para estudantes e pesquisadores. Diante disso, este trabalho realizou um estudo de caráter bibliográfico-comparativo confrontando o método epigráfico tradicional – pautado nas fases de Autópsia, Laboratorial (ou De Gabinete) e Publicação – com o método digital, com o objetivo de compreender o panorama atual da Epigrafia e as mudanças metodológicas, oferecendo um guia introdutório sobre a Epigrafia Grega Digital. Para esse fim, a pesquisa estruturou-se em duas frentes: i) o método bibliográfico, que resultou em uma revisão da literatura especializada, um repertório introdutório de técnicas epigráficas e um guia de ferramentas em Epigrafia Digital baseado na aplicação de *softwares*, linguagens computacionais, como o *EpiDoc* TEI-XML, e materiais técnicos da área; e ii) o método comparativo, por meio do qual foram analisadas as similitudes e divergências entre as técnicas estudadas. A investigação incluiu um estudo de caso da primeira inscrição da coleção *Inscriptiones Graecae* – a IG I³¹ –, que serviu como exercício ilustrativo para a aplicação prática do método: partindo da publicação em suporte impresso convencional para exemplificar, em seguida, as etapas de sua estruturação, estudo e publicação em ambiente digital. Concluiu-se que, embora a estrutura lógica do método epigráfico se mantenha, a incorporação de tecnologias digitais alterou a prática do ofício: a vertente digital não substitui o método tradicional, mas o reconfigura em quase sua totalidade e o expande, enquanto a coleta em campo preserva o seu caráter artesanal, as fases de análise e publicação tornaram-se ambientes de interconexão de dados, promovendo a transição do pesquisador isolado para redes colaborativas globais e democratizando o acesso ao patrimônio clássico.

Palavras-chave: epigrafia grega; método epigráfico; epigrafia digital; humanidades digitais; epidoc tei-xml.

ABSTRACT

Greek Epigraphy has undergone significant transformations throughout history: from the early interest of historians in Antiquity in compiling Greek inscriptions to the development of critical analytical frameworks and, in the 19th century, the attainment of scientific status, with research tasks forming a structured epigraphic method. Currently, the field is experiencing a new transitional phase driven by the impact of digital technology, which optimizes research processes and facilitates international scientific access to collections. However, there is a notable scarcity of Portuguese-language materials in Brazil that systematize Greek epigraphic research for students and scholars. Consequently, this research presents a bibliographic and comparative study contrasting the traditional epigraphic method—centered on the stages of Autopsy, Cabinet work, and Publication—with digital methods. The goal is to understand the current landscape of Epigraphy and its methodological shifts, while providing an introductory guide to Digital Greek Epigraphy. To this end, the research is structured into two fronts: i) a bibliographic approach, resulting in a specialized literature review, an introductory repertoire of epigraphic techniques, and a guide to Digital Epigraphy tools based on software application, computational languages such as EpiDoc TEI-XML, and technical materials; and ii) a comparative approach, which analyzes the similarities and divergences between the studied techniques. The investigation includes a case study of the first inscription from the *Inscriptiones Graecae* collection (IG I³ 1), serving as an illustrative exercise for the practical application of the method. It begins with the conventional print publication to demonstrate the subsequent stages of digital structuring, analysis, and publication. The study concludes that while the logical structure of the epigraphic method remains intact, the incorporation of digital technologies has transformed the practice of the craft. Digital methods do not replace the traditional approach but rather reconfigure and expand it. While fieldwork preserves its artisanal nature, the analysis and publication phases have become environments for data interconnection, promoting the transition from the isolated researcher to global collaborative networks and democratizing access to classical heritage.

Keywords: greek epigraphy; epigraphic method; digital epigraphy; digital humanities; epidoc tei-xml.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Estampagens dos fragmentos da inscrição IG I ³ 501	29
Figura 2	Estampagens dos fragmentos da inscrição IG I ³ 948	31
Figura 3	Desenho autógrafo de Ciríaco de Ancona: inscrição de Lappa (Creta)	40
Figura 4	Página de rosto do primeiro volume do CIG (1828, Vol. 1)	44
Figura 5	Inscrição n. 1 e seu aparato crítico no CIG (1828, Vol. 1)	45
Figura 6	Cópia manuscrita/desenho da inscrição	63
Figura 7	Técnicas de transcrição e análise do conteúdo da inscrição	78
Figura 8	Inscrição IG II ² 1: estela completa e detalhe do estilo <i>στοιχηδόν</i> (<i>stoichedon</i>)	83
Figura 9	Topografia da Acrópole, necrópole sul e necrópole sudoeste de Cólofon	104
Figura 10	GPR e o mapeamento de Mantinea	105
Figura 11	<i>Display</i> do editor de XML <i>Oxygen 25.1</i> codificando dados da inscrição IG I ³ 1	111
Figura 12	Identificação do dialeto da inscrição IG I ³ 1 através de <i>Ithaca</i>	127
Figura 13	Evidência do dialeto ático apontada por <i>Ithaca</i>	128
Figura 14	Estimativa da datação da inscrição por <i>Ithaca</i>	128
Figura 15	Evidência linguística para datação da inscrição por <i>Ithaca</i>	129
Figura 16	Publicação no EFES (parte 1)	137
Figura 17	Publicação no EFES (parte 2)	138
Figura 18	Publicação no EFES (parte 3)	139

LISTA DE FOTOS

Foto 1	Escavação na Ágora de Atenas: detalhe do processo manual e do uso de ferramentas analógicas	61
Foto 2	Registro técnico de fragmento de artefato epigráfico da Ágora de Atenas com escala métrica para aferição de dimensões	62
Foto 3	Fotografia analógica de fragmento de inscrição grega	64
Foto 4	Execução da técnica de estampagem: percussão do papel com escova de cerdas densas sobre a inscrição no suporte	68
Foto 5	Comparativo de legibilidade: inscrição sobre suporte original e estampagem em papel absorvente	69
Foto 6	Exemplo de decalque por fricção (<i>frottis</i>) usando papel e grafite	70
Foto 7	Molde de gesso (<i>plaster cast</i>): exemplo de reprodução rígida e tridimensional	71
Foto 8	Molde parcial com borracha líquida (látex): uma camada	73
Foto 9	Molde completo com borracha líquida (látex): mais de uma camada	74
Foto 10	Luz rasante aplicada a uma inscrição	75
Foto 11	Exemplo de publicação impressa em livro: <i>Inscriptiones Graecae</i> (IG I ²)	93
Foto 12	Aparência de inscrição em via impressa	94
Foto 13	Imagem 2D em alta resolução do artefato grego	106
Foto 14	Técnica de RTI	107
Foto 15	Técnicas de edição 3D do artefato e de sua inscrição	108
Foto 16	Decreto ateniense de 510 a. C.	114
Foto 17	Decalque do fragmento H	115
Foto 18	Métrica aplicada ao artefato IG I ³ 1	120

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Volumes do <i>Inscriptiones Graecae</i> (IG)	47
Tabela 2	BMI – Volume 1	48
Tabela 3	BMI – Volume 2	48
Tabela 4	BMI – Volume 3	49
Tabela 5	BMI – Volume 4	49
Tabela 6	Volumes do IPE	50
Tabela 7	Volume III de <i>Fouilles de Delphes</i> : Epigrafia	52
Tabela 8	Volumes de <i>Inscriptiones Creticae</i> (IC)	53
Tabela 9	Volumes do IGBulg.	55
Tabela 10	Epigrafia Tradicional: etapas e técnicas	59
Tabela 11	Sistema de Leiden – Woodhead (1981)	90
Tabela 12	Método de estudo epigráfico: Epigrafia Tradicional x Epigrafia Digital	102
Tabela 13	Principais bases de dados aplicadas à Epigrafia Grega	113

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Análise comparativa entre os métodos e as ferramentas utilizadas nos estudos epigráficos	25
Quadro 2	Transcrição inicial com destaque cromático pronta para restituição (linhas 1-6)	122
Quadro 3	Transcrição integral da IG I ³ 1	125
Quadro 4	Transcrição e tradução da inscrição IG I ³ 1	132

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

2D	2 Dimensões
2D ^{1/2}	2 Dimensões e ½
3D	3 Dimensões
AIO	Attic Inscriptions Online
AGO	Ancient Greek OCR
AIEGL	Association Internationale d'Épigraphie Grecque et Latine
ATL	The Athenian Tribute Lists
BAS	Bulgarian Academy of Sciences
BBAW	Berlin-Brandenburgische Akademie der Wissenschaften
BE	Bulletin Épigraphique
BMI	The Collection of Ancient Greek Inscriptions in the British Museum
Bull. Épig.	Bulletin Épigraphique
CEPS	Center for Epigraphical and Paleographical Studies
CIA	<i>Corpus Inscriptionum Atticarum</i>
CIG	<i>Corpus Inscriptiones Graecae</i>
CIL	<i>Corpus Inscriptionum Latinarum</i>
CSAD	Centre for the Study of Ancient Documents
DDGP	Dicionário Digital Grego-Português
DEA	Digital Epigraphy and Archaeology
DSRL	Digital Single Lens Reflex
EAGLE	Europeana network of Ancient Greek and Latin Epigraphy
EFES	Front-End Services
EME	Estrutura do Método Epigráfico
EpiDoc	Epigraphic Documents in TEI XML
FD	Fouilles de Delphes
GPR	Ground Penetration Radar
IC	Inscriptiones Creticae
IG	Inscriptiones Graecae
IGB	Inscriptiones Graecae in Bulgaria repertae
IGBulg.	Inscriptiones Graecae in Bulgaria repertae
IGLS	Inscriptions Grecques et Latines de la Syrie

IPE	Inscriptiones antiquae orae septentrionalis Ponti Euxini Graecae et Latineae
JSTOR	Journal Storage
LiDAR	Light Detection and Ranging
LOD	Linked Open Data
OCR	Optical Character Recognition
PDL	Perseus Digital Library
PHI	Packard Humanities Institute
REG	Revue des Études Grecques
RTI	Reflectance Transformation Imaging
SEG	Supplementum Epigraphicum Graecum
SRL	Single Lens Reflex
TAM	Tituli Asiae Minoris
TEI	Text Encoding Initiative
XML	eXtensible Markup Language

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
METODOLOGIA	21
1 O DESENVOLVIMENTO DA EPIGRAFIA GREGA	26
1.1 ANTIGUIDADE: DOS PRIMEIROS INTERESSES À COLETA SISTEMÁTICA	26
1.1.1 O uso documental e crítico das inscrições por historiadores e oradores clássicos	27
1.1.2 O Período Helenístico e as primeiras compilações sistemáticas	33
1.1.3 O interesse dos eruditos no Período Imperial Romano	35
1.2 IMPÉRIO BIZANTINO E IDADE MÉDIA: UM PERÍODO DE LATÊNCIA E COMPILAÇÕES ESPORÁDICAS	36
1.3 ERA MODERNA E CONTEMPORÂNEA: A CAMINHO DA CIÊNCIA EPIGRÁFICA	37
1.3.1 O Renascimento e a prática epigráfica de Ciríaco de Ancona	38
1.3.2 Dos séculos XVI a XVIII: as coleções impressas e o princípio do método científico	41
1.3.3 O século XIX: a sistematização nos grandes <i>corpora</i>	42
1.3.3.1 <i>O Corpus Inscriptionum Graecarum (CIG) e a contribuição de Boeckh</i>	43
1.3.3.2 <i>O Corpus Inscriptionum Atticarum (CIA) e as Inscriptiones Graecae (IG)</i>	46
1.3.4 O século XX: a expansão internacional e a consolidação da disciplina	51
2 O DESENVOLVIMENTO DO MÉTODO EPIGRÁFICO	57
2.1 PRIMEIRA FASE: AUTÓPSIA	60
2.1.1 Coleta do artefato <i>in situ</i>	60
2.1.2 Medição e descrição do artefato	61
2.1.3 Cópia/registro da inscrição presente no artefato	63
2.1.4 Leitura da inscrição presente no artefato	65
2.1.4.1 <i>Técnicas de realce e reprodução para facilitar a leitura</i>	65
2.1.4.1.1 <i>Realce a carvão (charbonnage)</i>	66
2.1.4.1.2 <i>Cópias por contato: estampagem, decalque e modelagem</i>	66
2.1.4.1.3 <i>Luz rasante (raking light)</i>	74
2.2 SEGUNDA FASE: LABORATORIAL OU DE GABINETE	76
2.2.1 Composição de uma ficha para cada artefato e a sua inscrição	76
2.2.2 Revisão da literatura sobre a inscrição	77
2.2.3 Transcrição e análise do conteúdo da inscrição	77
2.2.3.1 <i>Tipo da inscrição</i>	78

2.2.3.2	<i>Tipo do dialeto</i>	81
2.2.3.3	<i>Métrica da inscrição</i>	82
2.2.3.4	<i>Restituição da inscrição</i>	84
2.2.3.4.1	<i>Comparação com contexto literário</i>	85
2.2.3.4.2	<i>Comparação com a própria inscrição</i>	85
2.2.3.4.3	<i>Comparação com outras inscrições</i>	86
2.2.3.5	<i>Datação da inscrição</i>	87
2.2.3.6	<i>Ajuste às Convenções/Sistema de Leiden</i>	88
2.2.3.7	<i>Tradução</i>	91
2.3	TERCEIRA FASE: PUBLICAÇÃO	92
2.3.1	Publicação impressa	92
3	A EPIGRAFIA DIGITAL	100
3.1	PRIMEIRA FASE: AUTÓPSIA	103
3.1.1	Coleta do artefato <i>in situ</i>	103
3.1.2	Medição, descrição, registro e leitura do artefato	105
3.2	SEGUNDA FASE: LABORATORIAL OU DE GABINETE	109
3.2.1	Composição de uma ficha para cada artefato e sua inscrição	109
3.2.2	Revisão da literatura sobre a inscrição	112
3.2.3	Transcrição e análise do conteúdo da inscrição	116
3.2.3.1	<i>Tipo de inscrição</i>	117
3.2.3.2	<i>Dialeto da inscrição</i>	118
3.2.3.3	<i>Métrica da inscrição</i>	119
3.2.3.4	<i>Restituição da inscrição</i>	121
3.2.3.4.1	<i>A aplicação da tecnologia de Reconhecimento Ótico de Caracteres (OCR)</i>	126
3.2.3.4.2	<i>O uso de redes neurais profundas na restituição epigráfica: o modelo Ithaca</i>	126
3.3	TERCEIRA FASE: PUBLICAÇÃO	130
3.3.1	Preparativos para a publicação digital: critérios de transcrição e tradução	130
3.3.1.1	<i>Características da transcrição e estratégias de edição</i>	132
3.3.1.2	<i>Critérios e estratégias da proposta de tradução</i>	133
3.3.1.3	<i>Particularidades linguísticas e dialetais da transcrição</i>	134
3.3.2	Publicação digital (versão 1.0)	135
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
	REFERÊNCIAS	143

ANEXOS	150
ANEXO A – CÓDIGOS DO ARQUIVO XML DA INSCRIÇÃO IG I³ 1	151

INTRODUÇÃO

Os Estudos Clássicos constituem um campo formado por múltiplas áreas, como a Filologia, a Arqueologia, a Papirologia, a História Antiga, a Numismática e a Prosopografia (BABEU, 2011, p. 1), as quais não somente coexistem, mas também dialogam entre si para reconstituir a Antiguidade. Inserida nesse contexto, a Epigrafia emerge como a ciência dedicada a decifrar, ler e interpretar inscrições, também conhecidas como epígrafes. O que a define de forma consensual no meio acadêmico, distinguindo-a de áreas correlatas, é a natureza de seu objeto: os textos gravados sobre materiais duráveis. Essa característica não é somente um detalhe técnico; ela é a própria razão do valor documental das inscrições. Por sua resiliência física, esses artefatos atravessaram os séculos como testemunhos diretos de suas épocas, funcionando como autênticos documentos arqueológicos, literários e linguísticos (ISOLDI, 1952, p. 89; BAUER *et al.*, 2008, p. 15; D'ENCARNAÇÃO, 2013, p. 8; GALLEGO, 2016, p. 19).

Para a delimitação do que caracteriza uma epígrafe ou inscrição, a epigrafista Margherita Guarducci (1967, p. 1) propõe que a perspectiva etimológica oferece uma linha condutora relevante. Nesse sentido, observa-se que o termo “epígrafe” corresponde ao substantivo grego *ἐπιγραφή* (*epigraphē*) – derivado do verbo *ἐπιγράφειν* (*epigraphēin*). Este verbo, por sua vez, é composto pelo prevérbio *ἐπί-* (*epí-*), que denota a ideia de “sobre” (CHANTRAINE, 1968, p. 358), e pelo radical *γραφ-* (*graph-*), advindo do verbo *γράφω* (*gráphō*), que significa “riscar, traçar, desenhar, escrever” (CHANTRAINE, 1968, p. 235). Logo, ao se considerar o sentido estrito das palavras, *ἐπιγράφειν* seria o ato de executar um tipo de registro físico sobre uma superfície material, enquanto *ἐπιγραφή* seria o produto resultante dessa atividade.

Na língua portuguesa, nota-se o uso do vocábulo “inscrição” como sinônimo de “epígrafe”. Essa equivalência remonta à correspondência entre o grego *ἐπιγραφή* (*epigraphē*) e o latino *inscriptio*, vocábulo que, evoluindo para o italiano *iscrizione*, fixou-se em nossa língua sob a forma “inscrição”. Neste estudo, optou-se pela padronização terminológica através do uso de “inscrição” (no singular e no plural) para referenciar os textos gravados em suportes duráveis.

Ainda considerando a etimologia, a referida autora (GUARDUCCI, 1967, p. 1) aponta para a ambiguidade de sentido do verbo *γράφω* (*gráphō*) com relação aos gêneros da escrita. Na acepção primária, significaria “riscar, traçar e desenhar” no sentido de aplicar essas ações à atividade da escrita, ligada à ideia de burocracia e de intelectualidade (CHANTRAINE, 1968,

p. 235). Posteriormente, um outro sentido foi adicionado para designar a atividade artística de pintura. Na Epigrafia, contudo, prevalece a utilização de *γράφω* (*gráphō*) com o seu sentido primário, correspondente a um sistema de escrita, distinguindo-o do uso voltado à pintura.

Embora a etimologia auxilie na explicação do conceito, faz-se necessária certa cautela para delimitar o escopo da disciplina. Segundo as premissas estabelecidas por Guarducci (1967, p. 2), é preciso evitar equívocos que levem à inclusão de textos que não se enquadram na categoria de inscrição e, dessa forma, afastar a atribuição à Epigrafia de objetos que se encontram fora do seu domínio. Sob a ótica da epigrafista, deve-se considerar que uma inscrição abrange um sistema de registro e de escrita que lhe seja característico e regular. Logo, há de se levar em conta o longo período histórico transcorrido desde o desenvolvimento da escrita, o qual engloba uma pluralidade de grafias e de superfícies físicas que lhe serviram de suporte. Em virtude desses critérios, manuscritos registrados sobre pergaminhos ou papel posteriores ao Período Clássico não são considerados inscrições, do mesmo modo que impressões por gravura também não o são. Entretanto, a autora ressalva que os materiais produzidos durante os períodos Pré-Clássico, Clássico e Pós-Clássico não respondem a regras tão estritas, estando condicionados a critérios variáveis conforme a civilização de origem.

Historicamente, a Epigrafia não se configurava com o estatuto de ciência que possui na atualidade, tendo sido precedida por um longo processo de desenvolvimento de um saber epigráfico. A sua história reporta-se à Antiguidade, período em que historiadores, a exemplo de Heródoto e Tucídides, já manifestavam interesse pelas inscrições e demonstravam disposição em compilá-las. O que se iniciou unicamente como um esforço de compilação passou a incorporar, gradativamente, análises pautadas em perspectivas críticas. Esse movimento de registrar e investigar as inscrições intensificou-se com o passar dos séculos, ganhando impulso com o advento da imprensa tipográfica na Europa, marco que viabilizou o surgimento das primeiras coleções epigráficas de relevância. Contudo, a despeito da publicação em larga escala dessas obras — sobretudo na Itália, na França, na Alemanha e na Inglaterra —, o material disponível consistia basicamente em agrupamentos de inscrições em idiomas distintos, sem uma separação metodológica clara. Até então, não havia uma distinção evidente entre inscrições gregas e latinas. Essa delimitação estabeleceu-se apenas no decurso do século XIX, com a edição de grandes *corpora*, a exemplo do *Corpus Inscriptionum Graecarum* (CIG) e do *Corpus Inscriptionum Latinarum* (CIL). Foram essas obras que introduziram avanços estruturais nos métodos de estudo e de edição das inscrições, conferindo definitivamente à disciplina o seu caráter científico.

Mais recentemente, o advento das tecnologias computacionais provocou transformações no campo dos Estudos Clássicos, a exemplo do que se observa nas Letras Clássicas e nas Humanidades Digitais. No âmbito específico das inscrições antigas, a aplicação de recursos de natureza digital e *online* ao tratamento material e textual inaugurou a vertente da Epigrafia Digital. A partir desse novo paradigma transversal, estruturaram-se projetos diversificados que transcendem as limitações do formato impresso, oferecendo tecnologias de digitalização e modelagem, ferramentas analíticas avançadas, linguagens de codificação padronizadas e plataformas para o compartilhamento global de informações por meio de bancos de dados interconectados.

Diante desse cenário, este trabalho — que é parte integrante do projeto *Projetos abertos em Letras Clássicas/Humanidades Digitais – FCLAr/UNESP* (2015), coordenado pela Profa. Dra. Anise de Abreu Gonçalves D'O Ferreira — possui como objetivo principal apresentar uma introdução histórico-bibliográfica ao campo da Epigrafia Grega, expondo os métodos epigráficos tradicional e digital em perspectiva comparada. De forma complementar, a investigação inclui um estudo de caso da primeira inscrição da coleção *Inscriptiones Graecae* — a IG I³ 1 —, que atua como um exercício ilustrativo para a aplicação do método digital. Partindo de sua publicação em suporte impresso convencional, o objetivo desta demonstração é exemplificar as etapas subsequentes de estruturação, análise e publicação do documento em ambiente digital.

A justificativa para esta pesquisa pauta-se na constatação de que os materiais sobre Epigrafia se encontram em fontes variadas, frequentemente dispersos, e disponibilizados em idiomas estrangeiros, sobretudo o inglês, o italiano, o francês e o alemão (ocasionalmente, também em latim). Esses fatores impõem desafios adicionais para estudantes e pesquisadores não especializados em Epigrafia e/ou disciplinas fronteiriças, ou mesmo que não possuem proficiência linguística para leituras técnicas nesses idiomas. Ademais, uma verificação em bases de dados bibliográficas revela a incipiência de pesquisas sobre Epigrafia Grega Digital no cenário brasileiro, onde a disciplina ainda costuma empregar métodos que partem de uma tradição não digitalizada da Arqueologia Clássica. Assim, diante dessa lacuna, este trabalho visa contribuir como um material introdutório para conhecimento do tema e de suas principais ferramentas, que proporcionará um panorama aos alunos de Letras e demais interessados acerca da temática da Epigrafia Tradicional e, sobretudo, da Epigrafia Digital.

A transversalidade da Epigrafia consolida ainda mais a sua relevância acadêmica. No campo da Linguística, os estudos epigráficos justificam-se por fornecerem evidências autênticas de línguas antigas, sejam elas extintas ou em processo de evolução. Como registros diretos, as

inscrições constituem fontes fidedignas para a história linguística ao permitirem a compreensão de variações dialetais e regionais, além de viabilizarem a análise de estruturas gramaticais, do vocabulário e a própria decifração de sistemas de escrita.

Para além dessa dimensão linguística, a Epigrafia estabelece um diálogo direto com os estudos literários. Segundo Liddell e Low (2013), essa intersecção manifesta-se em diversas instâncias, a começar pela preservação de textos antigos. Muitas inscrições contêm fragmentos de poemas ou trechos literários que não foram preservados por outros meios, fornecendo evidências sobre obras perdidas e resgatando o conhecimento literário da Antiguidade. Somado a esse caráter documental, os autores destacam que a Epigrafia fomenta o estudo e a imitação de estilos retóricos: inscrições antigas apresentam exemplos de diferentes estilos literários e retóricos. Os escritores e poetas posteriores poderiam estudar essas inscrições para aprender sobre as técnicas e estruturas literárias utilizadas na época. Isso influenciou a criação de novas obras literárias e ajudou a moldar o desenvolvimento da poesia e prosa. Essa influência estende-se também à temática e ao conteúdo, visto que os registros epigráficos abordam eventos históricos, políticos e religiosos que servem de inspiração para a criação de narrativas e peças teatrais que refletem essas questões. No que tange aos aspectos da forma, algumas inscrições assumem contornos poéticos, obedecendo a métricas e ritmos específicos. Esses exemplares de poesia epigráfica podem ter influenciado e inspirado poetas posteriores em suas próprias criações. Ademais, estabelece-se uma relação de intertextualidade quando autores literários fazem referências diretas a citações epigráficas em suas obras. Essa prática adiciona camadas de significado ao novo texto, conectando-o à tradição literária anterior e promovendo um diálogo intertextual entre o monumento epigráfico e a literatura.

Quanto à organização desta pesquisa, a dissertação encontra-se dividida em três capítulos, além desta introdução, da seção metodológica e das considerações finais. O primeiro capítulo, intitulado “O desenvolvimento da epigrafia grega”, expõe o percurso evolutivo do saber epigráfico, desde os interesses incipientes na Antiguidade até a sua consolidação como ciência no século XIX e a internacionalização do campo no século XX. No segundo capítulo, “O desenvolvimento do método epigráfico”, são apresentadas as fases estruturais que compõem o trabalho de investigação, detalhando as técnicas convencionais. O terceiro capítulo, “A epigrafia digital”, aponta a reconfiguração metodológica da área na contemporaneidade, apresentando os recursos computacionais em paralelo à epigrafia tradicional e ilustrando o seu uso por meio de um estudo de caso. Por fim, a pesquisa encerra-se com as considerações finais acerca do trabalho desenvolvido e de propostas para pesquisas futuras no Brasil.

METODOLOGIA

A) Delineamento Metodológico: Perspectiva Comparada e Estudo de Caso

A presente pesquisa caracteriza-se metodologicamente como um estudo descritivo e qualitativo, estruturado, primeiramente, a partir de uma revisão de literatura norteada pelo método narrativo-tradicional. Esse delineamento baseou-se na seleção e no exame de materiais bibliográficos e documentais referentes à historiografia e ao escopo técnico da disciplina epigráfica. Dada a natureza ainda incipiente da epigrafia digital no cenário acadêmico brasileiro, este estudo busca contribuir oferecendo um subsídio introdutório e metodológico para a área.

O desenvolvimento desta proposta demandou também a realização prévia de capacitação teórica e técnica por parte da pesquisadora. Esse processo formativo englobou tanto os fundamentos metodológicos tradicionais da disciplina quanto a sua vertente tecnológica, envolvendo a participação em *workshops* e cursos especializados, que forneceram o embasamento necessário para a utilização das ferramentas computacionais e das linguagens de marcação aplicadas à Epigrafia Digital. Dentre as formações realizadas, destacam-se: o treinamento em *EpiDoc* e *EFES*, oferecido pela *University of London* nas modalidades presencial (2018) e virtual (2022); o *Workshop Online de Introdução à Epigrafia Grega*, promovido pela Universidade de São Paulo (USP), em 2022; e a *International Training School: The Epigraphic Text. From Context to Meaning*, organizada em ambiente virtual pela *Università Degli Studi di Verona*, em 2022. O acúmulo desses conhecimentos orientou e viabilizou a aplicação prática dos recursos digitais e tradicionais hoje consolidados no meio profissional epigráfico mundial.

Nesse sentido, a investigação adotou o método comparativo, o qual consistiu em estabelecer um paralelo entre os pressupostos e as técnicas do método em Epigrafia Tradicional e Epigrafia Digital. Complementarmente, para que a teoria pudesse ser apresentada de modo prático, a pesquisa contemplou um estudo de caso centrado na inscrição ateniense IG I³ 1. A inclusão desse estudo de caso atuou como um recurso ilustrativo para evidenciar, etapa por etapa, a aplicação de ferramentas digitais contemporâneas de busca, análise, codificação e edição textual em um artefato epigráfico real.

B) Instrumentos

Para o desenvolvimento deste trabalho, mobilizou-se um conjunto diversificado de recursos que possibilitaram a exploração das informações concernentes ao campo da Epigrafia Grega e das Humanidades Digitais. Os recursos utilizados foram categorizados da seguinte forma:

- **Infraestrutura de Rede (*Internet/Web*):** O sistema mundial de computadores atuou como ferramenta de conectividade, viabilizando o acesso remoto aos repositórios institucionais globais, o *download* de *softwares* específicos e a consulta a plataformas de código aberto para a localização dos acervos estudados.
- **Bases de Dados Bibliográficas e Teóricas (Fontes Secundárias):** Compreenderam o referencial teórico-metodológico que forneceu o delineamento histórico da disciplina. Foram utilizados textos acadêmicos (livros, gramáticas e artigos científicos) acessados sobretudo via: i) *Google Scholar*¹; e ii) *Journal Storage* (JSTOR)².
- **Repositórios Epigráficos e Acervos Visuais (Fontes Primárias):** Plataformas e coleções digitais acessadas para o contato direto com a materialidade e o texto das inscrições. Para fins de precisão metodológica, esses repositórios dividiram-se em:
 - a) **Bases de dados textuais e catalográficas:** i) *The Packard Humanities Institute (PHI) Searchable Greek Inscriptions*³; ii) *Inscriptiones Graecae* (IG)⁴; iii) *Attic Inscriptions Online* (AIO)⁵; e iv) *The Europeana Network of Ancient Greek and Latin Epigraphy* (EAGLE)⁶.
 - b) **Acervos digitais de imagens e estampagens:** Repositórios institucionais que forneceram as reproduções fotográficas e as estampagens (*squeezes*) em alta resolução fundamentais para o estudo de caso, a saber: i) *Centre for the Study of*

¹ *Google Scholar*. Disponível em: <<https://scholar.google.com>>. Acesso em: 15 maio 2023.

² *Journal Storage* (JSTOR). Disponível em: <<https://www.jstor.org/>>. Acesso em: 15 maio 2023.

³ *The Packard Humanities Institute (PHI) Searchable Greek Inscriptions*. Disponível em: <<https://inscriptions.packhum.org/>>. Acesso em: 15 maio 2023.

⁴ *Inscriptiones Graecae* (IG). Disponível em: <<http://telota.bbaw.de/ig/>>. Acesso em: 15 maio 2023.

⁵ *Attic Inscriptions Online* (AIO). Disponível em: <<https://www.atticinscriptions.com/>>. Acesso em: 15 maio 2023.

⁶ *The Europeana Network of Ancient Greek and Latin Epigraphy* (EAGLE). Disponível em: <<https://www.eagle-network.eu/eagle-project/collections/>>. Acesso em: 15 maio 2023.

Ancient Documents (CSAD – Oxford)⁷; ii) *Center for Epigraphical and Palaeographical Studies* (CEPS – Ohio State)⁸; iii) *Sara B. Aleshire Center for the Study of Greek Epigraphy* (Berkeley)⁹; e iv) *Wikimedia Commons* (enquanto repositório de imagens em licença aberta)¹⁰.

- **Ferramentas Auxiliares de Contexto e Visualização:** Plataformas complementares à Epigrafia Digital, abrangendo: i) *Pleiades*¹¹, um dicionário geográfico (*gazetteer*) essencial para o referenciamento espacial e topográfico preciso dos sítios arqueológicos; e ii) *Digital Epigraphy and Archaeology* (DEA)¹² e *Sketchfab*¹³, atuando como ambientes de visualização avançada para modelos 3D de artefatos históricos.
- **Linguagens de Marcação e Ferramentas Digitais:** Arcabouço tecnológico empregado para a padronização e o processamento computacional da inscrição analisada no estudo de caso, abrangendo:
 - a) ***Leiden Conventions***: Diretrizes filológicas internacionais para a edição de textos epigráficos;
 - b) ***Diretrizes Text Encoding Initiative (TEI)***¹⁴: Linguagem de marcação para a representação formal de textos tanto em relação ao seu conteúdo como à sua forma;
 - c) ***eXtensible Markup Language (XML)***¹⁵: Padrão de linguagem estruturada para intercâmbio de informações entre computadores;
 - d) ***Oxygen XML Editor***¹⁶: *Software* profissional utilizado para a edição e validação de arquivos em XML;

⁷Centre for the Study of Ancient Documents (CSAD). Disponível em: <<https://www.csad.ox.ac.uk/>>. Acesso em: 15 maio 2023.

⁸Center for Epigraphical and Palaeographical Studies (CEPS). Disponível em: <<https://kb.osu.edu/handle/1811/78744>>. Acesso em: 15 maio 2023.

⁹Sara B. Aleshire Center. Disponível em: <<https://aleshire.berkeley.edu/holdings>>. Acesso em: 15 maio 2023.

¹⁰Wikimedia Commons. Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/>>. Acesso em: 15 maio 2023.

¹¹Pleiades. Disponível em: <<https://pleiades.stoa.org/>>. Acesso em: 15 maio 2023.

¹²Digital Epigraphy and Archaeology (DEA). Disponível em: <<https://www.digitalepigraphy.org/>>. Acesso em: 15 maio 2023.

¹³Sketchfab. Disponível em: <<https://sketchfab.com/>>. Acesso em: 15 maio 2023.

¹⁴Diretrizes Text Encoding Initiative (TEI). Disponível em: <<https://tei-c.org/guidelines/>>. Acesso em: 15 maio 2023.

¹⁵eXtensible Markup Language (XML). Disponível em: <<https://www.w3.org/XML/>>. Acesso em: 15 maio 2023.

¹⁶Oxygen XML Editor. Disponível em: <<https://www.oxygenxml.com/>>. Acesso em: 15 maio 2023.

- e) *Epigraphic Documents in TEI XML (EpiDoc)*¹⁷: Diretrizes específicas para a codificação de edições epigráficas;
- f) *EpiDoc Front-End Services (EFES)*¹⁸: Plataforma para publicação e indexação de arquivos em EpiDoc XML;
- g) *Ithaca/Pythia*¹⁹: Ferramenta amparada em arquitetura de redes neurais profundas (*deep learning*) voltada ao auxílio na restauração textual e na atribuição cronológica de inscrições gregas.

C) Procedimentos

C.1 – Revisão bibliográfica e documental

A etapa da revisão de literatura foi conduzida mediante busca nas bases de dados bibliográficas supramencionadas. O levantamento de dados guiou-se pelo cruzamento de palavras-chave nos idiomas português e inglês, tais como: "Epigrafia" (*Epigraphy*), "Epigrafia Grega" (*Greek Epigraphy*), "Epigrafia Digital" (*Digital Epigraphy*), "Métodos Epigráficos" (*Epigraphy Methods / Epigraphical Method*), "História da Epigrafia" (*Epigraphic History*), "inscrição" (*inscription*), e "inscrições gregas" (*greek inscriptions*). Os resultados foram selecionados e ordenados com base na sua relevância e aderência aos objetivos deste trabalho.

Complementarmente, o arcabouço teórico fundamentou-se em contributos da historiografia epigráfica (CHABERT, 1906), em obras clássicas e manuais de referência (ROBERT, 1959; 1961; GUARDUCCI, 1967; WOODHEAD, 1981; ROUGEMONT, 1996-1997) e na sistematização metodológica contemporânea proposta por Sánchez (2011), cujas bases processuais foram transpostas e aplicadas neste estudo ao contexto específico da Epigrafia Grega.

C.2 – O estudo comparativo

A etapa comparativa pautou-se na análise qualitativa dos processos e das ferramentas inerentes às fases da disciplina epigráfica, confrontando o fluxo metodológico da Epigrafia Tradicional com os novos recursos advindos da Epigrafia Digital. Esse raciocínio lógico-

¹⁷ *Epigraphic Documents in TEI XML (EpiDoc)*. Disponível em: <<https://epidoc.stoa.org/>>. Acesso em: 15 maio 2023.

¹⁸ *EpiDoc Front End Services (EFES)*. Disponível em: <<https://github.com/EpiDoc/EFES>>. Acesso em: 15 maio 2023.

¹⁹ *Ithaca/Pythia*. Disponível em: <<https://github.com/deepmind/ithaca>>. Acesso em: 15 maio 2023.

comparativo fundamentou-se nos procedimentos estabelecidos na revisão bibliográfica (ROBERT, 1961; GUARDUCCI, 1967; ROUGEMONT, 1996-1997; e SÁNCHEZ, 2011), com o intuito de evidenciar as similitudes e divergências entre ambos os métodos. Essa análise culminou na elaboração do Quadro 1, cuja finalidade é apresentar uma síntese visual da estrutura de comparação dos métodos em relação às fases do trabalho epigráfico.

Quadro 1 – Análise comparativa entre os métodos e as ferramentas utilizadas nos estudos epigráficos

FASES	MÉTODOS E FERRAMENTAS APLICADAS EM EPIGRAFIA	
	“CONVENCIONAL”	DIGITAL
1 ► <i>Autópsia</i>	...	...
2 ► <i>Laboratorial ou De Gabinete</i>	...	...
3 ► <i>Publicação</i>	...	...

Fonte: Elaboração própria.

A fim de demonstrar a aplicabilidade empírica do aparato teórico discutido, o delineamento metodológico apoiou-se no desenvolvimento do estudo de caso centrado na inscrição ateniense IG I³ 1. A execução prática desta etapa abrangeu, em ordem processual: o rastreamento do artefato e a coleta de suas cópias digitais (imagens e estampagens) em repositórios institucionais abertos; a aplicação prática de recursos baseados em aprendizado de máquina (*Ithaca*) para a validação de hipóteses cronológicas e dialetais; a formatação do documento segundo os parâmetros das Convenções de Leiden; a codificação estrutural dos dados em linguagem EpiDoc TEI-XML por meio do software *Oxygen XML Editor*; e, por fim, a preparação dos dados para publicação online na plataforma EFES, incluindo a formulação de uma proposta de tradução do decreto para a língua portuguesa.

Por conseguinte, este percurso prático atuou como recurso ilustrativo para evidenciar, etapa por etapa, a avaliação objetiva das principais transformações ocorridas nas fases de análise, tradução e publicação epigráficas decorrentes da aplicação de métodos e ferramentas digitais.

1 O DESENVOLVIMENTO DA EPIGRAFIA GREGA

A Epigrafia é definida como o estudo das inscrições que se encontram registradas sobre materiais (suportes físicos) de caráter durável, como a pedra e o metal, que resistiram à passagem do tempo (ISOLDI, 1952, p. 89; BAUER et al., 2008, p. 15; BODARD, 2010, parág. 1; D'ENCARNAÇÃO, 2013, p. 8; GALLEG0, 2016, p. 19). No entanto, este estatuto científico da Epigrafia não é um ponto de partida, mas sim um ponto de chegada, como o resultado de uma trajetória de transformações que se estende por séculos (CAYLESS et al., 2009, parág. 1). Essa ciência é, na realidade, precedida por um antigo saber epigráfico, cujas origens se encontram na forma como as próprias civilizações da Antiguidade interagiam com os seus monumentos escritos.

É justamente esse percurso histórico do saber epigráfico que este capítulo apresenta, apontando as transformações na abordagem das inscrições desde a Antiguidade até a sua institucionalização científica na Era Contemporânea. Para essa apresentação, a estrutura adotada baseia-se principalmente em três aportes da historiografia epigráfica: a *Histoire sommaire des études d'épigraphie grecque* (1906, p.15-23), de Samuel Chabert; *Epigrafia Greca* (1967, p. 27-42), da epigrafista Margherita Guarducci, e o panorama traçado por Sánchez (2011).

Pautando-se, sobretudo, no percurso delineado por esses autores, será exposto como o estatuto da inscrição se alterou ao longo do tempo. Este capítulo demonstrará como a prática incipiente de produzir inscrições, que teve os seus primeiros apontamentos ainda no Período Arcaico, mas que se disseminou a partir do Período Clássico, transformando-se de fonte documental e crítica para historiadores e oradores antigos, passando por objeto de curiosidade para antiquários renascentistas, até se tornar o foco de um método crítico e sistemático no século XIX com a criação dos grandes *corpora* e a sua expansão internacional no século XX.

Ao seguir essa linha cronológica, busca-se evidenciar as continuidades e alterações que elevaram o status dos estudos em Epigrafia Grega ao patamar de Ciência Epigráfica.

1.1 ANTIGUIDADE: DOS PRIMEIROS INTERESSES À COLETA SISTEMÁTICA

As bases da ciência epigráfica encontram-se na própria Antiguidade. Foi nesse período que as primeiras manifestações de um saber epigráfico começaram a tomar forma, em uma trajetória que acompanhou as transformações do mundo greco-romano. Esse saber, contudo, não foi homogêneo; o interesse pelas inscrições manifestou-se de formas distintas ao longo dos séculos.

Embora a produção material desses registros remonte ao Período Arcaico, foi a partir da Época Clássica que se consolidou o seu uso como fonte documental e ferramenta retórica por historiadores e oradores. Posteriormente, a Época Helenística marcou a transição para uma abordagem mais organizada, com as primeiras tentativas de coleta e compilação sistemática. Finalmente, a Época Imperial Romana, embora afastada das grandes compilações, revelou um novo tipo de interesse, mais descritivo e antiquário, representado na obra de eruditos como Pausânias. Esta seção explora essas diferentes fases, demonstrando como o saber epigráfico se desenvolveu e se transformou antes de sua consolidação como uma disciplina formal.

1.1.1 O uso documental e crítico das inscrições por historiadores e oradores clássicos

Embora o escopo historiográfico do saber epigráfico se inicie formalmente com os intelectuais do Período Clássico, deve-se considerar que a prática de produzir inscrições em suportes duráveis remonta ao Período Arcaico. A partir da adoção e adaptação do alfabeto fenício pelos gregos, fenômeno associado ao século VIII a.C., a Grécia testemunhou o surgimento dos primeiros registros epigráficos (WOODHEAD, 1981, p. 12-13). Contudo, existe uma distinção entre a prática de gravar textos — desenvolvida a partir de certo momento da Época Arcaica — e a consciência analítica sobre esses artefatos. Nesse período, a inscrição exercia a sua função comunicativa imediata, mas não havia ainda intelectuais voltados a compilá-las ou estudá-las sistematicamente, visto que a própria prosa historiográfica sequer havia surgido.

Por conseguinte, o saber epigráfico — entendido aqui como o interesse metódico e documental pelas inscrições em materiais duráveis — ganha contornos definidos na Época Clássica. Esse período marcou não apenas o apogeu da *pólis*, mas também uma significativa expansão documental, um processo que se tornou especialmente visível a partir do século V a.C. Nessa época, Atenas emergiu como o centro não apenas da tradição literária, mas do que se definiu como um “hábito epigráfico”, caracterizado pela difusão acentuada de inscrições públicas (GUARINELLO, 2013, p. 97).

Essa disseminação de registros influenciou o status da escrita na sociedade clássica. Em suas diversas formas, as inscrições adquiriram relevância para a vida cívica, exercendo a função do que hoje se assemelha a um "Diário Oficial" ou "Boletim das Leis" (CHABERT, 1906, p. 15), abrangendo desde decretos até dedicatórias de vitórias e epitáfios públicos.

Essa relevância pública, aliada à durabilidade do material, favoreceu uma mudança de percepção. Como aponta Guarducci (1967, p. 26), foi a partir do século V a.C. que se passou a considerar as inscrições como autênticas fontes históricas, projetadas para garantir que a memória dos fatos fosse transmitida à posteridade. Como consequência direta dessa dupla condição — o valor prático oficial e o status de monumento —, as inscrições passaram a atrair o interesse dos primeiros historiadores.

O método e a certeza desse uso, contudo, variam em certos casos. Infere-se, por exemplo, o aproveitamento desse tipo de fonte pelo logógrafo Helânico de Lesbos (conhecido também por Helânico de Mitilene). Essa inferência origina-se de suas obras cronológicas *As Sacerdotisas de Hera* (em grego, *Ἱερεῖαι τῆς Ἥρας*, *Hiéreiai tēs Hēras*) e *Os Vencedores das Carneias* (em grego, *Καρνεονῖκαι*, *Karneoníkai*), nas quais o autor teria se valido de registros oficiais do templo de Hera, em Argos, que continham os nomes das sacerdotisas e também de fontes que mencionavam os vencedores de concursos de música e poesia do Festival de Carneia, em Esparta, como espinha dorsal para compor ambas as narrativas históricas (SMITH, 1870, p. 377-378). Em tese, essas listas de nomes poderiam ter sido extraídas de inscrições em pedra, mas essa hipótese é recebida com ceticismo, uma vez que, como menciona Smith (1870, p. 378), todas as obras de Helânico foram perdidas, sobrevivendo apenas em fragmentos, o que dificulta uma análise definitiva do seu método. Diante do exposto, a questão permanece em aberto: não só há uma dubiedade sobre a natureza da fonte — se eram de fato inscrições ou outros tipos de registros de arquivo —, como, inclusive, a própria autenticidade dessas obras chegou a ser contestada (CHABERT, 1906, p. 15).

Diferentemente desse caso de indeterminação, é possível observar o uso de inscrições por outros historiadores, como Heródoto de Halicarnasso. Em sua obra *Histórias* (em grego, *Ἱστορίαι*, *Historíai*), o autor demonstra um interesse por fontes epigráficas, recorrendo diretamente a inscrições de monumentos públicos, copiando os seus textos para dar autoridade à sua narrativa. Um exemplo disso é quando Heródoto (Hdt. 5.77.4), no seu quinto livro, *Terpsícore* (em grego, *Τερψιχόρη*, *Terpsikhórē*), relata a vitória dos atenienses sobre os beócios e calcidenses, ocorrida em 506 a.C., afirmando que os atenienses a comemoraram com uma inscrição na base de uma carruagem com cavalos, que é a primeira coisa que pode ser vista logo à esquerda quando se entra no Propileu da Acrópole, copiando-a:

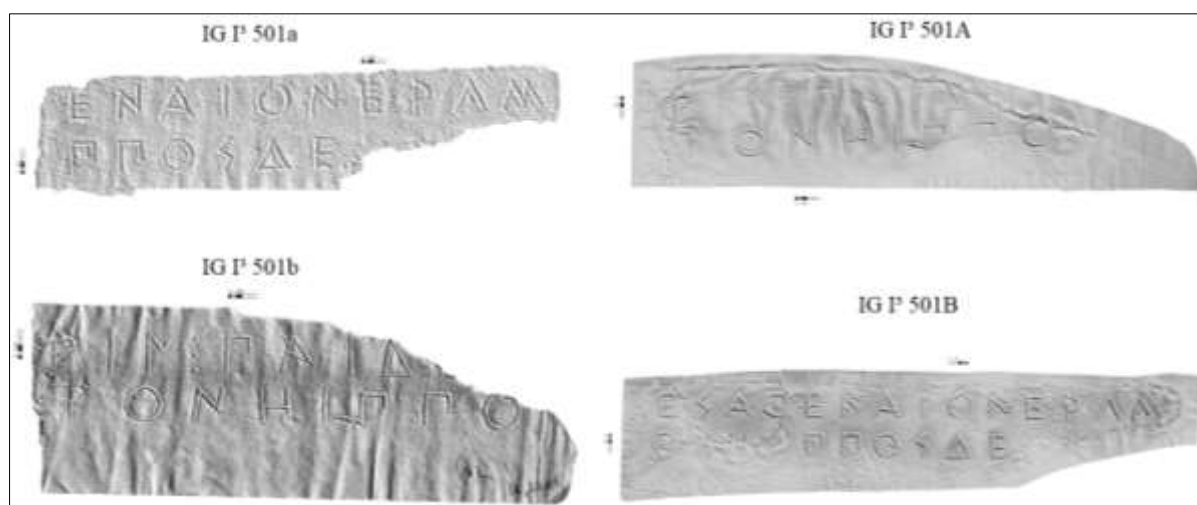
ἔθνεα Βοιωτῶν καὶ Χαλκιδέων δαμάσαντες
 παῖδες Ἀθηναίων ἔργμασιν ἐν πολέμου
 δεσμῷ ἐν ἀγλυόεντι σιδηρέῳ ἔσβεσαν ὕβριν·
 τῶν ἵππους δεκάτην Παλλάδι τάσδ' ἔθεσαν.

Tradução:

Povos beócios e calcidenses domaram
 os filhos de Atenas com suas atividades na guerra
 na prisão sombria com ferro aniquilaram sua insolência;
 deles, a décima parte, a Palas estas águas dedicamos.
 (Heródoto, 2020, p. 66)

Posteriormente, essa inscrição comemorativa da vitória ateniense sobre os beócios e calcidenses foi descoberta em 1869, registrada sobre fragmentos de mármore e, devido à transcrição de Heródoto (Hdt. 5.77.4), foi possível realizar a sua restauração, hoje catalogada como IG I³ 501²⁰ (LIDDEL; LOW, 2013, p. 7). A base material para esse trabalho de restauração, demonstrando a natureza fragmentária da descoberta, pode ser visualizada nas estampagens²¹ dos fragmentos da inscrição, apresentados na Figura 1.

Figura 1 – Estampagens dos fragmentos da inscrição IG I³ 501



Fonte: Elaboração própria, com base em Center for Epigraphical and Palaeographical Studies, The Ohio State University. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1811/99524>>. Acesso em: set. 2023.

²⁰ A sigla-padrão IG I³ 501 identifica a inscrição dentro da coleção *Inscriptiones Graecae* (IG), cuja história e estrutura serão abordadas mais adiante neste trabalho. O numeral romano I designa o volume dedicado à região da Ática; o expoente ³ indica a terceira edição, que é a versão mais atualizada; e 501 é o número de identificação da inscrição específica dentro dessa edição.

²¹ Na literatura epigráfica, o termo canônico inglês utilizado para denominar a técnica de cópia tridimensional da inscrição por meio de papel absorvente úmido é *squeeze*, correspondendo ao francês, *estampage*. Neste trabalho será adotada a terminologia “estampagem” como padrão para esta técnica. Os procedimentos técnicos e as variações materiais deste método serão abordados detalhadamente no Capítulo 2.

Se o caso da inscrição da vitória ateniense (IG I³ 501) demonstra o rigor de Heródoto ao usá-la como prova documental da sua narrativa, o tratamento das inscrições sobre a Batalha das Termópilas (Hdt. 7.228) apresenta um outro uso da fonte epigráfica. Conforme analisa Haywood (2021, pp. 29-30), o historiador vai além da prova: Heródoto parte dessa autoridade da inscrição como um monumento real e documental e explora o seu potencial retórico e memorial, transformando-a em uma ferramenta para provocar uma resposta emocional. A técnica para alcançar esse efeito foi uma transcrição seletiva e uma organização estratégica das inscrições referentes às Termópilas: o autor escolheu quais transcrever e as apresenta em forma de tríade, de modo a guiar o leitor em um percurso do geral para o particular, intensificando gradualmente o foco e a emoção da cena (HAYWOOD, 2021, pp. 29-31):

Inscrição 1: Para todos os peloponésios mortos em batalha

μυριάσιν ποτὲ τῇδε τριηκοσίαις ἐμάχοντο
ἐκ Πελοποννάσου χιλιάδες τέτορες.

Tradução:

“Quatro mil peloponésios combateram aqui contra três milhões de homens”
(Heródoto, 2019, p. 647).

Inscrição 2: Apenas para os Espartanos

ὦ ξεῖν', ἀγγέλλειν Λακεδαιμόνιοις ὅτι τῇδε
κείμεθα τοῖς κείνων ρήμασι πειθόμενοι.

Tradução:

“Caminhante, vai dizer aos Lacedemônios que aqui repousamos por haveremos obedecido às suas leis”
(Heródoto, 2019, p. 648).

Inscrição 3: Para o vidente Megístias:

μνήμα τόδε κλειτοῖο Μεγίστιας, ὃν ποτε Μῆδοι
Σπερχεῖον ποταμὸν κτεῖναν ἀμειψάμενοι,
μάντιος, ὃς τότε Κῆρας ἐπερχομένας σάφα εἰδὼς
οὐκ ἔτλη Σπάρτης ἡγεμόνα προλιπεῖν.

Tradução:

“É aqui o túmulo do ilustre Megístias, morto pelos Medos, depois de terem eles atravessado o Espérquio. Não concordou em abandonar os chefes de Esparta, embora soubesse que os Parcas cairiam sobre ele”
(Heródoto, 2019, p. 647).

Se em Heródoto já se manifestava uma preocupação com o valor documental das inscrições, é com o seu sucessor, Tucídides, que essa valorização atinge um novo patamar. Como observa Guarducci (1967, p. 26), o propósito de ambos os historiadores era, em essência, o mesmo: recorrer à inscrição “como confirmação de suas próprias teses”. A distinção, contudo, reside no método. Enquanto em Heródoto a inscrição serve tanto à prova quanto a um direcionamento emocional narrativo, em Tucídides ela é apresentada sem ornamentos e

empregada de forma mais estrita, como evidência jurídica e diplomática. Essa mudança de abordagem é evidenciada pela prática que Chabert (1906, p. 16) destaca: o historiador não apenas "conhecia o valor dos documentos autênticos", mas se empenhava em "transcrevê-los textualmente", um método que aplicou tanto para a reprodução de tratados em sua *História da Guerra do Peloponeso* (em grego, *Θουκυδίδου ἱστοριῶν*, *Thoukydídou historíōn*) (V, 23, 47), quanto, como lembra Guarducci (1967, p. 27), também para resolver debates históricos e desmentir narrativas populares, como o caso em que procurou provar, ao contestar a crença popular, que Hípias, e não Hiparco, era o tirano mais velho e governante e transcreveu a inscrição (VI, 54, 6s.):

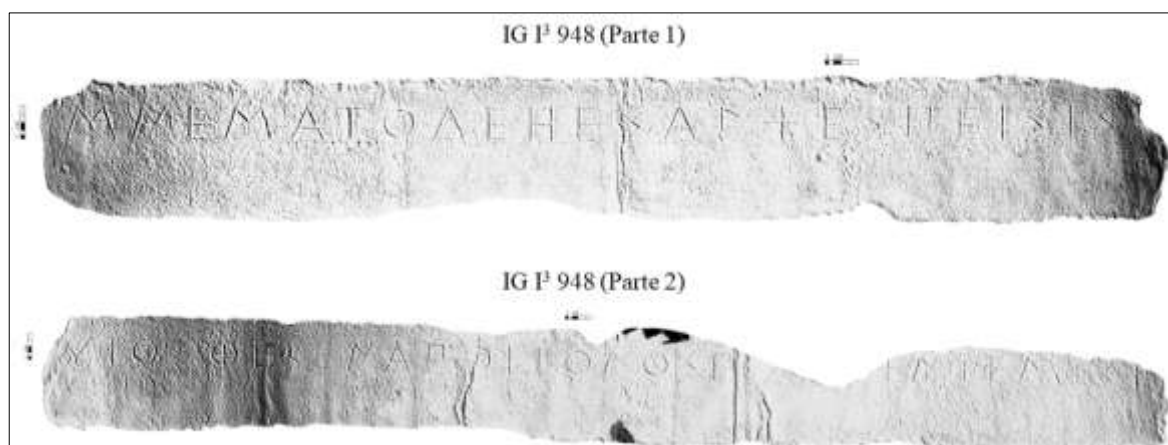
μνῆμα τόδ' ἦς ἀρχῆς Πεισίστρατος Ἰππίου υἱὸς
 θῆκεν Ἀπόλλωνος Πυθίου ἐν τεμένει.

Tradução:

“Pisístratos filho de Hípias ergueu este testemunho de seu governo junto ao altar de Apolo Pítio”
 (Tucídides, 2001, p. 387)

Assim como aconteceu com Heródoto e a inscrição da vitória dos Beócios sobre os calcidenses, por longa data, a única referência desta inscrição sobre Pisístrato foi o próprio texto de Tucídides. A veracidade de sua transcrição, no entanto, seria confirmada em 1877, quando uma descoberta arqueológica trouxe dois fragmentos de um coroamento esculpido em mármore contendo parte desta mesma dedicatória (MEIGGS; LEWIS, 1969, p. 19), catalogada como IG I³ 948. Essa evidência material, que permitiu a reconstituição do texto original ao ser combinada com o relato do historiador, pode ser observada na Figura 2, que apresenta as estampagens dos fragmentos encontrados.

Figura 2 – Estampagens dos fragmentos da inscrição IG I³ 948



Fonte: Elaboração própria, com base em Center for Epigraphical and Palaeographical Studies, The Ohio State University. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1811/99899>>. Acesso em: set. 2023.

Seja um documento diplomático, como um tratado, ou uma dedicatória, Tucídides valorizava a inscrição como um registro oficial e confiável, uma fonte primária cujo testemunho direto deveria ser apresentado ao leitor. Com isso, a sua prática se afasta da narrativa para se aproximar da documentação, um passo adiante para o saber epigráfico.

Para além do uso documental, a transição de um saber epigráfico compilatório para uma postura mais crítica na abordagem das inscrições antigas encontra o seu mais representativo expoente no historiador Teopompo de Quios. A sua importância é um ponto consensual na historiografia da Epigrafia, evidenciada tanto na narrativa histórica consolidada por Chabert (1906) e Guarducci (1967), quanto em trabalhos mais recentes, como o de Sánchez (2011), que explicitam o seu significado para a trajetória da área.

O episódio que funda essa reputação, cuja notícia nos chegou séculos mais tarde através do erudito e gramático grego antigo Harpocraton, consiste na recusa de Teopompo em aceitar a autenticidade de um suposto tratado de paz do estadista e general Címon: ao invés de se limitar ao conteúdo do texto, Teopompo focou em sua materialidade, identificando uma inconsistência anacrônica de que a inscrição utilizava o alfabeto jônico, adotado oficialmente em Atenas apenas em 403 a.C., décadas depois do período em que o tratado teria sido firmado (Chabert, 1906, p. 17).

Trata-se, como define Sánchez (2011, p. 18), do primeiro “uso de critérios paleográficos” documentado — um gesto que inaugurou o “espírito crítico” na análise do saber epigráfico. Ao tratar a forma da escrita como uma evidência histórica em si mesma, Teopompo não estava somente usando uma inscrição como fonte; estava analisando-a como um objeto arqueológico, focado na forma das letras e não apenas em seu conteúdo, prefigurando, assim, o que se tornaria um dos princípios da futura ciência epigráfica (Chabert, 1906, p. 17).

O viés analítico de Teopompo, contudo, representava a vanguarda do pensamento, e não a prática comum de seu tempo. Seu trabalho insere-se em um contexto mais amplo em que o recurso às inscrições se consolidava como uma importante ferramenta para a escrita da história. Nesse cenário, o historiador Xenofonte também é destacado por seu interesse em fontes epigráficas (GUARDUCCI, 1967, p. 27), embora o seu enfoque se mantivesse mais próximo da tradição estabelecida por Heródoto e Tucídides: o uso do documento inscrito como prova factual e reforço da narrativa, e não como objeto de escrutínio paleográfico. O que une essas diferentes abordagens, tanto a crítica de Teopompo quanto a documental de Xenofonte, é o reconhecimento do estatuto da inscrição como um monumento de autoridade pública e testemunho fidedigno do passado.

Essa crescente valorização da inscrição como monumento de autoridade não se limitou ao trabalho dos historiadores. Ela encontrou um campo de aplicação igualmente pragmático na arena política e jurídica, onde oradores precisavam se familiarizar com a leitura de decretos e leis gravados em pedra para construir seus argumentos (CHABERT, 1906, p. 17-18). Oradores como Lísias, Andócides, Isócrates e Demóstenes compreendiam que o uso da fonte epigráfica se estendia para além da simples consulta. Ao solicitar a leitura de um texto público durante um discurso, o orador conferia autoridade permanência e a objetividade da pedra para validar a sua própria palavra, transformando a inscrição, na metáfora de Guarducci (1967, p. 28), em um "selo de veracidade" que validava os seus argumentos perante o público e os tribunais.

Em síntese, a Época Clássica legou um status multifacetado à inscrição. Ela não era apenas uma fonte documental para o historiador e uma ferramenta de persuasão para o orador, mas também, na figura de Teopompo, um objeto de escrutínio crítico. O que une essas diferentes abordagens é o reconhecimento do texto epigráfico como um monumento de autoridade e um testemunho fidedigno. Foi precisamente essa consolidação de seu valor que, com as profundas transformações políticas do Período Helenístico, alteraria a natureza do interesse por elas. Deixando de ser apenas ferramentas imediatas para a vida cívica, as inscrições passaram a ser valorizadas como vestígios de um passado, dignas de serem coletadas e estudadas por si mesmas. Iniciava-se, assim, a trajetória para as primeiras compilações especializadas.

1.1.2 O Período Helenístico e as primeiras compilações sistemáticas

A transição da Época Clássica para a Helenística, estabelecida a partir da morte de Alexandre III em 323 a.C., marcou uma mudança na forma como o mundo grego se relacionava com os seus registros escritos. Essa transformação está intimamente ligada ao declínio da *pólis* como unidade política autônoma, o que alterou o estatuto da inscrição: de documento vivo e funcional – antes utilizado por historiadores e oradores para atender os seus propósitos particulares de confirmar ou complementar as suas teses – para se tornar um artefato histórico valorizado por si mesmo, no qual a comunidade erudita passou a considerar as inscrições por si mesmas, resultando em um meio de coleta mais sistemático e, quando possível, com a adição de comentários sobre o texto (GUARDUCCI, 1967, p. 28). Essa nova percepção, por sua vez, conduziu aos primeiros "verdadeiros trabalhos de compilação epigráficos" (SÁNCHEZ, 2011, p. 18).

O primeiro representante desse novo interesse foi também um historiador, Crátero da Macedônia. Ao reunir e organizar sistematicamente decretos atenienses do século V a.C. em

sua obra, disposta em nove livros, intitulada “Coleção de decretos” (tradução nossa; em grego, *Ψηφισμάτων συναγωγή*, *Psēphismátōn synagōgē*)²² e adicionar comentários a esses decretos, Crátero tornou manifesta essa mudança de perspectiva (GUARDUCCI, 1967, p. 28). A própria ideia de uma “coleção”, como observa Chabert (1906, p. 19), sinaliza uma distância histórica: as inscrições, aqui neste caso decretos, não eram mais somente leis ativas, mas documentos dignos de serem arquivados, classificados e comentados. Era a passagem do documento como ferramenta para objeto de estudo.

Essa prática de compilação apresentou-se com outros eruditos, como Filócoro de Atenas, que demonstrou a crescente tendência à sistematização ao compor uma coleção focada na produção epigráfica de sua própria região, os “Epigramas Áticos” (tradução nossa; grego, *Ἐπιγράμματα Ἀττικά*, *Epigrámmata Attiká*) (CHABERT, 1906, p. 19; GUARDUCCI, 1967, p. 28). Contudo, a figura que melhor representa o ápice dessa nova mentalidade documental, antiquária, é Polêmon de Atenas. A sua importância reside na forma como ele combinou a curiosidade erudita com uma prática sistemática. O seu apelido, “Devorador de Estelas” (em grego, *Στηλοκόπας*, *Stēlokópas*), captura o fascínio do periegeta (em grego, *περιηγητής*, *periēgētēs*) que se dedicava com avidez ao estudo dos monumentos (GUARDUCCI, 1967, p. 28). Sua obra, “Sobre os epigramas das cidades” (tradução nossa; em grego, *Περὶ τῶν κατὰ πόλεις ἐπιγραμμάτων*, *Peri tōn katà póleis epigrammátōn*), foi o resultado de extensas viagens, consolidando a imagem do pesquisador de campo que, nas palavras de Chabert (1906, p. 19), “esquadrinhava as estelas, em razão de seu zelo em decifrar e explicar as inscrições”.

Em suma, no Período Helenístico, a inscrição foi transformada em um objeto de estudo, dando origem às práticas de coleta sistemática, especialização regional e comentário erudito. Embora esses esforços iniciais ainda carecessem de um “plano de conjunto”, como argumenta Chabert (1906, p. 15), seu legado foi a criação da figura do especialista e a formação de um corpo de conhecimento que seria herdado e reinterpretado. Essa herança preparou o terreno para a fase seguinte, na qual, sob o domínio romano, o interesse pelas inscrições assumiria um outro caráter, mais descritivo e de salvaguarda da memória.

²² Essa obra de Crátero também é conhecida por *περί ψηφισμάτων* (*perí psēphismátōn*) – “Sobre os decretos” (tradução nossa), cujo último livro diz respeito a listagens de tributários de Atenas (CHABERT, 1906, p. 19).

1.1.3 O interesse dos eruditos no Período Imperial Romano

A preponderância do poder imperial romano e a consequente estabilidade da *Pax Romana* alteraram o cenário político e cultural grego. A autonomia da *pólis*, agora subordinada a uma autoridade externa, conduziu a uma reorganização no interesse erudito. A anterior vertente compilatória do Período Helenístico, que visava criar coleções sistemáticas de decretos e outros documentos gregos, diminuiu consideravelmente no Período Imperial Romano.

Este período representa um ponto de divergência na história do saber epigráfico. Para Chabert (1906), cuja análise focava na evolução de um método de coleta sistemática, a era imperial representava um grande vácuo. Em sua visão, após o apogeu das coleções alexandrinas, seguiu-se "o silêncio e a ignorância durante cerca de quinze séculos" (Chabert, 1906, p. 20). Nessa narrativa, que buscava os precursores dos *corpora* científicos, não havia lugar para figuras que não se encaixassem no molde de "coleccionador".

Contudo, a historiografia posterior, Guarducci (1967) e Sánchez (2011), preenche essa lacuna, mostrando que o interesse não desapareceu, mas se transformou, assumindo um caráter mais antiquário, descritivo e, por vezes, esporádico, por indivíduos ligados à erudição e periegetas, que viajavam pelas províncias do Império movidos por uma curiosidade mais descritiva e de cunho memorialístico (GUARDUCCI, 1967, p. 28).

Para eles, a figura que melhor representa essa nova sensibilidade é Pausânias. Considerado um "herdeiro direto da tradição helenística" (SÁNCHEZ, 2011, p. 18, n. 20), o erudito representa a continuidade do engajamento intelectual grego com os seus próprios monumentos, mas dentro de um novo gênero. Em sua obra *Descrição da Grécia* (em grego, *Ἑλλάδος Περιήγησις*, *Helládos Periégēsis*), o método de Pausânias era o do periegeta: a inscrição era tratada como parte inseparável da paisagem histórica e dos monumentos que ele descrevia (JONES; ORMEROD, 1918, p. 14). O seu objetivo não era criar um corpus de textos, mas usar a inscrição para trazer vida, contexto e autenticidade às estátuas, templos e locais que visitava, com especial atenção às dedicatórias em grandes santuários como Olímpia e Delfos (GUARDUCCI, 1967, p. 29). Sua prática de selecionar, resumir ou transcrever os textos, como nota Habitch (1984, p. 55), sugere um trabalho de campo cuidadoso, visando integrar a informação epigráfica de forma orgânica à sua narrativa.

A contribuição de Pausânias para o saber epigráfico encontra-se nesse papel de preservador. Ao registrar acuradamente o que via, salvou do esquecimento uma significativa quantidade de informações. Como destaca Guarducci (1967, p. 29), os seus textos "assumem um valor particular quando se trata, como frequentemente acontece, de inscrições perdidas".

Ele transmitiu não apenas os textos, mas também seus contextos originais, relevantes para a arqueologia e a Epigrafia modernas.

Assim, o Período Imperial, longe de ser um vazio, foi uma fase de reorientação do saber epigráfico, marcada pelo interesse antiquário e descritivo. O trabalho de Pausânias, embora não sistemático no sentido de um colecionador, representa o auge dessa abordagem. Entretanto, essa forma de engajamento erudito não seria replicada em escala semelhante nos séculos seguintes. Com as profundas transformações da Antiguidade Tardia e o início do Império Bizantino, o interesse amplo e descritivo daria lugar a um período de latência e a um foco mais fragmentado e especializado, agora direcionado ao valor literário de epigramas e a iniciativas pontuais de erudição.

1.2 IMPÉRIO BIZANTINO E IDADE MÉDIA: UM PERÍODO DE LATÊNCIA E COMPILAÇÕES ESPORÁDICAS

A transição da Antiguidade para o Período Bizantino trouxe uma reconfiguração expressiva no interesse erudito pelas inscrições. Se o Período Imperial Romano, com expoentes como Pausânias, já sinalizava uma mudança do uso documental para o descritivo, o estabelecimento do Império Bizantino acentuou essa propensão, resultando em um saber epigráfico mais especializado e fragmentado. O que outrora foi um "hábito epigráfico" da *pólis* clássica converteu-se em um interesse focado em gêneros específicos, praticado por um estrato intelectual.

Essa mudança de foco manifestou-se sobretudo na valorização do epigrama, que se tornou o principal objeto de curiosidade para os eruditos bizantinos (GUARDUCCI, 1967, p. 29). Diferentemente dos decretos e das leis, o epigrama era apreciado pelo seu valor literário e estético. Tratava-se de uma forma de inscrição, geralmente em verso elegíaco, gravada em suportes como pedra ou metal, com o propósito de transmitir informações sobre pessoas ou divindades associadas ao monumento (SILVA, 2008, p. 20). Esse apreço pelo epigrama revela um novo paradigma. A inscrição era agora vista menos como um documento histórico e mais como um artefato literário, digno de ser colecionado em antologias pela sua qualidade poética.

No entanto, o interesse antiquário mais amplo não desapareceu por completo. Ele sobreviveu em iniciativas esporádicas, que demonstram a persistência de uma curiosidade histórica. Um dos exemplos mais significativos é o do frade egípcio Cosmas Indopleustes²³, que, em suas viagens comerciais na primeira metade do século VI d.C., copiou as inscrições

²³ *Indikopleustes* (GUARDUCCI, 1967, p. 29), *Indopleustes* (Ἰνδοπλευστής) (PECK, 1898, p. 420).

gregas do *Monumentum Adulitanum*, um monumento localizado em Adule, na costa da Etiópia. Esses registros, que comemoravam as conquistas do rei Ptolomeu Evérgeta (247-222 a.C.), foram salvos do esquecimento devido a um ato individual de erudição, um testemunho de como o saber epigráfico mantinha-se presente através de esforços isolados (PECK, 1898, p. 1054, 1334; GUARDUCCI, 1967, p. 29).

Paralelamente a esse interesse especializado no Oriente grego, um novo tipo de compilação começou a tomar forma no Ocidente latino, motivado por um contexto particular, a peregrinação. A renovação da Igreja Romana nos séculos VIII e IX d.C. atraiu inúmeros viajantes que, por razões práticas e devocionais, passaram a compilar as inscrições que encontravam na cidade (GILMAN et al., 1902, p. 48). Embora esses trabalhos não tivessem a intenção de serem estudos sistemáticos, representam uma continuidade na prática de coleta. Um desses registros medievais é a compilação do *Anonymus Einsiedelensis*, que reuniu não apenas inscrições romanas e latinas, mas também gregas (SÁNCHEZ, 2011, p. 19), demonstrando que mesmo em um contexto ocidental, a herança helênica não havia sido completamente esquecida.

Apesar da importância dessas iniciativas pontuais de atividade, o período que se estende do fim da Antiguidade ao limiar do Renascimento ainda acaba sendo visto como uma fase de latência. As compilações eram pontuais, o interesse, fragmentado, e faltava um plano de conjunto que unificasse esses esforços. Como resume Chabert (1906, p. 20), seguiram-se "séculos nos quais não houve mais manifestações epigráficas". Foi esse cenário de interesse disperso e inexpressivo que os humanistas do Renascimento redescobririam, marcando o início de uma nova era para o saber epigráfico.

1.3 ERA MODERNA E CONTEMPORÂNEA: A CAMINHO DA CIÊNCIA EPIGRÁFICA

Os pressupostos da ciência epigráfica moderna delinearam-se sobre o cenário de latência deixado pela Idade Média. O interesse pelas inscrições, que havia se tornado fragmentado e esporádico, encontrou no Renascimento a sua retomada de caráter permanente. Esse saber epigráfico, contudo, não se estabeleceu de forma homogênea; a sua trajetória a partir do Humanismo italiano, na Era Moderna, ao século XX, já na Era Contemporânea, transcorreu em fases oscilatórias de desenvolvimento. Inicialmente, no Renascimento, o interesse manifestou-se na curiosidade antiquária e nas investidas metodológicas iniciais de nomes como Ciríaco de Ancona. Posteriormente, os séculos XVI a XVIII, favorecidos pela tecnologia da imprensa, notabilizaram-se pela acumulação e disseminação de material nas primeiras grandes coleções impressas. Finalmente, o século XIX testemunhou a sistematização da ciência

epigráfica, com a institucionalização do método científico e a criação dos grandes *corpora*, que, por sua vez, permitiram a expansão internacional e a consolidação da disciplina no século XX. Esta seção se dedica a traçar as etapas dessa transformação, desde a redescoberta humanista até a afirmação da Epigrafia como a ciência que conhecemos hoje.

1.3.1 O Renascimento e a prática epigráfica de Ciríaco de Ancona

A transição da Idade Média para a Era Moderna caracterizou-se por uma reconfiguração intelectual na Europa, o Renascimento. Estimulado pelo Humanismo italiano, esse movimento renovou não apenas o interesse pelos textos clássicos, mas também o fascínio pela materialidade da Antiguidade, tratando os seus vestígios físicos não unicamente como curiosidades, mas como o vínculo com um passado que se desejava resgatar. Foi nesse cenário de redescoberta que o saber epigráfico, restrito por séculos em compilações esporádicas e de interesse fragmentado, encontrou as condições para a sua reemergência. Esse novo interesse manifestou-se, como aponta Sánchez (2011, p. 24), em atividades que definiriam a época, o "estudo e o colecionismo".

O primeiro e mais proeminente expoente dessa nova mentalidade foi Ciríaco de Ancona²⁴ (GUARDUCCI, 1967, p. 29; SÁNCHEZ, 2011, p. 19). Distante de um erudito com tradição livresca, Ciríaco era um investigador itinerante: sua atuação como mercador e diplomata concedeu-lhe uma oportunidade de percorrer o Mediterrâneo, transformando as suas viagens em expedições antiquárias. O resultado desse trabalho foi reunido em sua obra, os *Commentarii*²⁵, que, para Chabert (1906, p. 15), representa o ponto de partida efetivo do estudo das inscrições gregas, por não se conhecer nenhuma coleção sistemática anterior com tamanha abrangência.

A singularidade de Ciríaco, contudo, não se restringe apenas no volume de seu trabalho, mas no precedente metodológico que ele representa. Como Chabert (1906, p. 23) analisa, Ciríaco procedia segundo "regras excelentes" de uma precisão incomum para a sua época: ele preservava rigorosamente a divisão das linhas do texto e anotava a forma da escrita original

²⁴ Encontramos variações ortográficas e nominais nas fontes consultadas, refletindo o uso do topônimo (Ancona) e do sobrenome (Pizzicoli): *Ciriaco de' Pizzicoli* e *Kyriakos d'Ancona* (CHABERT, 1906, pp. 15; 21); *Ciriaco di Pizzicoli* e *Ciriaco d'Ancona* (SÁNCHEZ, 2011, pp. 19-20). Neste trabalho, adotaremos a forma padronizada, em português brasileiro, Ciríaco de Ancona, ou simplesmente Ciríaco.

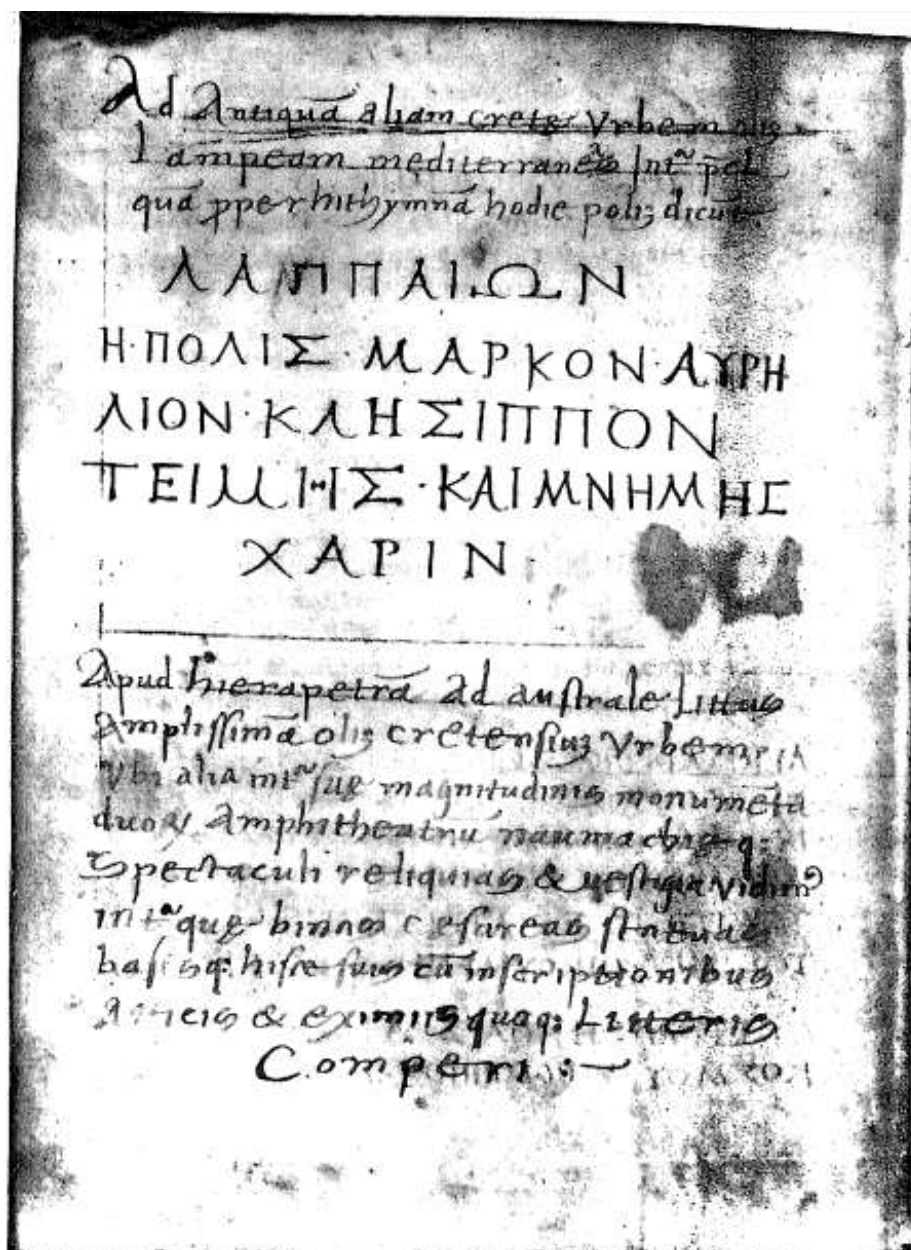
²⁵ *Commentarii* (SÁNCHEZ, 2011, p. 20; GUARDUCCI, 1967, p. 30; CHABERT, 1906, p. 20), *Commentaria* (STROUD, VERMEULE, 1962, p. 257).

(como a tradição do estilo grego de escrita *stoichedon*²⁶), uma fidelidade ao monumento que antecipava o rigor documental epigráfico moderno. Guarducci (1967, p. 30) aprofunda essa perspectiva ao destacar que ele foi o primeiro a entender a inscrição como parte de uma unidade documental, registrando o suporte físico, o contexto e frequentemente acompanhando a transcrição com desenhos do monumento. Essa abordagem mais abrangente, que unia texto e arqueologia, representou o diferencial metodológico de sua prática. No entanto, a integridade de sua obra sofreu com os reveses da história: como apontam tanto Chabert (1906, p. 23) quanto Sánchez (2011, p. 20), os volumes originais manuscritos por Ciríaco não sobreviveram, tendo sido perdidos em sua maior parte. O que restou desse esforço de documentação chegou à atualidade somente de forma fragmentária, através de cópias e excertos preservados por outros autores.

Apesar dessa lacuna, os fragmentos que sobreviveram são suficientes para demonstrar o esmero técnico de seu trabalho. Um exemplo que ilustra a aplicação prática desse método pode ser encontrado no códice *Vaticanus Latinus 5237*, que preserva desenhos autógrafos do Ciríaco. Guarducci (1967, pp. 30-31) destaca uma página deste manuscrito onde Ciríaco registrou uma inscrição da cidade cretense de Lappa, dedicada a Marco Aurélio Klesippos. Conforme pode ser observado na Figura 3, a reprodução evidencia o cuidado do erudito em desenhar as letras gregas reproduzindo a inscrição original, cercadas por notas explicativas em latim. Este documento ilustra a transição apontada por Sánchez (2011, p. 20): o nascimento do gênero "epigráfico-literário", no qual o registro gráfico e a narrativa de viagem se fundem para preservar a memória epigráfica.

²⁶ Este estilo e as suas particularidades serão caracterizados e ilustrados no segundo capítulo, intitulado "O desenvolvimento do Método Epigráfico".

Figura 3 – Desenho autógrafo de Ciríaco de Ancona: inscrição de Lappa (Creta)



Fonte: Guarducci (1967, p. 31, fig. 1).

A importância desse gênero de registro reforçou-se diante do cenário geopolítico da época, uma vez que a expansão do Império Otomano restringia progressivamente o acesso dos europeus às fontes originais no Oriente. Assim, o material de Ciríaco de Ancona tornou-se a fonte primária para o estudo posterior, preservando textos que, de outro modo, teriam desaparecido. No entanto, a disseminação em larga escala desse saber – ainda restrito à circulação de manuscritos – dependia do advento que nos séculos seguintes viabilizaria a compilação e a distribuição de coleções em proporções sistemáticas: a imprensa tipográfica.

1.3.2 Dos séculos XVI a XVIII: as coleções impressas e o princípio do método científico

Se o período renascentista contou com manuscritos frágeis e de circulação restrita — o que levou à perda de boa parte do trabalho de Ciríaco —, a era seguinte possibilitou a reestruturação da prática editorial devido à tecnologia da imprensa. A partir do século XVI, o esforço de preservação individual transformou-se em um processo de organização e compilação em larga escala, permitindo que o saber epigráfico circulasse por toda a Europa. Como contextualiza Sánchez (2011, p. 20), esse movimento de transição da coleta manuscrita para a imprensa configurou-se inicialmente na obra de Martin Smetius, o *Inscriptionum antiquarum* (1588), publicada em Leiden.

Contudo, foi no limiar do século XVII que esse movimento compilatório atingiu o seu ápice com Janus Gruter. A publicação de seu *Inscriptiones antiquae totius orbis Romani*, em Heidelberg, em 1603, foi uma referência na história do saber epigráfico (Sánchez, 2011, p. 20). Guarducci (1967, p. 33) descreve essa iniciativa como um "grandioso projeto" que ambicionava reunir a totalidade das inscrições gregas e latinas conhecidas, destacando que o sucesso e a utilidade da obra foram garantidos pelos índices elaborados pelo filólogo Joseph Justus Scaliger, o que assegurou a sua relevância editorial por mais de um século.

Apesar do valor dessa obra para a preservação das inscrições, a metodologia empregada por Gruter revelava as limitações científicas do seu tempo. Sánchez (2011, p. 26) observa que, diferentemente dos exploradores de campo, Gruter realizou um trabalho de gabinete; ele não executou um exame direto das inscrições nos seus suportes originais, dependendo inteiramente de cópias manuscritas de terceiros, o que perpetuou erros de leitura. Essa falta de rigor na verificação das fontes somava-se a um problema estrutural. Conforme descrevem Guarducci (1967, p. 33) e Sánchez (2011, p. 26), a organização dessas coleções seguia uma divisão por “categorias de conteúdo” ou “tipologia”, e não a ordem geográfica. Essa abordagem refletia o que Chabert (1906, p. 15) classificou como a ausência de um “plano de conjunto” científico: ao agrupar, sem distinção, grego e latim em classes temáticas, os compiladores desvinculavam a inscrição de seu contexto local, tratando-a mais como um texto avulso do que como um monumento histórico fisicamente situado.

A transição desse modelo de coleta começou a manifestar-se no século XVIII, quando o interesse antiquário passou a ser submetido a um crivo mais rigoroso. Embora as viagens de exploração continuassem a trazer novos materiais do Oriente, foi na Itália que ocorreu a mudança mais expressiva. Segundo Guarducci (1967, p. 34), Francesco Scipione Maffei foi o precursor ao dissociar, pela primeira vez, as inscrições gregas das latinas, afastando-se das

mesclas das coleções anteriores. Em complemento, Sánchez (2011, p. 20, nota 26) observa que, em sua obra *Ars critica lapidaria*, Maffei estabeleceu princípios para a detecção de falsificações. Ao somar esses critérios, Maffei lançou o que Guarducci (1967, p. 34) considera como sendo os "primórdios do método verdadeiramente científico", inaugurando uma postura analítica que transcendia a prática do colecionismo.

Entretanto, mesmo com esses princípios de um rigor científico, a prática editorial ainda precisava adaptar-se à quantidade crescente de descobertas. Esses séculos configuraram, portanto, um período de desenvolvimento descompassado: se, por um lado, Gruter e seus sucessores disponibilizaram um corpus abrangente de inscrições, por outro, Maffei trouxe uma consciência incipiente da necessidade de crítica. No entanto, o volume de material superava a capacidade dos métodos tradicionais de classificação temática. Evidenciava-se a necessidade de uma reforma que organizasse esse acúmulo de registros para que, no século XIX, a Academia de Berlim instituisse o critério geográfico e o exame direto dos suportes como preceitos da ciência epigráfica.

1.3.3 O século XIX: A sistematização nos grandes *corpora*

A necessidade de reforma metodológica, latente no século anterior, encontrou a sua resposta institucional no século XIX. Este período, frequentemente denominado como o "século da Epigrafia", marcou o momento em que o estudo das inscrições transpôs os limites da tradição antiquária para ingressar no campo da sistematização científica (Guarducci, 1967, p. 35). O centro dessa reestruturação foi a Academia de Ciências de Berlim, que assumiu para si a incumbência de organizar o extenso acervo documental acumulado desde o Renascimento.

Inicialmente, como relata Sánchez (2011, p. 20), a ambição da Academia era produzir um corpus universal que reunisse, em uma única obra, inscrições latinas, gregas e de outras línguas da antiguidade. No entanto, a inviabilidade prática dessa proposta logo se revelou, levando à decisão metodológica de dividir os projetos por idioma. Coube a August Boeckh²⁷ a responsabilidade de liderar a vertente helênica, instituindo os protocolos de edição para a disciplina.

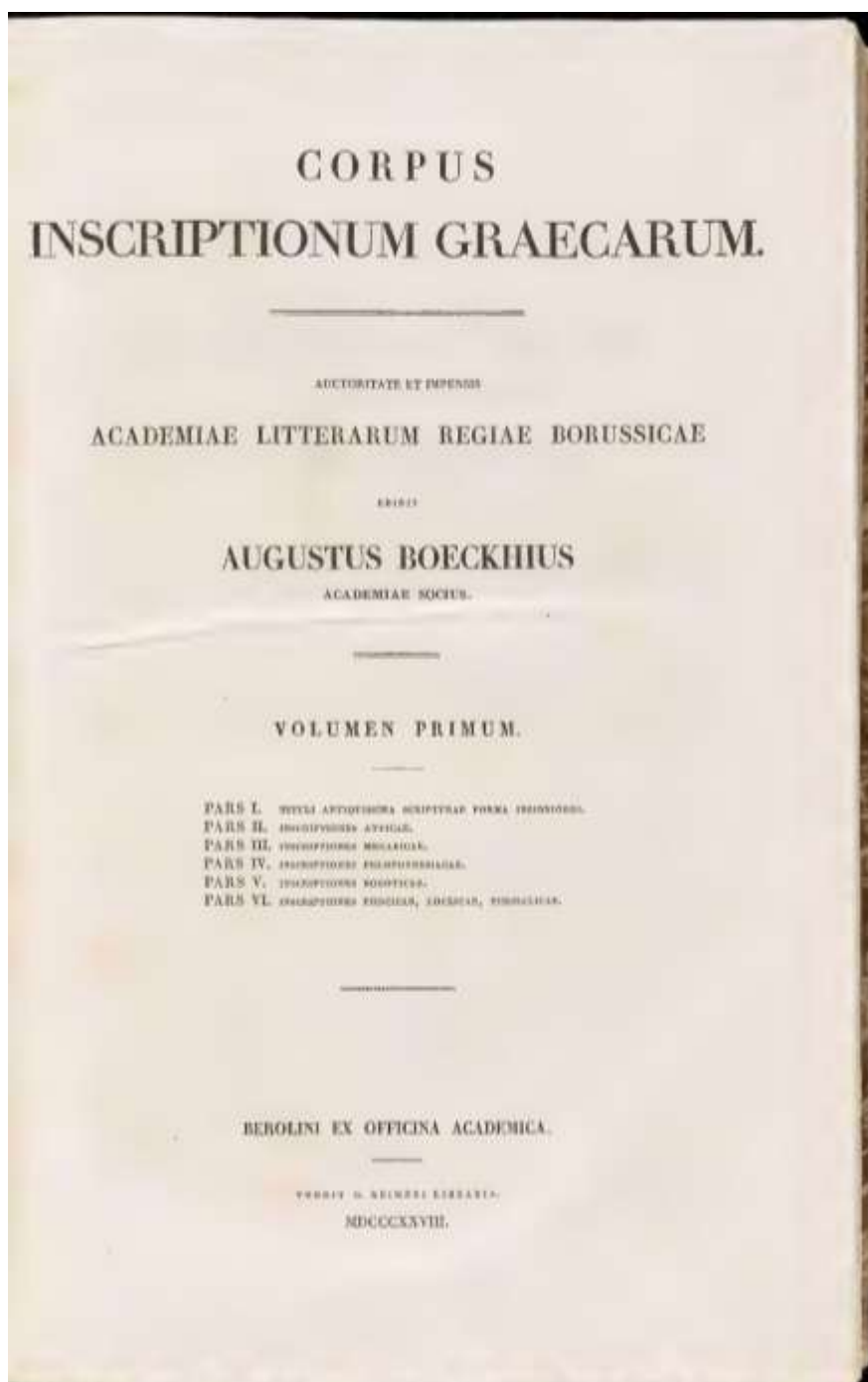
²⁷ Há variedade na escrita de seu sobrenome: Böckh (SÁNCHEZ, 2011, p. 21), Boeckhius (BOECKHIUS, 1828, 1843), Boeckhio (BOECKHIO, FRANZIUS, 1859).

1.3.3.1 O *Corpus Inscriptionum Graecarum* (CIG) e a contribuição de Boeckh

A formalização institucional a essa demanda por sistematização veio da Alemanha. Em 1815, Boeckh iniciou a elaboração do *Corpus Inscriptionum Graecarum* (CIG), cuja publicação do primeiro volume ocorreu em 1828. Guarducci (1967, p. 35) observa que esta obra representou um aprimoramento metodológico em relação aos compiladores anteriores, como Gruter: pela primeira vez, abandonou-se a classificação temática em favor de um critério geográfico. As inscrições deixaram de ser tratadas como textos isolados e passaram a ser ordenadas segundo a lógica de sua proveniência, respeitando o contexto histórico e topográfico das cidades-estado gregas.

A obra de Boeckh foi elaborada em quatro extensos volumes, publicados entre 1828 e 1877, que pretenderam reunir todo o mundo grego conhecido (Sánchez, 2011, p. 21). O CIG incorporou características constitutivas da ciência epigráfica – como o que Guarducci (1967, p. 38) descreve como um “amplo comentário” e um “aparato crítico muito cuidadoso”. A materialização desse novo paradigma científico pode ser observada na própria diagramação da obra, conforme a Figura 4. A página de rosto exhibe a menção “*Auctoritate et Impensis Academiae Litterarum Regiae Borussicae*”, o que atesta a institucionalização da Epigrafia sob a chancela da Academia de Berlim.

Figura 4 – Página de rosto do primeiro volume do CIG (1828, Vol. 1)



Fonte: Reprodução de Boeckh (1828).

Já na estrutura interna das entradas (Figura 5), verifica-se a prioridade dada ao texto: a inscrição é apresentada em caracteres maiúsculos e minúsculos, sustentada por um denso corpo de notas filológicas exclusivamente em latim. A ausência de representações visuais do suporte físico, como desenhos detalhados ou fotografias (tecnicamente inviáveis à época), reforça que, neste estágio, a Epigrafia ainda se caracterizava como uma ciência do texto, e não do artefato.



No entanto, mesmo com toda essa organização e caráter científico, o CIG enfrentou um desafio metodológico: a insuficiência diante das “inumeráveis inscrições gregas” reveladas pela intensificação da arqueologia oitocentista (Guarducci, 1967, p. 36). Esse ritmo acelerado e incessante de descobertas na Grécia e na Ásia Menor fez com que, segundo Sánchez (2011, p. 21), a obra se tornasse obsoleta assim que o seu último volume foi editado. Diante dessa

limitação, e da impossibilidade prática de apenas adicionar suplementos, a Academia de Berlim defrontou-se com a necessidade de buscar o que Guarducci (1967, p. 36) definiu como “algo radicalmente novo”: repensar a sua estratégia editorial, abandonando a ambição de um corpus universal estático para adotar o desmembramento da obra em projetos regionais especializados, única forma viável de absorver o fluxo contínuo de descobertas.

1.3.3.2 O *Corpus Inscriptionum Atticarum* (CIA) e as *Inscriptiones Graecae* (IG)

Enquanto a tarefa de Boeckh na Alemanha visava abarcar a totalidade do mundo grego, o fluxo intenso das escavações arqueológicas do século XIX — empreendidas não apenas por alemães, mas também por ingleses e franceses — rapidamente tornou o *Corpus Inscriptionum Graecarum* (CIG) insuficiente. Diante da impossibilidade de atualizar uma obra única com o fluxo incessante de novas descobertas, a estratégia precisou mudar: o universalismo cedeu espaço à especialização regional. A resposta imediata a essa demanda foi a criação de um corpus dedicado exclusivamente à região mais abundante em achados: a Ática. Instituiu-se, assim, o *Corpus Inscriptionum Atticarum* (CIA), um projeto de atualização que contou com a colaboração de epigrafistas como Adolf Kirchhoff, que já havia atuado na elaboração do CIG, além de Ulrich Koehler e Wilhelm Dittenberger (SÁNCHEZ, 2011, p. 20; GUARDUCCI, 1967, p. 35-36).

Contudo, a adoção do modelo regional que serviria de referência para a disciplina ocorreria no início do século XX. Sob a direção de Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff, que assumiu a liderança dos estudos epigráficos na Academia de Berlim, concebeu-se um projeto de proporções inéditas e metodologicamente refinado: as *Inscriptiones Graecae* (IG). Diferentemente de seus antecessores, este novo projeto foi estruturado, desde o princípio, sob um rígido critério geográfico, planejado para cobrir a Grécia continental e as ilhas em quinze grandes categorias (GUARDUCCI, 1967, p. 37-38).

Essa reorganização não foi apenas administrativa, mas conceitual, pois reconhecia que a compreensão da inscrição dependia de modo indissociável de seu contexto topográfico. Os três primeiros volumes do IG absorveram o material do CIA, consolidando as inscrições áticas, enquanto os volumes subsequentes (IV-XV) foram distribuídos regionalmente, contando com a colaboração de diversos estudiosos para contemplar desde o Peloponeso até as ilhas do Egeu e o Chipre, conforme detalhado por Chabert (1903, p. 115-116) e visualizado na Tabela 1.

Tabela 1 – Volumes do *Inscriptiones Graecae* (IG)

Volumes		Origem das inscrições
I	Ática	-
II		
III		
IV	Peloponeso	1. Epidauro 2. Egina
V		1. Lacônia, Messênia 2. Arcádia
VI		Acaia, Élide
VII	Grécia Central	Beócia
VIII		Delfos
IX		1. Etólia 2. Arcanânia 3. Lócrida Ocidental 4. Ilhas Jônicas 5. Lócrida Oriental 6. Fócida, Dórida 7. Tessália
X	Grécia Setentrional	1. Épiro 2. Macedônia 3. Trácia 4. Cítia
XI	Ilhas do Mar Egeu	Delos
XII		1. Rodes 2. Lesbos 3. Espórades 4. Cós, Calímnos 5. Cíclades 6. Samos, Quíos 7. Amorgos 8. Ilha trácia 9. Eubeia
XIII		Creta
XIV		Itália, Sicília
XV		Chipre

Fonte: Summa (2012, p. 271-273).

O desenvolvimento do projeto não cessou com essa divisão. O aporte contínuo de novos materiais exigiu uma abordagem editorial mais funcional e econômica. Surgiu, assim, a chamada *Editio Minor* (edição menor). Sob a edição de Johannes Kirchner, esta nova fase do IG optou pela supressão dos fac-símiles elaborados, substituindo-os pela reprodução dos textos

epigráficos em itálico. Além de economizar espaço, Kirchner refinou o aparato crítico, organizando as linhas conforme a disposição original no suporte e adicionando contagens precisas de caracteres, acompanhadas de notas breves, mas completas, contendo a bibliografia pertinente e a descrição física do suporte (GUARDUCCI, 1967, p. 38; JOHNSON, 1914, p. 456).

Esse rigor metodológico estabelecido em Berlim estendeu-se para outras nações ainda no século XIX, viabilizando a elaboração de projetos nacionais de larga escala. Na Inglaterra, esse empreendimento concretizou-se no *The Collection of Ancient Greek Inscriptions in the British Museum* (BMI). Publicada em quatro volumes a partir de 1874 por Charles Newton, Gustav Hirschfeld e Frederick Marshall, a obra organizou o abrangente acervo britânico coletado de diversas partes do Mediterrâneo (GUARDUCCI, 1967, p. 38), conforme demonstram as Tabelas 2 a 5.

Tabela 2 – BMI – Volume 1

Vol.	Editor	Ano	Localidades das Inscrições	
I	C. Newton	1874	I Ática	IX Fragmentos de referência dúbia

Fonte: Newton (1874).

Tabela 3 – BMI – Volume 2

Vol.	Editor	Ano	Localidades das Inscrições					
II	C. Newton	1883	I Mégara Argólida Lacônia Citera Arcádia	II Beócia Tessália Cócira Macedônia	III Trácia Bósforo Cimério	IV: Ilhas Egeias: Tasos Lesbos Samos Calímnna Cós Telos Rodes	V Milos Delos Ios Sifnos Tinos Caso Cárpatos	VI Creta Chipre

Fonte: Newton (1883).

Tabela 4 – BMI – Volume 3

Volume	Editor	Ano	Localidades das Inscrições
III	C. Newton	1890	Priene Iasos Éfeso

Fonte: Newton (1890).

Tabela 5 – BMI – Volume 4

Vol .	Editor	Seções	Localidades das Inscrições			
IV	G. Hirschfeld	I (1893)	Cnido Halicarnasso			
	F. Marshall	II (1916)	I - Ática e Egina: Atenas Pireu Ática (?) Ática Egina (?)	II - Peloponeso e Creta: Lacônia ou Argos Olímpia Argos Tégea Creta (Ierápetra)		III – Ilhas ocidentais e Norte da Grécia: Cefalênia (?) Oeântia (Galaxidi) Dodona Beócia (?) Tebas Tebas (Templo de Cabiri)
			IV – Ilhas Egeias e Chipre: Rínia Délos Rodes Cós Chipre (Cúrio) Chipre (Pafos) Chipre (Amathus) Chipre (Salamina) Chipre (Pólis Crísoco) Chipre	V – Trácia e Ásia Menor: Sesto Nacoleia Sigeion Kum-Kale (Trôade) Trôade Cízico / C. (Panormos) Bizâncio Calcedônia Niceia Amisos (Sumsun) Trapezo	Pérgamo Eritreia Esmirna Sárdis Teo Éfeso Cnido Trales Amison na Cária Halicarnasso Bargília Lórima Xanto Lícia Antália Dorileia	VI – Síria e o Oeste: Antioquia na Síria Samósata Nívive (Kouyunjik) Síria do Norte Sebaste Palestina (Monte Hérmon) Babilônia
			VII – Cirene: Cirene	VIII – Egito e Sudão: Abuquir Egito	IX – Itália e Sicília: Calábria Roma	X – Bretanha: Corbridge (Inglaterra)
						XI – Gália (Águas Sêxtias): Águas Sêxtias

			Apêndice: Éfeso Salutaris	Roseta Siena (Assuão) Gizá Faium Egito Copto Mênfis Antinópolis Sudão (Bakarawiyah) Filas Bubástis Nêucratis	Tivoli Bóvila Lanúvio Itália (Vado) Localidades incertas Agrigento Centuripe	XII – Localidades incertas: Parium? Ásia Menor? Atenas? Ática? Olímpia? Demais localidades incertas
--	--	--	--	--	---	---

Fonte: Hirschfeld (1893), Marshal (1916).

Simultaneamente ao empreendimento britânico, outras nações direcionavam os seus esforços para áreas de sua influência geopolítica ou arqueológica. Na Rússia, Basilius Latyshev conduziu a tarefa de catalogar as inscrições da costa norte do Mar Negro, resultando nos três volumes²⁸ do *Inscriptiones antiquae orae septentrionalis Ponti Euxini Graecae et Latinae* (IPE), iniciados em 1885 (GUARDUCCI, 1967, p. 39; BENGTON, 1970, p. 150). A organização geográfica desta obra pode ser observada na Tabela 6:

Tabela 6 – Volumes do IPE

Vol.	Editor	Ano	Localidades das Inscrições					
I	B. Latyshev	1885	I Tiras	II Ólbia	III Quersones o Táurica	IV Danúbio	V Bósforo	
II		1890	I Panticapeu e arredores	II Fanagoria e arredores	III Gorgíпия	IV Tánais	V Lugares incertos	
IV		1901	I Tiras e arredores	II Ólbia	III Hécate Lucus	IV Quersones o Táurica	V Neápolis Seítica	VI Ópido Sudak
			VII Ópido Stary Krym	VIII Teodósia	IX Panticapeu e arredores	X Fanagoria e arredores	XI Gorgíпия e arredores	XII Tánais

Fonte: Latyshev (1885, 1890, 1901).

Nesse contexto, o final do século XIX não representou apenas a consolidação do método científico através do modelo alemão, mas o início de uma verdadeira rede internacional de

²⁸ O terceiro volume publicado (1901) apresenta a designação IV, e não III, portanto, a sequência cronológica de publicação corresponde aos volumes I, II e IV (GUARDUCCI, 1967, p. 39).

publicações epigráficas. A sistematização iniciada com o CIG e refinada pelo IG, BMI e IPE estabeleceu os parâmetros sobre os quais a disciplina se expandiria em âmbito internacional. A transição para o século XX promoveu, portanto, a diversificação deste arcabouço metodológico já estabelecido, com novas nações assumindo a liderança na exploração de áreas específicas, como a Ásia Menor e a Síria, ampliando ainda mais o alcance da Epigrafia.

1.3.4 O século XX: a expansão internacional e a consolidação da disciplina

Com o início do século, a Epigrafia afirmou-se como um campo científico de âmbito internacional, expandindo-se para novas fronteiras geográficas e metodológicas.

A Áustria, por sua vez, concentrou os seus esforços na Ásia Menor. Sob o suporte institucional da Academia de Viena, Rudolph Heberdey e Ernest Kalinka produziram, a partir de 1901, o *Tituli Asiae Minoris* (TAM), uma obra que representou significativa contribuição para os estudos da região ao reunir inscrições não apenas gregas e latinas, mas também em idiomas locais, abrangendo áreas como a Lícia e a Lídia (GUARDUCCI, 1967, p. 39; HILL, 1901, p. 376; PLEKET, 2011, p. 171).

As missões arqueológicas francesas também geraram uma produção editorial consistente no início do século XX. As escavações em Delfos deram origem à série *Fouilles de Delphes* (FD), que, embora não concebida inicialmente como um corpus epigráfico exclusivo, tornou-se uma referência relevante em virtude do trabalho de epigrafistas como Émile Bourguet e Gaston Colin (POUILLOUX, 1988, p. 621; GUARDUCCI, 1967, p. 39). Paralelamente, a França assumiu a liderança na publicação das *Inscriptions de Délos* (I. Délos), da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, do *Corpus des inscriptions de Delphes* (CID) e das *Inscriptions grecques et latines de la Syrie* (I. Syrie/IGLS), de Louis Jalabert e René Mouterde, demonstrando o vigor da escola francesa na documentação do Oriente grego (GUARDUCCI, 1967, p. 39-40; SÁNCHEZ, 2011, p. 21). A organização das séries de Delfos pode ser observada na Tabela 7.

Tabela 7 – Volume III de *Fouilles de Delphes*: Epigrafia

Vol.	Editor	Fasc.	Ano	Localidades das Inscrições
III	E. Bourguet	1	1910-1929	Entrada do Santuário do Tesouro dos Atenenses
	G. Colin	2	1909-1913	Tesouro dos Atenenses
	G. Colin	3	1930	Monumento dos Messênios Monumento Paul-Émile Monumento de Prusias Monumento de um imperador romano (?)
	Robert Flacelière	4	1954	Terraço do Templo de Apolo Região Norte do Santuário
	E. Bourguet	5	1932	As contas do século
	Natan Valmin	6	1939	Inscrições do teatro
	Georges Daux	Fora de série	1943	Cronologia délfica

Fonte: Bourguet (1932, 1910-1929), Colin (1930, 1909-1913), Flacelière (1954), Valmin (1939), Daux (1943).

A contribuição italiana expressou-se com obras monográficas focadas nas descobertas dos sítios arqueológicos de Tripolitânia e Cirenaica, no norte da África, como a *Documenti antichi dell'Africa Italiana*, de Gaspare Oliverio, e com o trabalho de Margherita Guarducci acerca das inscrições predominantemente gregas (além das latinas) de Creta. As *Inscriptiones Creticae* (I. Cret.), publicadas entre 1935 e 1950, em quatro volumes, organizaram o material epigráfico da ilha, desde o período arcaico até a dominação romana (SÁNCHEZ, 2011, p. 21; GUARDUCCI, 1967, p. 40), como ilustrado na Tabela 8.

Tabela 8 – Volumes de *Inscriptiones Creticae* (IC)

Vol.	Ano	Localidades das Inscrições					
I	1935	I Egeu	II Amnisos	III Apolônia	IV Arbion	V Arcádia	
		VI Bianos	VII Quersoneso	VIII Cnossos	IX Dreros	X Eltínia	
		XI Heraclião	XII Idaeum antrum	XIII Inatos	XIV Istron	XV Lasaia	
		XVI Lato	XVII Lebena	XVIII Licto	XIX Mália	XX Mátala	
		XXI Milatos	XXII Olus	XXIII Festo	XXIV Priantos	XXV Piloros (?)	
		XXVI Pirantos	XXVII Raucos	XXVIII Priniás (?)	XXIX Rition	XXX Tílisos	XXXI Locais incertos
II	1939	I Allaria	II Anópolis	III Aptera	IV Aradena	V Axos	
		VI Cantanos	VII Caudos	VIII Cisamos	IX Cranaeum antrum	X Cidônia	
		XI Dictynnaeum	XII Eleuterna	XIII Elyros	XIV Hydramia	XV Hyrtacina	
		XVI Lappa	XVII Lisos	XVIII Phalanna	XIX Falasarna	XX Fênix	
		XXI Poecilasion	XXII Polichna	XXIII Polyrhenia	XXIV Retimno	XXV Sulia	
		XXVI Sybrita	XXVII Syia	XXVIII Tallaeum antrum	XXIX Tarrha	XXX Locais incertos	
III	1942	I Ampelos	II Dictaeum Fanum	III Hierapitna	IV Itanos	V Oleros	
		VI Praisos	VII Samonium Fanum	VIII Setaea	IX Locais incertos		
IV	1950	Gortínia					

Fonte: Guarducci (1935, 1939, 1942, 1950).

Além da expansão geográfica, o século XX caracterizou-se por um adensamento temático e pela inserção de estudiosos norte-americanos na linha de frente da pesquisa. Esse movimento

é representado pelo projeto *The Athenian Tribute Lists* (ATL). Vinculada à *American School of Classical Studies at Athens* e à revista *Hesperia*, esta obra não se limitou a catalogar material; a iniciativa buscou reconstruir a história econômica e política do império ateniense através das listas de tributos (GUARDUCCI, 1967, p. 40-41; KALLET, 2009, p. 43). Publicada em quatro volumes entre 1939 e 1953, sob a edição de Benjamin Meritt, Henry Wade-Gery e Malcolm McGregor, a ATL foi reconhecida como uma contribuição significativa ao estudo da história grega do século V a.C. desde a Primeira Guerra Mundial, demonstrando como a Epigrafia havia transicionado de uma ciência de coleta para uma ciência de interpretação histórica multidimensional (THOMPSON, 1991, p. 113).

Contudo, esse progresso científico sofreria uma interrupção com a deflagração da Segunda Guerra Mundial. O conflito acarretou prejuízos à área, pois houve a paralisação de grandes projetos, a destruição de acervos documentais e materiais de estudo e, sobretudo, a perda de vidas humanas, como a do epigrafista Michel Feyel (POUILLOUX, 1988, p. 622; GUARDUCCI, 1967, p. 41).

A própria estrutura institucional foi abalada; a Academia de Berlim, berço do *Inscriptiones Graecae*, viu-se isolada no setor oriental da cidade dividida, o que prejudicou as suas relações internacionais e o andamento das explorações na Grécia (SUMMA, 2017, p. 507). Ainda perante essa situação, nem tudo foi perdido: materiais epigráficos pertencentes à Academia de Berlim foram resgatados pelos esforços do epigrafista Günther Klaffenbach (GUARDUCCI, 1967, p. 41), cuja resiliência permitiu a salvaguarda de parte desse patrimônio.

O cenário do pós-guerra exigiu, portanto, uma reorganização baseada na cooperação internacional. A retomada não apenas reativou projetos paralisados, como o IG, mas reforçou a importância de publicações periódicas dinâmicas, capazes de lidar com o fluxo contínuo de descobertas que os *corpora* tradicionais demoravam a absorver.

Na Holanda, foi retomada a publicação do *Supplementum Epigraphicum Graecum* (SEG). Fundado originalmente em 1923, por Jacob Hondius, este periódico anual adotou o mesmo critério geográfico do IG e tornou-se uma referência ao compilar e atualizar os registros publicados fora dos grandes catálogos, garantindo a circulação rápida da informação (GUARDUCCI, 1967, p. 41; AST, 2008, p. 562). Convém ressaltar a longevidade e a trajetória deste projeto, uma vez que, depois de suas edições em Leiden, a partir de 1976, o SEG passou a ser editado em Amsterdam (SÁNCHEZ, 2011, p. 21).

Simultaneamente, outras publicações também ganharam destaque no âmbito da crítica científica. Em Paris, Jeanne e Louis Robert revitalizaram o *Bulletin Épigraphique* nas páginas da *Revue des Études Grecques*, oferecendo uma revisão crítica anual de tudo o que era

produzido na área; em Londres, o *The Journal of Hellenic Studies* continuou a sua tradição com Marcus Tod; e em Milão, a revista *Epigraphica*, fundada em 1939 por Aristide Calderini, firmou-se como um espaço de discussão especializada (GUARDUCCI, 1967, p. 41).

Nesse contexto de renovação, novos *corpora* nacionais surgiram com padrões editoriais aprimorados. Um caso que exemplifica essa tendência é o *Inscriptiones Graecae in Bulgaria repertae* (IGBulg.), editado por Georgi Mihailov sob o patrocínio da Academia Búlgara de Ciências. Publicada em quatro volumes²⁹ entre 1956 e 1966, a obra estabeleceu um novo paradigma ao priorizar um formato físico mais compacto e funcional e ao incluir um aparato visual detalhado, com fotografias, desenhos e mapas que elucidavam o suporte e o contexto das inscrições com uma qualidade superior à média de sua época (GUARDUCCI, 1967, p. 41; BENGTON, 1970, p. 150; CORMAK, 1960, p. 216-217).

Tabela 9 – Volumes do IGBulg.

Vol.	Ano	Localidades das Inscrições
I	1956	Costa do Mar Negro
II	1958	Região entre Danúbio e Haemus
III	1961	Região entre Haemus e Ródope
	1964	
IV	1966	Sófia, Pautalia, Nicopolis ad Mestum

Fonte: Millar (1983, p. 121), Cormak (1960, p. 216-217).

A estruturação desta rede internacional de cooperação efetivou-se na realização periódica de congressos internacionais, iniciados em 1938, e convergiu para a fundação da *Association Internationale d'Épigraphie Grecque et Latine* (AIEGL) em 1972 (GUARDUCCI, 1967, p. 41-42; BRUUN, 2015, p. 67). A Epigrafia encerrava, assim, a sua transição de uma prática de colecionismo erudito para uma ciência institucionalizada e internacionalizada.

Essa trajetória demonstra que a Epigrafia Grega não se configurou de imediato como ciência, mas é resultado de um processo gradual de acumulação e maturação do saber epigráfico. O percurso iniciou-se na Antiguidade, com o uso documental e retórico das inscrições por historiadores e oradores; transcorreu por séculos de erudição antiquária com os humanistas e colecionadores dos séculos XVI a XVIII; alcançou o estatuto de rigor científico e

²⁹ Há um quinto volume, mas é referente unicamente aos índices para os demais volumes anteriores, que constituem corpo da obra (CORMAK, 1960, p. 216).

estruturação metodológica com os grandes *corpora* geográficos da Academia de Berlim no século XIX.

A criação dos grandes *corpora*, liderada pela Academia de Berlim e seguida por outras nações, representou uma mudança de paradigma que elevou a acumulação de dados em ciência rigorosa, pautada por critérios geográficos e pela crítica textual. O século XX, por sua vez, expandiu essas fronteiras, levando a investigação epigráfica para novas regiões, aprofundando a análise histórica e econômica e estabelecendo redes de cooperação internacional que transcenderam até mesmo os conflitos mundiais.

Não obstante, o desenvolvimento da Epigrafia Grega não se restringiu ao âmbito da organização dos grandes catálogos, mas abrangeu também o refinamento das práticas cotidianas de trabalho do pesquisador. Se a história do domínio epigráfico demonstra o que foi estudado e como esse saber foi organizado institucionalmente, cabe agora compreender a dinâmica de extração desse conhecimento diretamente do suporte epigráfico. É sobre esse conjunto de procedimentos técnicos e analíticos — o método epigráfico — ao qual o capítulo a seguir se dedicará.

2 O DESENVOLVIMENTO DO MÉTODO EPIGRÁFICO

Uma vez traçado o percurso histórico da Epigrafia Grega, desde as primeiras compilações na Antiguidade até a sua institucionalização como ciência no século XIX e expansão internacional no século XX, torna-se necessário compreender como esse campo opera na prática. Se o capítulo anterior delineou o desenvolvimento do saber epigráfico e a organização do conhecimento em grandes *corpora*, o presente capítulo dedica-se a explicitar como se processa a extração e o tratamento da informação epigráfica.

No que diz respeito a um método de estudo propriamente epigráfico, a literatura especializada apresenta perspectivas que, em uma análise inicial, sugerem divergência com relação à definição de método ora como técnica, ora como processo. Autores canônicos da Epigrafia, como Robert (1961, p. 87), Guarducci (1967, p. 12) e Rougemont (1996-1997, p. 271) sustentam a inexistência de um método exclusivo da Epigrafia, sob o argumento de que o campo se constitui, essencialmente, por seu caráter interdisciplinar, valendo-se de técnicas advindas da Arqueologia, da História, da Linguística e da Paleografia. Em contrapartida, Sánchez (2011, p. 13, 15) defende que o método em Epigrafia não se resume ao somatório dessas técnicas interdisciplinares aplicadas às inscrições, mas configura-se como um processo específico de investigação. Para esse autor, o método constitui um sistema ordenado em fases lógicas, que abrangem desde a mensuração e organização das informações até a transcrição, tradução e publicação das inscrições.

Essa distinção conceitual, contudo, dissolve-se ao examinarmos as definições com maior profundidade. A divergência existe na distinção semântica entre o aparato técnico e o encadeamento processual. Enquanto a primeira vertente enfatiza as ferramentas aplicadas ao artefato epigráfico (as técnicas), a segunda foca no fluxo de trabalho (o processo). Assim, ao compreendermos o método como um conjunto de fases articuladas que empregam técnicas variadas visando à publicação científica, as visões tornam-se complementares, diluindo, dessa forma, a “divergência” resultada da confusão em relação ao termo “método”.

Com base nessa premissa integradora e considerando a prática de investigação epigráfica, segue-se a proposta de organização sugerida por Sánchez (2011, p. 15-16). O autor sistematiza o trabalho epigráfico em três etapas consecutivas, as quais aqui denominadas “Estrutura do Método Epigráfico (EME)”.

Embora essa estrutura tenha sido originalmente desenvolvida para o estudo de inscrições latinas, acreditamos que a sua aplicabilidade ao contexto da Epigrafia Grega seja plena e

adequada para ilustrar os desencadeamentos das fases de elaboração e tratamento de um artefato epigráfico de origem grega.

Essa transposição justifica-se pela natureza material do objeto de estudo: os artefatos epigráficos, independentemente do idioma neles inscrito, são passíveis de serem obtidos por etapas análogas e imutáveis de investigação. Compreende-se que o artefato epigráfico, em virtude de sua dupla natureza material e social, é portador de informações concretas decifráveis – de origem geográfica e físico-química –, bem como de dados obtidos por meio de procedimentos abstratos provenientes de outros campos das Humanidades, sobretudo das ciências históricas, linguísticas e socioeconômicas.

Nesse sentido, as etapas e os procedimentos metodológicos devem obedecer a um ordenamento que remeta, retroativamente, ao seu referencial primário: o artefato epigráfico, entendido como o suporte material – seja ele pétreo ou metálico – que sustenta o registro textual. Essa exigência justifica-se em razão de que a existência de um artefato catalogado pressupõe, necessariamente, que ele possui uma origem histórica e uma autoria humana – o lapicida ou liturgo, o artífice responsável por registrar o texto no suporte material – quase sempre anônimo.

Nesse contexto, ainda que se ignore a identidade do entalhador, a existência de uma inscrição por si mesma atesta que o artefato possui uma história intrínseca, a qual demanda ser reconstituída pelo pesquisador. É sob essa ótica que se compreende a existência de uma linearidade no método epigráfico, um fio condutor que conecta o artefato epigráfico descoberto às suas informações históricas – obtidas por meio de estudos arqueológicos, geoquímicos e documentais. Esta linearidade é justamente o princípio que rege a EME proposta por Sánchez (2011).

Convém observar, ainda, que, na proposta de Sánchez (2011), a estrutura do método não é estática. Ao contrário de suas fases estruturais – a saber: i) Autópsia; ii) Laboratorial ou De Gabinete; e iii) Publicação –, existem também outras fases ou etapas que se estabelecem de maneira flexível³⁰, pois elas evoluem conforme evoluem as técnicas empregadas, podendo, inclusive, em algum momento, tornarem-se obsoletas ou desaparecerem diante de novas tecnologias, conforme será demonstrado no próximo capítulo.

³⁰ Essas etapas são consideradas aqui como flexíveis, visto que por meio delas que se torna possível estabelecer distinções, aprimoramentos e evoluções, convergindo para o que se define como o método de Epigrafia Digital.

Tabela 10 – Epigrafia Tradicional: etapas e técnicas

ETAPAS FIXAS	ETAPAS FLEXÍVEIS DO MÉTODO TRADICIONAL	TÉCNICAS
1ª Fase: Autópsia	Coleta do artefato <i>in situ</i> :	Escavação e descoberta dos artefatos epigráficos
	Medição e descrição do artefato:	Uso de instrumentos analógicos de mensuração e descrição manuscrita do artefato
	Cópia/registro da inscrição presente no artefato:	Cópia manuscrita Fotografia (2D)
	Leitura da inscrição presente no artefato usando:	Realce a carvão (<i>charbonnage</i>) Estampagem, decalque, moldagem Luz rasante
2ª Fase: Laboratorial / Gabinete	Composição de uma ficha para cada artefato e sua inscrição:	Organização e centralização das informações obtidas na fase de autópsia do objeto epigráfico (Manuscrita/Datilograda).
	Revisão da literatura sobre a inscrição:	Coleções impressas
	Transcrição e análise do conteúdo da inscrição:	• <i>Transcrição</i>: 1- Tipo de inscrição 2- Tipo de dialeto 3- Métrica da inscrição 4- Restituição da inscrição • <i>Datação da inscrição</i> • Ajuste às Convenções/Sistema de Leiden • Tradução
3ª Fase: Publicação	Publicação impressa	Livros, revistas, artigos, etc.

Fonte: Elaboração própria com base em Robert (1961), Guarducci (1967), Rougemont (1996-1997) e Sánchez (2011).

2.1 PRIMEIRA FASE: AUTÓPSIA

A execução da estrutura do método epigráfico, conforme a sistematização adotada neste trabalho, inicia-se pela fase de Autópsia. Para fins de clareza expositiva e didática, esta etapa inaugural foi subdividida em quatro fases menores, cuja ordenação lógica reflete o contato progressivo do pesquisador com a materialidade do suporte, visando a uma compreensão precisa dos procedimentos e objetivos intrínsecos de cada fase.

Essa compreensão fundamenta-se na própria etimologia do termo “autópsia”, visto que o substantivo grego *αὐτοψία* (*autopsía*) – composto pelos elementos *αὐτός* (*autós*), “si mesmo”, e *ὥρις* (*ópsis*), “visão” – designa o ato de examinar o artefato com a inscrição, diretamente, sem intermediários, de modo a obter informações a partir dele que ajudem a compreendê-lo. Enquanto parte de um processo, a Autópsia tem por finalidade a inspeção minuciosa do objeto epigráfico, estendendo-se desde a sua localização e obtenção *in situ* até a coleta de seus dados tangíveis, como a morfologia física e as dimensões métricas, e intangíveis, mediante a documentação visual proveniente de desenhos e fotografias. Contudo, para que esse exame se concretize, é necessário primeiramente acessar o suporte no seu contexto de origem, o que conduz à etapa inicial de descoberta e coleta.

2.1.1 Coleta do artefato *in situ*

A realização da autópsia depende do acesso físico ao suporte. Neste sentido, a etapa inaugural desta fase constitui-se pela descoberta, escavação e manipulação do objeto/artefato arqueológico. Para que o objeto seja acessado, é necessário que ele “nasça”, isto é, que seja descoberto pelos arqueólogos. Esta primeira fase refere-se, portanto, à localização arqueológica exata (*in situ*) onde a peça foi encontrada, abarcando as técnicas de prospecção, escavação, transporte e de preservação do objeto.

Apesar do foco deste trabalho recair sobre o aspecto epigráfico, é pertinente que o epigrafista compreenda a origem dos dados e do objeto arqueológico do qual a sua transcrição provém. Muitas das informações usadas por ele para reconstituir a história, os caracteres e o sentido das inscrições derivam da natureza material da própria inscrição. Diferentemente do que ocorre com transcrições de papiros descontextualizados e textos literários impressos, nos quais a própria base física na qual as letras repousam raramente influencia o conteúdo textual, na Epigrafia a materialidade é intrínseca à mensagem e, por vezes, o próprio objeto elucida aquilo que está presente no corpo do texto.

Para que um artefato seja localizado, executa-se um extenso trabalho prévio de pesquisa e prospecção de campo, destinado a detectar vestígios arqueológicos no nível do solo ou subsolo. Este processo é condicionado aos recursos técnicos disponíveis em seu tempo, em boa parte de caráter analógico e trabalhoso.

Tradicionalmente, a escavação de um sítio arqueológico caracteriza-se como uma atividade laboriosa, e que demanda contingente humano numeroso para o manuseio de um ferramentário de cunho manual e analógico, como espátulas, escadas e enxadas, conforme ilustrado na Foto 1.

Foto 1 – Escavação na Ágora de Atenas: detalhe do processo manual e do uso de ferramentas analógicas



Fonte: Arquivos da *American School of Classical Studies at Athens* (ASCSA, 1931).

Concluída a etapa de descoberta e limpeza superficial, o suporte passa a ser o foco central da análise. Uma vez que a peça se torna acessível e estável, encerra-se a fase de prospecção e escavação e procede-se ao exame de suas propriedades morfológicas. É neste momento que o pesquisador, diante da materialidade exposta do objeto, procede-se ao exame minucioso de suas características físicas, etapa indispensável para a compreensão integral do artefato.

2.1.2 Medição e descrição do artefato

Uma vez que o suporte se encontra acessível, procede-se à inspeção técnica direta. Nesta etapa, a atividade do epigrafista assemelha-se, em essência, àquela realizada pelo arqueólogo: conforme observa Rougemont (1996-1997, p. 271), posto diante do artefato inscrito, cabe ao pesquisador a tarefa de observá-lo, medi-lo e descrevê-lo, tratando o suporte não apenas como um veículo de texto, mas como um objeto físico com características próprias.

A descrição deve contemplar a natureza geológica do material — distinguindo, por exemplo, entre os diferentes tipos de mármore, calcário ou bronze —, a sua coloração e, sobretudo, o estado de conservação da superfície, notando quebras ou desgastes que possam interferir na integridade física da peça (WOODHEAD, 1981, p. 69). Paralelamente, a mensuração constitui um requisito técnico que deve ser executado com rigor diretamente sobre o objeto. De acordo com Woodhead (1981, p. 76), é necessário aferir as dimensões máximas de altura, largura e espessura do item, dados brutos que definem a espacialidade do suporte.

Essa coleta de dados métricos é o que garante o registro da materialidade suporte, permitindo que o pesquisador compreenda a tipologia e a função original da peça antes de, em fases posteriores, proceder-se ao estudo sobre o texto nela inscrito. A Foto 2 ilustra essa etapa técnica de campo, na qual a aplicação de uma escala métrica ao lado do objeto documenta visualmente as suas dimensões reais.

Foto 2 – Registro técnico de fragmento de artefato epigráfico da Ágora de Atenas com escala métrica para aferição de dimensões



Fonte: Arquivos da *American School of Classical Studies at Athens: Agora Excavations* (Imagem 2008.16.0001).

Estabelecidas as características físicas e as dimensões do suporte, o pesquisador volta-se então para a captura do conteúdo nele gravado, buscando garantir uma cópia fiel dos caracteres para análise posterior.

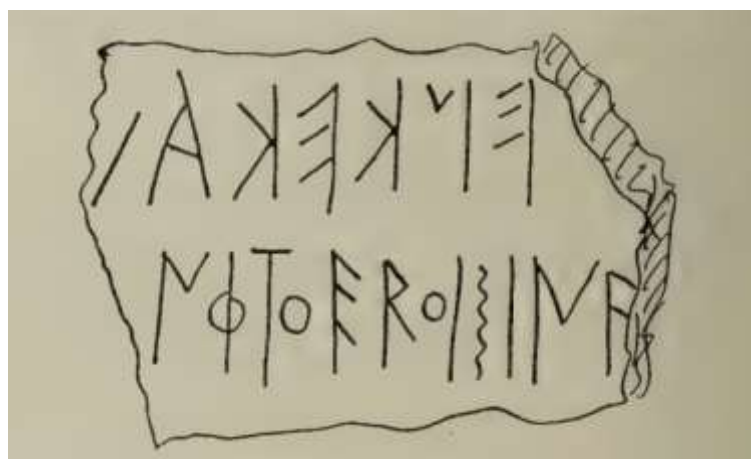
2.1.3 Cópia/registro da inscrição presente no artefato

Uma vez que o artefato com a inscrição foi descoberto no sítio arqueológico, mensurado e descrito, o método epigráfico avança para a etapa de apreensão visual do texto nele gravado. O objetivo desta etapa é obter uma cópia, um registro, uma reprodução/imagem fiel da inscrição, permitindo que o epigrafista disponha de uma base documental segura para as análises subsequentes.

De modo tradicional, a técnica para este fim consiste na elaboração da cópia por via manuscrita, desenhando-se a inscrição. Conforme descreve Rougemont (1996-1997, p. 271-272), a execução deste registro exige rigor quanto à fidelidade na reprodução dos caracteres, demandando precisão nos detalhes acerca das letras, as quais devem ser representadas, invariavelmente, em caracteres maiúsculos, tal como se apresentam no artefato epigráfico.

A Figura 6 exemplifica o resultado desta técnica manual. Nela, observa-se a cópia gráfica de uma inscrição (IG I² 484), onde se buscou replicar não apenas o conteúdo textual, mas a organização espacial e o traçado das letras. Este tipo de registro isola o texto das imperfeições naturais do suporte, oferecendo uma visualização limpa da estrutura epigráfica e evitando, nesta fase inicial, a inserção de elementos interpretativos ou o uso de minúsculas, que pertencem a uma etapa posterior de estudo.

Figura 6 – Cópia manuscrita/desenho da inscrição



Fonte: IG I² 484 (GAERTRINGEN, 1924, p. 198)

Nota-se, contudo, que a cópia manuscrita carrega uma limitação: por ser um ato de desenho, ela está condicionada à acuidade visual e às habilidades artísticas do pesquisador, permanecendo suscetível a variações subjetivas. Para complementar esse registro, Rougemont (1996-1997, p. 271) estabelece que a cópia deve ser acompanhada, sempre que possível, por fotografias, recomendando que estas sejam realizadas sob a "iluminação menos desfavorável possível", idealmente com o uso de luz rasante³¹.

Entretanto, a incorporação da fotografia como ferramenta padrão é um desenvolvimento que não acompanhou o nascimento da Epigrafia. Cayless et al. (2009, parágr. 4) observam que, na trajetória histórica dessa ciência, o uso da fotografia permaneceu um recurso escasso até a década de 1920, restringindo-se majoritariamente a grandes expedições arqueológicas bem estabelecidas. Com a sua popularização, a fotografia passou a oferecer um contraponto necessário ao desenho.

A Foto 3 demonstra a aplicação da fotografia analógica em um fragmento de inscrição grega. Diferentemente da abstração do desenho, a imagem fotográfica captura a materialidade bruta do objeto: a textura do suporte, as fraturas da pedra e o jogo de luz e sombra que define a profundidade dos sulcos das letras. Este registro mecânico atua como uma prova visual da existência física do texto, complementando a clareza do desenho manual com a objetividade da lente.

Foto 3 – Fotografia analógica de fragmento de inscrição grega



Fonte: *Archaeological Exploration of Sardis/President and Fellows of Harvard College*.

Ainda que a fotografia e o desenho forneçam uma base documental sólida, a complexidade de certas superfícies com erosão ou danificadas muitas vezes exige estratégias adicionais. Quando o registro visual bidimensional não é suficiente para distinguir o traço do

³¹ Embora citada por Rougemont (1996-1997, p. 271) no contexto do registro fotográfico, a técnica de luz rasante constitui também uma ferramenta autônoma de leitura direta (autópsia), razão pela qual os seus procedimentos técnicos e aplicação prática serão detalhados especificamente no item 2.1.4.1.

lapicida das imperfeições naturais do suporte, o método epigráfico recorre a técnicas específicas de realce físico e manipulação de luz, conforme será detalhado na etapa seguinte.

2.1.4 Leitura da inscrição presente no artefato

A etapa de leitura de uma inscrição constitui o cerne da fase de autópsia, no qual o estudioso confronta a materialidade do suporte com a necessidade de extração do texto. Este processo é condicionado pelo estado de conservação do artefato, uma vez que a exposição secular a intempéries, o reuso do material em construções posteriores ou a própria erosão geológica podem comprometer a legibilidade dos caracteres. Conforme observa Guarducci (1967, p. 16-17), há uma diferença expressiva entre inscrições preservadas sob a proteção do solo, encobertas no interior de edifícios ou mesmo aquelas que foram utilizadas como material de alvenaria para construções em relação às inscrições diretamente expostas ao ar livre, sendo estas últimas frequentemente portadoras de superfícies desgastadas que desafiam a decifração a olho nu.

Diante de superfícies onde os sulcos dos caracteres encontram-se desgastados ou danificados, a simples inspeção visual torna-se insuficiente. Para superar esses obstáculos físicos, o método epigráfico tradicional desenvolveu um conjunto de técnicas de realce e reprodução mecânica que visam recuperar o texto gravado (SÁNCHEZ, 2011, p. 16). Estas técnicas não servem apenas para facilitar a leitura, mas também para produzir fac-símiles que permitam o estudo posterior em gabinete, longe das contingências do trabalho de campo (WOODHEAD, 1981, p. 77).

2.1.4.1 Técnicas de realce e reprodução para facilitar a leitura

A operacionalização da leitura em suportes de difícil legibilidade demanda a aplicação criteriosa de protocolos que variam conforme a natureza do material e o estado de conservação da superfície. O repertório técnico tradicionalmente empregado pela Epigrafia divide-se, essencialmente, entre métodos que exigem contato físico direto — mediante a aplicação de substâncias para gerar contraste cromático ou a produção de estampagens, decalques por fricção e moldes táteis — e métodos óticos, baseados na manipulação da incidência luminosa. A seguir, detalham-se os procedimentos canônicos para maximizar a percepção dos caracteres e assegurar a reprodução fidedigna das inscrições.

2.1.4.1.1 Realce a carvão (*charbonnage*)

Para inscrições registradas sobre pedra, cuja superfície apresenta um desgaste acentuado, comprometendo a profundidade e a visibilidade dos sulcos das letras, é possível recorrer a uma técnica de realce visual baseada no contraste cromático e hidrofílico, denominada por Rougemont (1996-1997, p. 272) como *charbonnage*³². Segundo o autor, a execução desta técnica consiste no umedecimento prévio da face inscrita da pedra, seguido da aplicação cuidadosa de pó de carvão vegetal sobre toda a superfície molhada utilizando-se os dedos.

O êxito desta técnica consiste na interação física entre a umidade e o pigmento: o carvão deposita-se preferencialmente nas incisões, criando um contraste imediato com a superfície plana do suporte, que permanece mais clara. Robert (1961, p. 476) enfatiza a utilidade deste recurso no enfrentamento de leituras difíceis, observando que a água impregnada de carvão, ao acumular-se nas cavidades, revela com nitidez traços que, momentos antes, pareciam invisíveis. Em complemento, Guarducci (1967, p. 17) valida o procedimento como meio de avivar caracteres apagados, observando que a aplicação também pode ser efetuada friccionando-se um pedaço de carvão diretamente sobre a superfície molhada, sob a condição de que o carvão possua uma textura macia.

2.1.4.1.2 Cópias por contato: *estampagem, decalque e moldagem*

Uma das ferramentas mais populares do trabalho epigráfico é a produção de cópias ou impressões mecânicas por contato. Na literatura especializada em língua portuguesa, o termo “estampagem” é frequentemente utilizado, de forma genérica, para designar qualquer cópia mecânica de inscrições por contato direto. Contudo, em virtude da precisão técnica necessária ao trabalho epigráfico, o presente estudo faz a distinção metodológica baseada no processo físico aplicado ao material: reserva-se o termo “estampagem” (equivalente ao francês *estampage* e ao inglês *squeeze*) especificamente para a técnica de percussão com papel úmido; adota-se “decalque” (advindo da ideia de decalcar por fricção, do termo francês *frottis*)

³² Optou-se por mencionar o termo francês *charbonnage*, conforme a nomenclatura adotada por Rougemont (1996-1997, p. 272), em virtude da especificidade que o termo carrega no campo da Epigrafia. Em língua portuguesa, vocábulos como “carbonagem” ou “carbonação/carbonatação” remetem tecnicamente a processos industriais físico-químicos têxteis ou a contextos da indústria química e da construção civil, distanciando-se semanticamente da técnica de realce visual epigráfico. Na bibliografia lusófona, esta técnica é descrita com frequência por meio de locuções, como “uso de carvão” ou “realce a carvão”, em vez de um termo técnico substantivado.

para o registro a seco com grafite; e emprega-se o termo “molde” (do inglês *cast* ou do italiano e espanhol *calco*) para as reproduções plásticas ou tridimensionais, como aquelas executadas em gesso ou em polímeros sintéticos (látex), visto que resultam de modelagem, e não de estamparia.

Woodhead (1981, p. 77) sublinha a importância crítica deste método, argumentando que o desenho à mão livre permanece sujeito à subjetividade e à falibilidade do olhar humano, sendo assim, a menos satisfatória das formas de registro, enquanto a estampagem oferece uma reprodução tátil e objetiva da superfície inscrita.

A busca pela fidelidade de leitura através do contato direto com o suporte epigráfico pode ser realizada por meio de variações materiais. Conforme a classificação de Guarducci (1967, p. 17), o epigrafista dispõe de diferentes elementos para a cópia da inscrição sobre o suporte: i) folha de papel absorvente; ii) folha de seda e grafite; iii) gesso; e iv) borracha líquida (*liquid rubber*).

i) Estampagem em papel absorvente (*squeeze*)

Esta é a técnica clássica e, historicamente, a mais difundida no campo da reprodução epigráfica. O processo tem como princípio a maleabilidade das fibras de celulose quando úmidas. Segundo as descrições metodológicas de Woodhead (1981, p. 78), Rougemont (1996-1997, p. 272) e Guarducci (1967, p. 17), o processo inicia-se com a limpeza e o umedecimento da superfície da pedra, sobre a qual se aplica uma folha de papel de filtro específico para Epigrafia (isento de cola) também umedecida, e depois, com o auxílio de uma escova de cerdas finas e firmes e de corte chanfrado, o epigrafista percute o papel contra a pedra/suporte, forçando as fibras a penetrarem nos sulcos dos caracteres e nas irregularidades do suporte. A Foto 4 apresenta o momento exato dessa execução técnica, demonstrando o manejo da escova sobre o papel umedecido para garantir a aderência necessária à superfície da inscrição no suporte.

Foto 4 – Execução da técnica de estampagem: percussão do papel com escova de cerdas densas sobre a inscrição no suporte



Fonte: Captura de tela do vídeo “*Making an epigraphic squeeze of an ancient greek inscription*” (PROJECT KRATEROS, 2022).

Após a secagem completa, a folha retém a morfologia tridimensional da inscrição, resultando em um negativo em relevo, ou fac-símile, leve e facilmente transportável (ROUGEMONT, 1996-1997, p. 272). A resiliência e a utilidade documental destas cópias são consideráveis; o autor observa que estampagens realizadas há mais de um século continuam a ser consultadas em estudos comparativos, atestando a sua eficácia como documento de arquivo duradouro. A análise do texto, neste caso, beneficia-se de uma vantagem técnica apontada por Woodhead (1981, p. 81-82): a estampagem pode ser examinada no seu verso — o lado que esteve em contato direto com a pedra —, onde as letras se apresentam em relevo positivo. Isso permite ao pesquisador manipular a iluminação sob ângulos que seriam inviáveis no monumento original, revelando detalhes que escapariam à observação direta.

A Foto 5 demonstra a eficácia do resultado final. Ao comparar a inscrição no seu suporte original em pedra com a sua respectiva estampagem em papel, preservado no Arquivo George Bean (Universidade de Cambridge), torna-se evidente o ganho de legibilidade: o papel captura a profundidade do traçado da escrita, eliminando o ruído visual causado pela coloração ou textura do suporte, o que justifica a predominância desta técnica para realçar a leitura e a reprodução epigráfica.

Foto 5 – Comparativo de legibilidade: inscrição sobre suporte original e estampagem em papel absorvente



Fonte: Elaboração própria a partir das imagens em The George Ewart Bean Archive, Museum of Classical Archaeology, University of Cambridge.

ii) Decalque por fricção (a seco) com papel de seda e grafite (*frottis*)

Embora a estampagem com papel absorvente umedecido seja uma técnica tradicional e bem estabelecida na prática epigráfica, a conservação de certos suportes epigráficos ou a fragilidade de superfícies específicas impõem restrições ao uso da água. Nesses contextos, onde o umedecimento é desaconselhado ou onde as inscrições apresentam dimensões reduzidas que não justificam a complexidade da técnica anterior com papel absorvente, o epigrafista deve recorrer a procedimentos de fricção a seco.

Conforme descreve Guarducci (1967, p. 17), esta técnica baseia-se na aplicação de uma folha de papel de seda — ou de material com gramatura similarmente baixa — sobre a superfície inscrita do suporte. O processo de revelação do texto ocorre mediante a fricção de uma almofada contendo uma substância pigmentada, usualmente grafite, sobre o papel posicionado. O resultado visual obtido por meio desse método difere daquele produzido pela estampagem tradicional: cria-se um contraste cromático no qual a superfície plana da pedra, ao receber o pigmento, torna o papel escuro, enquanto os sulcos das letras, por estarem em baixo-relevo e não serem atingidos pelo grafite, permanecem com a cor original do papel, apresentando-se claros (GUARDUCCI, 1967, p. 17).

Essa modalidade de reprodução é frequentemente identificada em acervos e na literatura especializada, sobretudo na tradição de língua francesa, pelo termo *frottis* (fricção). A Foto 6

demonstra a eficácia visual desta técnica através de um exemplar pertencente à coleção de estampagens e *frottis* da Universidade de Liège. A imagem reforça a descrição metodológica ao demonstrar o alto contraste gerado pelo processo: o fundo texturizado e escurecido pelo pigmento atua como um negativo que projeta os caracteres em tom claro, permitindo ao pesquisador distinguir o traçado da escrita e recuperar o texto mesmo em condições onde a leitura direta da inscrição no suporte original seria comprometida pela falta de contraste natural.

Foto 6 – Exemplo de decalque por fricção (*frottis*) usando papel e grafite



Fonte: Captura de tela do vídeo “*Collection d’estampages et frottis épigraphiques*”, do Pôle Muséal et Culturel de l’Université de Liège.

Contudo, assim como o papel possui as suas limitações diante de relevos muito profundos ou superfícies excessivamente irregulares, a busca pela fidelidade tridimensional máxima conduziu o desenvolvimento do método epigráfico para materiais capazes de criar réplicas plásticas perfeitas, como será apresentado com o uso do gesso.

iii) Molde em gesso (*plaster cast*)

A utilização do gesso para a produção de cópias constitui, tecnicamente, o método de maior fidelidade visual e tátil dentre as opções de técnicas para leitura e reprodução por contato. Guarducci (1967, p. 17) classifica a execução do molde em gesso (*calco in gesso*) como a maneira mais refinada de duplicar uma inscrição, uma vez que o resultado final reproduz perfeitamente a superfície inscrita, tratando-a quase como se fosse um relevo ou uma estátua original.

Contudo, a autora adverte que esta precisão técnica acarreta desvantagens práticas, definindo o método como “certamente mais custoso e menos expedito” do que as alternativas convencionais (GUARDUCCI, 1967, p. 17). Essa falta de agilidade apontada pela epigrafista reflete as características inerentes do material: diferentemente das folhas de papel, que são leves e de fácil transporte, o gesso resulta em moldes rígidos, pesados e frágeis. Essas limitações logísticas restringem a sua aplicação quase exclusivamente a contextos controlados, como museus, ou a situações excepcionais onde a necessidade de uma réplica plástica perfeita justifique a complexidade do manuseio e do arquivamento.

A Foto 7 demonstra o resultado desta técnica através de molde em gesso (objeto referenciado em inglês como *plaster cast*) da inscrição conhecida como "Decreto de Temístocles" (séc. III a. C.). A imagem explicita a natureza rígida do fac-símile, que se apresenta não como uma película flexível, mas como um objeto volumoso que reproduz a própria estela de mármore, reiterando a inviabilidade de seu uso rotineiro em trabalhos de campo extensivos.

Foto 7 – Molde em gesso (*plaster cast*): exemplo de reprodução rígida e tridimensional



Fonte: Elaboração própria a partir das imagens em Spurlock Museum of World Cultures (artefato 1900.11.0100).

Diante dessas limitações físicas impostas pelo gesso, a metodologia epigráfica buscou, ao longo do século XX, alternativas materiais que pudessem equilibrar a alta fidelidade de reprodução com a portabilidade necessária ao pesquisador. Essa demanda por um meio que oferecesse a precisão tridimensional do molde rígido, mas com a flexibilidade e a leveza do papel, conduziu à incorporação de polímeros sintéticos modernos ao repertório técnico do epigrafista.

iv) Molde em borracha líquida (látex)

A introdução de polímeros sintéticos no repertório técnico da Epigrafia, para a execução de moldes, especificamente o uso da borracha líquida ou látex, representou uma alternativa metodológica significativa em meados do século XX. Defendida por pesquisadores como William Pritchett, essa técnica baseia-se na aplicação de camadas do material sobre a superfície do suporte epigráfico (geralmente, pedra) previamente higienizada. Após o processo de cura e solidificação, obtém-se um molde caracterizado pela flexibilidade e elasticidade, distinguindo-se das matrizes rígidas de gesso ou das texturas fibrosas do papel (PRITCHETT, 1952, p. 118).

Em uma análise crítica sobre a eficácia desse material, Woodhead (1981, p. 80-81) pondera que, não obstante a capacidade do látex em capturar detalhes da superfície com uma precisão frequentemente superior à da celulose, a sua aplicação demanda cautela por parte do epigrafista. O autor adverte sobre a contraindicação do uso em superfícies friáveis, arenosas ou em avançado estado de deterioração, visto que a aderência do material e a tração necessária para a sua remoção poderiam acarretar danos irreversíveis à integridade física da inscrição.

No que tange aos procedimentos técnicos para a execução dessa cópia, Pritchett (1952, p. 118) estabelece diretrizes específicas para assegurar a qualidade do molde. O autor recomenda a diluição prévia da borracha líquida, que possui textura espessa, com água — morna ou fria —, visando facilitar o manuseio e a penetração nos sulcos epigráficos. A estabilização do suporte rochoso é um pré-requisito, dispensando a necessidade de sustentação manual durante a aplicação e evitando oscilações que poderiam comprometer a uniformidade da película.

A preparação da superfície também é um fator determinante: a face inscrita deve estar isenta de detritos. Caso a limpeza mecânica prévia não seja viável, a aplicação de uma primeira camada fina de látex atua como um agente de limpeza, removendo as impurezas ao ser destacada. A aplicação deve ser uniforme, realizada com o auxílio de espátulas, pincéis ou manualmente, com atenção redobrada às bordas do artefato para evitar o escoamento do material, o que poderia gerar dobras ou fissuras no momento da extração, comprometendo a leitura posterior.

A metodologia descrita por Pritchett (1952, p. 118) prevê ainda a sobreposição de camadas. Após a secagem tátil da primeira aplicação, novas demãos podem ser adicionadas, permitindo controlar as propriedades óticas do resultado final: menos camadas resultam em maior translucidez, favorecendo a retroiluminação, enquanto um maior número de camadas confere maior densidade e resistência ao molde. Para fins de catalogação e referência,

recomenda-se o uso de tinta nanquim³³ — material de alta pigmentação capaz de aderir à superfície emborrachada — para a inserção de legendas diretamente na estampagem (MAYER, 1970, p. 54, 56).

A visualização prática dessas variações técnicas pode ser observada na Foto 8, que apresenta um suporte epigráfico em pedra contendo uma inscrição fragmentada em grego antigo. Neste exemplo, verifica-se um molde parcial, constituído por uma única e fina camada de látex. A semitransparência do material permite entrever a superfície pétrea subjacente, evidenciando a natureza delicada desta modalidade de aplicação.

Foto 8 – Molde parcial com borracha líquida (látex): uma camada



Fonte: Pritchett (1953, plate 5).

Em contraste, a Foto 9 revela o aspecto de um molde completo, já desvinculado do suporte original. Nota-se, neste caso, a opacidade do material e uma textura fosca, indicativos de uma maior densidade resultante da sobreposição de múltiplas camadas de látex. O resultado visual assemelha-se a um negativo fiel da inscrição sobre o suporte, preservando a tridimensionalidade dos caracteres sem a transparência observada no exemplo anterior, demonstrando a versatilidade da técnica em adaptar-se às necessidades específicas de leitura e documentação epigráfica.

³³ O termo original utilizado na bibliografia técnica é *India ink*, correspondente na variante americana à tinta nanquim. Trata-se de uma tinta de desenho preta elaborada à base do pigmento *lampblack* (carbono puro, uma variedade de pigmento obtido pela coleta da fuligem proveniente da queima de óleos e gorduras) e de aglutinantes aquosos. Esses compostos podem conter, ou não, aditivos de cor e outras propriedades específicas (MAYER, 1970, p. 54, 56).

Foto 9 – Molde completo com borracha líquida (látex): mais de uma camada



Fonte: Pritchett (1953, plate 5).

Dadas as técnicas de realce e reprodução que dependem do contato físico direto com o suporte epigráfico — seja pela aplicação de pigmentos ou pela moldagem de superfícies —, o método epigráfico dispõe ainda de recursos que prescindem de qualquer intervenção material sobre o objeto. Trata-se da manipulação estratégica da iluminação, uma abordagem que, por sua natureza não invasiva, constitui o pressuposto básico da autópsia, antecedendo ou complementando as técnicas de reprodução mecânica anteriormente descritas.

2.1.4.1.3 Luz rasante (*raking light*)

Se as técnicas de realce e reprodução para leituras difíceis, como o realce a carvão (*charbonnage*) e a estampagem dependem, em maior ou menor grau, de uma interação física com a superfície do artefato — o que pressupõe riscos à integridade de suportes friáveis ou em avançado estado de degradação —, o método epigráfico incorporou também recursos de natureza puramente ótica. A manipulação estratégica da incidência luminosa constitui, nesse sentido, uma técnica preliminar e não invasiva, que deve anteceder ou complementar as tentativas de realce e reprodução mecânica.

A técnica denominada luz rasante (ou *raking light*) baseia-se no princípio físico do contraste gerado pela projeção de sombras. O procedimento consiste na iluminação da face inscrita do suporte através de um feixe de luz posicionado em ângulo oblíquo ou agudo em relação à superfície da pedra. Diferentemente da iluminação direta ou difusa, que tende a uniformizar a superfície e ocultar a profundidade das incisões, a luz rasante explora as

irregularidades do relevo: ao incidir lateralmente, a luz não penetra no fundo dos sulcos dos caracteres, criando sombras projetadas que desenharam o texto em negativo contra a superfície iluminada (WOODHEAD, 1981, p. 84).

A aplicação dessa técnica é referendada na literatura especializada. Enquanto Woodhead (1981, p. 84) destaca que a luz oblíqua é o que torna a inscrição no suporte “clara para ler”, Rougemont (1996-1997, p. 271) sublinha que esta iluminação, a qual denomina “frisante”, constitui a condição ideal para o registro fotográfico documental. O contraste obtido permite ao epigrafista distinguir o traçado intencional do lapicida das erosões geológicas e das fraturas acidentais da pedra, revelando detalhes epigráficos que, sob luz natural incidente ou iluminação plana, permaneceriam imperceptíveis (ROBERT, 1961, p. 461).

A eficácia deste método reside na sua simplicidade operacional aliada a um alto rendimento analítico. Ao dispensar o uso de reagentes químicos ou materiais de moldagem, a luz rasante viabiliza o exame repetido da inscrição sob diferentes ângulos de incidência, permitindo o mapeamento completo da superfície sem submeter o artefato ao estresse mecânico. A Foto 10 ilustra a aplicação prática desta técnica, evidenciando como o controle da direção da luz recupera a legibilidade de caracteres desgastados pelo tempo.³⁴

Foto 10 – Luz rasante aplicada a uma inscrição



Fonte: Captura de tela do vídeo “*Reading inscriptions with raking light*” (MCDONALD, 2022).

³⁴ Embora o foco deste trabalho seja a epigrafia grega, a seleção desta imagem justifica-se por sua excelência didática na demonstração do efeito de contraste gerado pela luz rasante. O princípio técnico aqui ilustrado aplica-se universalmente à prática epigráfica, independentemente do sistema de escrita ou do idioma gravado no suporte.

As técnicas apresentadas na fase de Autópsia — desde a coleta e mensuração até a aplicação de métodos de realce por contato (realce à carvão/*charbonnage*, látex) e óticos (luz rasante) — demonstram que o método epigráfico tradicional opera mediante uma aproximação progressiva do objeto. Parte-se da materialidade bruta do suporte epigráfico para, gradualmente, isolar e recuperar o texto nele inscrito. Concluída esta etapa de extração e registro dos dados primários, o processo de investigação desloca-se do campo para o ambiente de análise, inaugurando a segunda fase da estrutura metodológica: a fase laboratorial.

2.2 SEGUNDA FASE: LABORATORIAL OU DE GABINETE

Após a conclusão das atividades nas quais o suporte e as suas características materiais foram examinados, o método epigráfico avança para um estágio de natureza eminentemente analítica e intelectual, desenvolvida em escritório e/ou laboratório. Esta segunda fase, denominada Laboratorial ou de Gabinete, constitui o núcleo da investigação científica propriamente dita, momento em que os dados brutos coletados através da autópsia são processados, sistematizados e interpretados à luz do conhecimento filológico e histórico.

De acordo com a sistematização proposta por Sánchez (2011, p. 15), o trabalho desenvolvido nesta fase estrutura-se sobre tarefas que permitem transformar a observação empírica em conhecimento estruturado. Essas tarefas compreendem: i) a composição de um registro individualizado para cada artefato e sua inscrição; ii) o levantamento bibliográfico exaustivo; e iii) a transcrição e análise do conteúdo inscrito.

2.2.1 Composição de uma ficha para cada artefato e a sua inscrição

A etapa primeira do trabalho de gabinete consiste na organização sistemática de todo o material coletado até então. Trata-se da elaboração de uma ficha técnica individualizada — uma espécie de dossiê do artefato epigráfico — que deve reunir não apenas as descrições físicas e as mensurações obtidas durante a autópsia, mas também todo o acervo visual produzido, incluindo fotografias, desenhos e estampagem. Esta centralização de dados é necessária para assegurar que a análise posterior esteja amparada em uma base documental sólida e acessível, permitindo ao epigrafista revisitar as características materiais do objeto sempre que a interpretação textual assim o exigir.

2.2.2 Revisão da literatura sobre a inscrição

Concomitantemente à organização dos dados físicos, há a necessidade de situar a inscrição no corpus do conhecimento acumulado. A revisão da literatura, nesta etapa, transcende a formalidade bibliográfica; trata-se de um procedimento crítico. Segundo Sánchez (2011, p. 16), é nesta fase preliminar que se determina se a inscrição é inédita ou não, e onde se obtém a "informação precisa sobre as variantes na leitura e descrição da epígrafe que outros autores publicaram anteriormente".

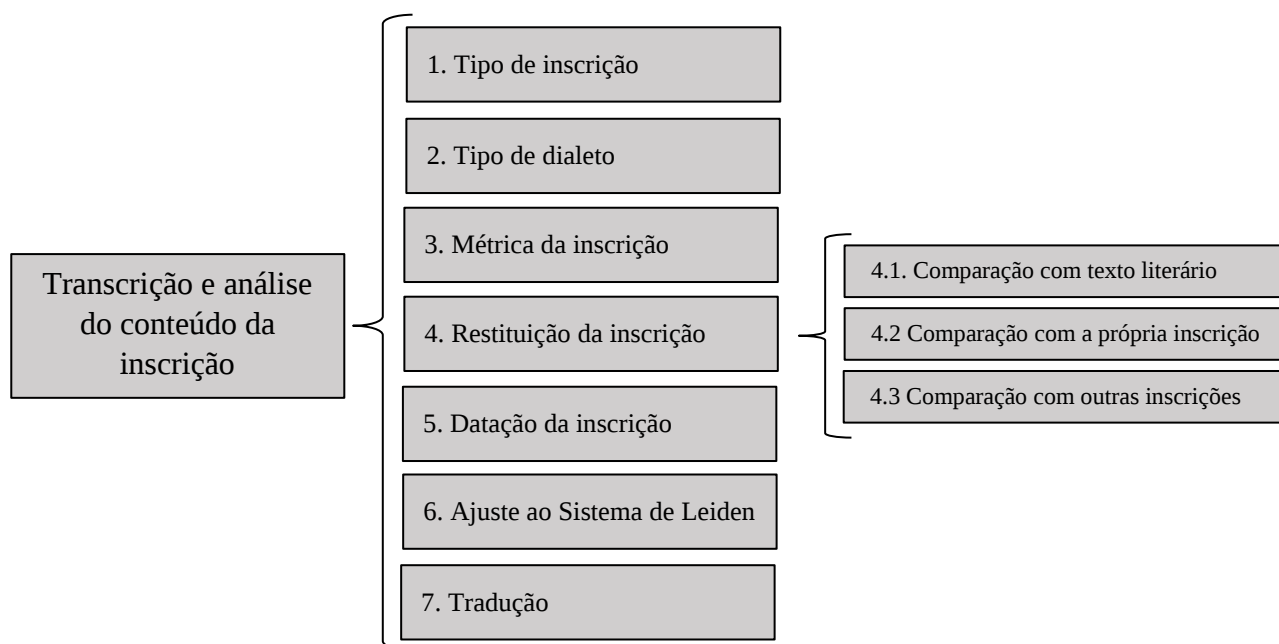
Quando existem registros prévios, o trabalho de gabinete exige um rigor filológico apurado. Conforme preceitua Guarducci (1967, p. 23), cabe ao epigrafista a tarefa de "colocar aquelas cópias em confronto entre si e discutir as suas variantes", com o intuito de restabelecer o texto primitivo. Este levantamento exaustivo é o que fornece a base para a construção do lema epigráfico (*lemma*), a seção introdutória da edição que reúne as referências cruzadas das principais coleções onde a inscrição foi publicada e estabelece as concordâncias entre os diferentes números de catálogo que o artefato epigráfico recebeu ao longo do tempo, a sua identidade histórica.

Ademais, esta revisão alimenta a elaboração do aparato crítico (*apparatus criticus*). Louis Robert (1961, p. 479) enfatiza que não basta consultar as edições anteriores passivamente; é necessário "meditar sobre o aparato crítico" onde editores conscienciosos apresentaram o trabalho do passado, a fim de "extrair a lógica dos raciocínios". Portanto, a revisão literária atua como o alicerce que sustenta tanto a identidade histórica (Lema) quanto a integridade textual (Aparato) da inscrição.

2.2.3 Transcrição e análise do conteúdo da inscrição

A etapa mais complexa desta fase encontra-se na transcrição e análise do conteúdo. Frequentemente, o epigrafista depara-se com suportes epigráficos que sofreram a ação do tempo ou intervenções humanas, apresentando-se fragmentados ou mutilados (ROBERT, 1961, p. 107). Dada a existência dessas lacunas, a reconstituição e o estabelecimento do texto exigem a aplicação de técnicas filológicas e históricas. Conforme ilustrado na Figura 7, este processo não ocorre de forma aleatória, mas obedece a um encadeamento lógico de técnicas que se estende desde a classificação inicial da inscrição até a tradução final.

Figura 7 – Técnicas de transcrição e análise do conteúdo da inscrição



Fonte: Elaboração própria.

A esquematização apresentada na Figura 7 demonstra que o tratamento do conteúdo epigráfico segue uma progressão sistemática, obedecendo a uma sequência lógica de investigação que parte das características gerais do documento epigráfico para as suas particularidades. O fluxo inicia-se com a definição da natureza do texto (tipo/classificação e dialeto) e a sua estrutura física (métrica), avançando para a restituição das partes perdidas, a datação precisa, a formatação científica (Sistema de Leiden) e, por fim, a tradução. Para que a transcrição seja fidedigna e as eventuais restituições sejam plausíveis, é necessário que o pesquisador compreenda, previamente, a natureza funcional e o gênero textual do artefato epigráfico. Dessa forma, o ponto de partida para a análise do conteúdo recai sobre a classificação da inscrição, visto que a identificação de sua categoria dita o "horizonte de expectativa" quanto às fórmulas, ao vocabulário e à estrutura que serão encontrados no texto.

2.2.3.1 Tipo da inscrição

A determinação do tipo da inscrição constitui o passo inicial para a transcrição e a análise do seu conteúdo, uma vez que a identificação do gênero textual orienta as expectativas do epigrafista quanto à estrutura e ao vocabulário da inscrição. Para realizar essa tarefa, o método epigráfico recorre a dois eixos de análise: primeiro diz respeito à distinção da função social da inscrição (nas esferas pública e privada); e o segundo, aos indícios materiais e textuais que

permitem essa definição, pautados tanto no contexto arqueológico quanto em fórmulas presentes no texto.

i) Categorização por esferas de autoridade

Existe uma distinção preliminar que organiza a maior parte do corpus epigráfico grego, dividindo-o de acordo com a esfera de origem. Conforme estabelece Woodhead (1981, p. 36), as inscrições são classificadas majoritariamente entre as esferas pública e privada. Na primeira, englobam-se o conjunto de atos oficiais do Estado grego (incluindo também as suas subdivisões administrativas – demos e tribos), como decretos, registros financeiros, inventários de tesouros e dedicatórias aos deuses e dedicatórias cívicas; a segunda, a esfera privada, abarca os documentos que emanam da vontade particular, tais como monumentos funerários, dedicatórias pessoais, testamentos, manumissões e contratos de propriedade.

Essa categorização funcional, contudo, enfrenta limites práticos impostos pelo estado de conservação dos artefatos. Woodhead (1981, p. 35) ressalta que, após o esforço de classificação, é comum que reste um resíduo documental que desafia uma atribuição definitiva. Seja por excessiva fragmentação, mutilação ou ambiguidade do conteúdo, certas inscrições não oferecem elementos suficientes para serem enquadradas nas categorias principais, sendo tratadas na prática epigráfica sob designações genéricas de "variadas" (*varia*) ou "fragmentos incertos" (*fragmenta incerta*).

ii) Critérios de identificação: contexto arqueológico

No que tange à identificação, Woodhead (1981, p. 36-37) estabelece que o primeiro critério analítico deve pautar-se na relação inerente entre a inscrição e o seu contexto arqueológico de origem. Para o autor, a localização específica do achado — seja um templo, uma ágora ou uma necrópole — oferece parâmetros prévios para que se possa inferir a funcionalidade e a categoria do registro epigráfico, e ilustra essa premissa através do exemplo do santuário de Asclépio, em Epidauro: ao escavar o ambiente, a expectativa natural do pesquisador deve voltar-se para a predominância de dedicatórias à divindade, registros de curas e despesas de construção do templo, distinguindo-se, portanto, de áreas como cemitérios, onde a probabilidade recairia sobre textos funerários. Assim, a análise com base no contexto de origem atua como um filtro preliminar, restringindo as possibilidades interpretativas antes mesmo da transcrição detalhada da inscrição.

iii) Critérios de identificação: estrutura interna e fórmulas epigráficas

Além do contexto arqueológico, a identificação tipológica pode ser realizada com base na análise das características textuais. Segundo Woodhead (1981, p. 37), na maioria dos casos, o gênero da inscrição é prontamente reconhecível porque as estruturas gerais dos textos tendem a ser reproduzidas de forma consistente por toda a Grécia, apresentando apenas variações locais de detalhe. O autor elenca, então, os elementos internos que permitem categorizar as inscrições:

1. Decretos: Para esta categoria, Woodhead (1981, p. 38) destaca a presença de fórmulas de sanção ou cláusulas introdutórias, isto é, padrões que se repetem, que sinalizam uma decisão coletiva. O autor cita como modelo clássico a fórmula que introduz decretos atenienses *ἔδοξεν τῇ βουλῇ καὶ τῷ δήμῳ* (*édoksen tēi boulēi kai tōi dēmōi*) — "pareceu bem ao Conselho e ao Povo", argumentando que a sua ocorrência, mesmo em versões reduzidas, como *ἔδοξεν τῷ δήμῳ* (*édoksen tōi dēmōi*) — "pareceu bem ao Povo", define a natureza legislativa do texto.
2. Inventários, Catálogos e Contas: Woodhead (1981, p. 40) agrupa estas inscrições sob uma característica comum: a estrutura de lista simples, introduzida por cabeçalhos que indicam o conteúdo e, quando aplicável, os valores monetários. No caso específico de inventários de tesouros sagrados, o autor destaca a presença de fórmulas introdutórias padrão para detalhar a transição de responsabilidade entre oficiais, datação e os nomes dos envolvidos, apresentando o seguinte modelo textual: "‘Isto é o que os tesoureiros (de, por exemplo, Atenas), no ano de w, quando x era secretário, entregaram ao conselho de tesoureiros consistindo em y e seus colegas’" – estrutura que corresponde à fórmula grega exemplificada por Woodhead (1981, p. 48): *τάδε παρέδосαν οἱ ταμίαι...* (*táde parédosan hoi tamíai...* — "Estas coisas entregaram os tesoureiros...").
3. Dedicatórias: Quanto a esta categoria, Woodhead (1981, p. 41) aponta que a identificação ocorre frequentemente pela presença de verbos dedicatórios específicos, como *ἀνέθηκε* (*anéthēke*, "dedicou"), ou pelo uso de termos correlatos que estabelecem o vínculo formal entre o dedicante, o objeto ofertado e a divindade destinatária.

Uma vez estabelecida a tipologia da inscrição — se um decreto, uma dedicatória ou um inventário —, o processo de investigação epigráfica avança para o exame das particularidades linguísticas do texto, no que tange a transcrição e análise do seu conteúdo. A definição do gênero textual precede, portanto, a próxima etapa crítica do método: a identificação do dialeto e das especificidades locais que influenciam a grafia e a morfologia das palavras da inscrição.

2.2.3.2 Tipo do dialeto

Estabelecida a categoria da inscrição, a investigação epigráfica volta-se para a sua constituição linguística. A língua grega na Antiguidade caracterizava-se por uma heterogeneidade dialetal que se reflete diretamente na escrita, exigindo do pesquisador a identificação precisa da variante utilizada para assegurar uma transcrição e datação fidedignas, bem como para atribuir a origem geográfica do texto caso esta seja incerta.

O contexto geográfico da descoberta fornece o indício primário para essa determinação. Presume-se, a princípio, que a inscrição tenha sido elaborada no dialeto local ou regional correspondente ao sítio arqueológico. No entanto, essa premissa não deve ser tomada como absoluta. A mobilidade dos suportes físicos, seja por deslocamentos ocorridos ainda na Antiguidade, seja pelo reemprego de materiais em construções de períodos posteriores — prática observada por Sánchez (2011, p. 15) em contextos medievais e contemporâneos —, impõe a necessidade de cautela quanto à origem.

Sob esse aspecto, a investigação para validar a atribuição dialetal pauta-se na análise minuciosa dos registros documentais obtidos na fase anterior de Autópsia. É através do exame detalhado das cópias manuscritas, das estampagens e das fotografias que o epigrafista busca extrair a maior quantidade possível de informação visual do texto. A qualidade desses registros apresenta-se como um fator condicionante: quanto mais refinadas forem as imagens e as reproduções da superfície inscrita, maior será a precisão na identificação dos elementos gráficos e linguísticos, permitindo a distinção de traços sutis que definem a identidade do texto.

A partir desses registros visuais, o método tradicional recorre ao exame dos caracteres e da gramática. Antes da unificação da escrita grega, consolidada com a adoção oficial do alfabeto jônico por Atenas em 403 a.C., as diversas regiões do mundo helênico utilizavam alfabetos epicóricos com particularidades gráficas distintas (GUARDUCCI, 1967, p. 24). A observação dessas formas — como a grafia de vogais longas ou o uso de caracteres específicos para sons aspirados — aliada ao conhecimento da gramática histórica, permite situar o texto no tempo e no espaço com maior precisão.

Para além dos aspectos puramente gráficos, a análise morfológica e fonética do texto inscrito é de suma relevância. Como exemplifica Woodhead (1981, p. 18), a variação no emprego do caractere H — ora representando a aspiração rude (em dialetos como o ático arcaico), ora a vogal longa eta (no sistema jônico) — constitui um marcador distintivo. Essa distinção fonética e gráfica importa para a localização e datação da inscrição, permitindo ao epigrafista identificar a procedência do texto pela norma de escrita adotada. A importância desse exame está no fato de que, conforme argumenta Chabert (1906, p. 5), a tradição dos manuscritos literários tendeu a uniformizar as formas dialetais devido à intervenção dos copistas ao longo dos séculos, enquanto as inscrições fixaram a língua autêntica de seu tempo e lugar. É nesse sentido que Rougemont (1996-1997, p. 266) classifica as inscrições como fontes insubstituíveis, contendo "as informações mais precisas [...] e até mesmo, em certos casos, as únicas informações disponíveis sobre [...] a maioria dos dialetos gregos", suprimindo assim as lacunas deixadas pela literatura.

Assim, munido dos registros visuais produzidos na fase de autópsia e apoiado por gramáticas e léxicos especializados, o epigrafista decodifica as marcas regionais e temporais que definem a identidade linguística do texto. Essa identificação do dialeto não encerra a investigação, mas estabelece a base necessária para a etapa seguinte: compreendendo as normas da língua ali gravada, o pesquisador pode avançar para o exame da organização espacial dos caracteres, buscando identificar a existência de uma lógica métrica ou rítmica na composição, procedimento analítico recomendado por Guarducci (1967, p. 20) para guiar a transcrição.

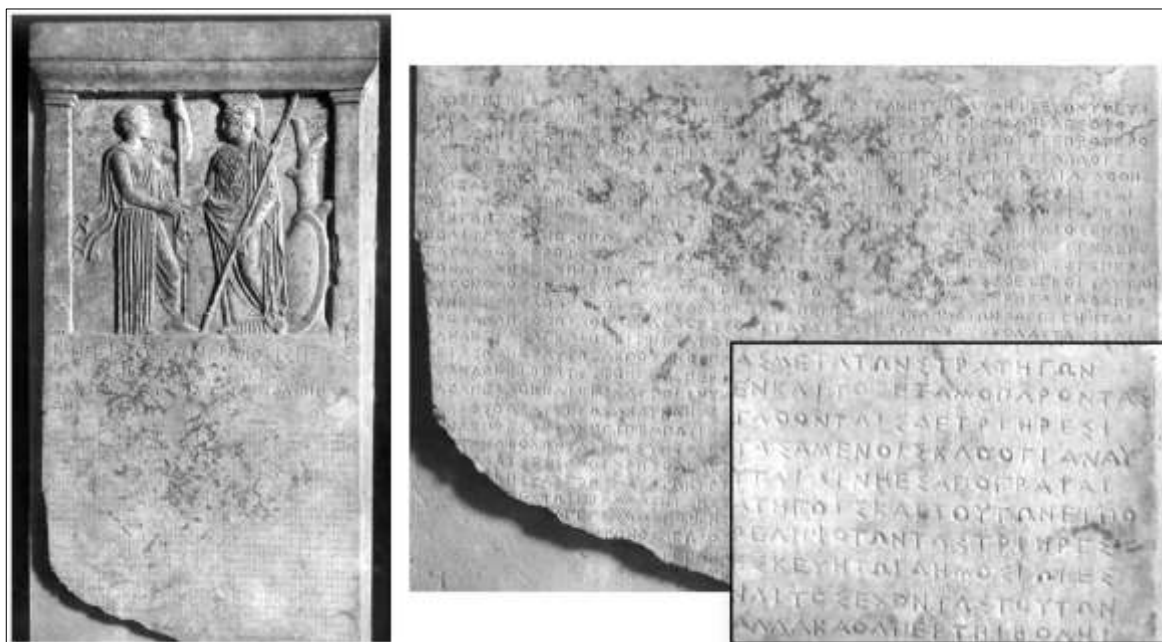
2.2.3.3 Métrica da inscrição

A técnica de transcrição também inclui a análise da organização espacial do texto no suporte epigráfico. Esta etapa, denominada aqui por métrica da inscrição, consiste no esforço de determinar a lógica de distribuição dos caracteres, calculando o número de letras que compõem — ou, no caso de inscrições mutiladas, que compunham — cada linha do texto. A compreensão dessa arquitetura visual é o requisito prévio para que o epigrafista possa dimensionar a extensão das lacunas a serem preenchidas.

O cenário mais favorável para esse cálculo ocorre quando a inscrição apresenta o estilo denominado *στοιχηδόν* (*stikhēdón*, *stoichedon* na literatura especializada), cujo termo, segundo Woodhead (1981, p. 30), deriva da ideia de *κατὰ στοίχους* (*katà stoíchous*, “em filas” ou “por fileiras”), evocando originalmente a imagem de uma formação militar, onde a posição de cada elemento é pontualmente determinada. Transposto para a prática epigráfica, esse

conceito designa um sistema no qual os caracteres não apenas se sucedem na linha, mas ocupam um espaço fixo em uma grade imaginária, alinhando-se vertical e horizontalmente com os caracteres das linhas adjacentes (WOODHEAD, 1981, p. 30). Essa regularidade geométrica, predominante na Ática durante os séculos V e IV a.C. (GUARDUCCI, 1967, p. 20), fornece ao epigrafista um parâmetro seguro: uma vez estabelecido o número de letras de uma linha intacta, é possível deduzir com precisão a quantidade de caracteres faltantes nas áreas danificadas, tratando o texto como uma equação espacial. A Figura 8 ilustra visualmente a rigidez desse alinhamento ortogonal.

Figura 8 – Inscrição IG II² 1: estela completa e detalhe do estilo *στοιχηδόν* (*stoichedon*)



Fonte: Elaboração própria com base nas imagens de Center for Epigraphical and Palaeographical Studies, The Ohio State University.

Para além da regularidade do espaçamento, a análise métrica deve considerar também a direção da escrita, um fator relevante em inscrições mais antigas, anteriores à padronização do alinhamento clássico. Woodhead (1981, p. 24-26) descreve o estilo *βουστροφηδόν* (*boustrophēdón*), no qual as linhas se alternam sequencialmente da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, assemelhando-se ao movimento de um boi arando a terra. Embora menos frequente nas inscrições que consolidaram o padrão *stoichedon* (WOODHEAD, 1981, p. 26, 30), o reconhecimento desse fluxo textual alternado é necessário para que o epigrafista evite erros de leitura e de sequenciamento durante a transcrição e a contagem dos caracteres.

No entanto, a simetria perfeita nem sempre se verifica. Woodhead (1981, p. 32-33) adverte sobre a existência de inscrições *quasi-stoichedon*, nas quais a rigidez do alinhamento é

rompida por fatores práticos: o lapicida poderia variar o espaçamento para enfatizar uma palavra ou linha específica, para acomodar o texto em uma superfície irregular ou, ainda, para respeitar a divisão silábica natural das palavras, evitando quebras arbitrárias exigidas pela grade estrita. Nesses casos, a grade serve apenas como uma guia aproximada, exigindo do pesquisador uma margem de flexibilidade no cálculo das lacunas.

A complexidade aumenta diante de inscrições que não seguem o padrão *stoichedon*. Nessas situações, onde a largura das letras varia e o espaçamento é irregular, o cálculo mecânico torna-se inviável. Para superar essa dificuldade, Guarducci (1967, p. 20) propõe que o epigrafista observe o "ritmo" com que os caracteres se sucedem, recomendando, como expediente metodológico, o exercício de desenhar a inscrição integralmente — ou a seção sob análise —, incluindo as restituições hipotéticas, de modo que este procedimento manual e visual permite ao pesquisador perceber eventuais "desarmonias" na distribuição do texto, testando empiricamente se as palavras sugeridas se adequam fisicamente ao espaço disponível na pedra. Em complemento a essa abordagem visual, Woodhead (1981, p. 71) propõe um método estatístico: o cálculo do número médio de letras por linha ou por unidade de medida, o que, embora mais flexível que a grade *stoichedon*, estabelece limites tangíveis para as propostas de preenchimento.

Dessa forma, a análise métrica, seja pela contagem matemática no sistema *stoichedon*, pela identificação do fluxo no *boustrophēdōn* ou pela percepção rítmica nas inscrições irregulares, delimita o campo de possibilidades para a intervenção editorial. Ao definir o espaço físico e a direção que o texto ocupava, o epigrafista estabelece as fronteiras materiais dentro das quais deverá operar a etapa seguinte e final da análise de gabinete: a restituição do conteúdo perdido da inscrição.

2.2.3.4 Restituição da inscrição

Uma vez compreendida a organização espacial da inscrição e dimensionada a extensão das lacunas por meio da análise métrica, o trabalho epigráfico avança para a etapa de restituição textual. Este procedimento torna-se necessário em virtude da condição material dos artefatos epigráficos, visto que, conforme observa Guarducci (1967, p. 19), a maioria das inscrições gregas remanescentes chegou à contemporaneidade em estado fragmentário, apresentando superfícies desgastadas ou mutilações resultantes tanto da ação do tempo quanto de intervenções humanas.

A tarefa de preencher as lacunas identificadas não ocorre de maneira arbitrária; ao contrário, deve fundamentar-se em critérios filológicos e no cruzamento de dados contextuais. O objetivo é recuperar, dentro dos limites do provável e do verificável, o sentido original do texto que foi perdido. Para tanto, o epigrafista dispõe de diferentes vias metodológicas de investigação para integrar as partes faltantes. Essas estratégias de recuperação textual variam conforme a natureza da inscrição e os recursos disponíveis, podendo basear-se em paralelos literários, na lógica interna da própria inscrição ou na comparação com o corpus epigráfico existente (GUARDUCCI, 1967, p. 19-21). A primeira dessas possibilidades, que envolve o diálogo entre a inscrição e a tradição escrita, será detalhada a seguir.

2.2.3.4.1 Comparação com contexto literário

Conforme elucida Guarducci (1967, p. 19), a restituição de uma inscrição mutilada pode ocorrer, em circunstâncias específicas, através do confronto direto com um texto literário. Este recurso torna-se exequível quando o documento, hoje fragmentado, foi copiado integralmente por um autor antigo em sua obra, preservando-se assim o seu conteúdo através da tradição literária. Nessa circunstância específica, o epigrafista pode realizar a recomposição das lacunas apoiando-se na versão literária, que atua como um gabarito para a leitura dos vestígios epigráficos do artefato.

Entretanto, a viabilidade prática desse recurso encontra-se condicionada a fatores excepcionais. Guarducci (1967, p. 19) adverte que a coincidência entre a preservação do suporte epigráfico e a existência da cópia literária da inscrição constitui um evento de relativa raridade no corpus documental. A escassez desses paralelos externos acabar por sujeitar, portanto, o epigrafista a explorar outras vias metodológicas, voltando-se para a análise da estrutura interna da própria inscrição para restituir as suas lacunas textuais.

2.2.3.4.2 Comparação com a própria inscrição

Na impossibilidade de recorrer ao contexto literário/paralelos literários, a investigação epigráfica volta-se para a estrutura própria do documento. Conforme observa Guarducci (1967, pp. 20-21), a própria inscrição oferece, por vezes, a possibilidade de sua restituição através do confronto entre as suas partes conservadas e as seções lacunares. Este procedimento tem como base a recorrência textual: um termo, um nome próprio ou uma frase característica que esteja

de maneira íntegra em determinada linha do texto pode servir de paradigma seguro para restituir o mesmo elemento em uma passagem mutilada.

No entanto, a eficácia deste recurso não é absoluta, visto que depende de uma circunstância material favorável. O êxito da restituição interna está condicionado à existência de repetições no corpo do texto e à condição de que ao menos uma dessas ocorrências tenha sobrevivido intacta aos danos sofridos pelo suporte epigráfico. Quando a inscrição não apresenta essas reiteraões, ou quando o desgaste compromete a leitura de todas as instâncias do termo, torna-se necessário expandir o escopo da análise comparativa para além dos limites da própria inscrição, buscando analogias em outros registros epigráficos.

2.2.3.4.3 *Comparação com outras inscrições*

Esgotadas as possibilidades de restituição interna ou literária, a investigação expande-se para o confronto com o corpus epigráfico externo. Nesse contexto, Guarducci (1967, p. 21) destaca como método a identificação e o emprego das fórmulas epigráficas. Retomando o conceito já abordado na etapa de classificação tipológica da inscrição (cf. item 2.2.3.1), estas expressões não servem apenas para categorizar, mas atuam nesta etapa como ferramentas de reconstrução textual.

A pertinência desse recurso está na recorrência padronizada dessas estruturas em categorias específicas de documentos epigráficos. Visto que essas fórmulas obedecem a normas rígidas vinculadas a contextos cronológicos e geográficos determinados, o seu reconhecimento permite ao especialista preencher as lacunas textuais com segurança, baseando-se na previsibilidade da linguagem oficial ou ritual vigente na época (GUARDUCCI, 1967, p. 21).

O processo reconstrutivo apoia-se, ainda, em um arcabouço de conhecimentos auxiliares. Guarducci (1967, p. 21, 22) elenca o domínio da onomástica, a compreensão profunda dos dialetos gregos e a consulta a vocabulários especializados como instrumentos necessários para inferir os termos ausentes e, ainda, para as situações em que a mutilação do artefato epigráfico preservou apenas as terminações das palavras, a autora aponta a utilidade dos léxicos retrógrados — obras organizadas a partir da última letra dos vocábulos —, que possibilitam a recuperação do termo original a partir de seus sufixos remanescentes.

Além do recurso de caráter filológico, o processo de restituição dos elementos faltantes de uma inscrição beneficia-se da análise espacial do suporte epigráfico, atuando como um mecanismo de controle para as hipóteses levantadas. Resgatando a discussão sobre a métrica (cf. item 2.2.3.3), Woodhead (1981, p. 71) argumenta que o estilo *stoichedon* oferece um

parâmetro matemático nesta etapa: uma vez que o alinhamento regular dos caracteres define o número exato de espaços disponíveis, qualquer restituição sugerida pela comparação com outras fórmulas ou vocabulários deve, obrigatoriamente, adequar-se aos limites físicos impostos pela grade epigráfica. Dessa forma, a análise espacial corrobora as proposições textuais, assegurando que a reconstrução seja não apenas linguisticamente plausível, mas materialmente possível. Com a configuração do texto assim definida — ou reconstituída até o limite permitido pelo artefato epigráfico —, forma-se a base documental para a etapa seguinte: a determinação da cronologia da inscrição.

2.2.3.5 *Datação da inscrição*

Com a definição do texto e o preenchimento das lacunas através da restituição, a investigação epigráfica volta-se para o enquadramento da inscrição na linha do tempo. Este procedimento, a datação da inscrição, é relevante para que o artefato epigráfico deixe de ser um objeto isolado e passe a integrar o corpus histórico como fonte documental contextualizada.

A atribuição de uma data é uma tarefa de competência técnica que deve ser assumida pelo epigrafista durante a análise. Segundo adverte Woodhead (1981, p. 52), não basta fornecer o aparato visual do artefato epigráfico — como fotografias ou desenhos — e transferir a responsabilidade da datação para quem consulta o material; essa atribuição recai sobre o especialista, uma vez que a definição cronológica exige um domínio de habilidades epigráficas e um conhecimento profundo que, geralmente, estão fora do alcance de um observador não especializado. Desta forma, a determinação da cronologia constitui uma etapa obrigatória do trabalho de gabinete, garantindo que o estudo não permaneça incompleto quanto à sua localização temporal.

O processo de datação pode ser norteado, primeiramente, em evidências internas do próprio texto. Conforme esclarece Guarducci (1967, p. 23), a presença do nome de um magistrado cujo ano de exercício seja conhecido, a menção a um personagem célebre ou a referência a eventos históricos identificáveis constituem elementos que fornecem coordenadas cronológicas seguras, inclusive, em circunstâncias favoráveis, esses dados permitem uma precisão que ultrapassa a identificação do ano, alcançando a determinação do mês ou até mesmo do dia em que a inscrição foi produzida. Contudo, é necessário contrapor essa possibilidade à realidade prática apontada por Woodhead (1981, p. 52) de que essa exatidão representa a exceção, não a regra; na maioria dos casos, a ausência de marcadores temporais explícitos

inviabiliza uma datação pontual, restando ao pesquisador a tarefa de enquadrar a inscrição dentro de um período histórico mais abrangente.

Diante da inexistência de elementos cronológicos explícitos na inscrição, o método epigráfico recorre a critérios externos e comparativos. Guarducci (1967, p. 23) sistematiza esses recursos em quatro categorias auxiliares: os dados arqueológicos, a análise dialetal, o estudo paleográfico dos caracteres e o exame das fórmulas epigráficas. No que tange à Arqueologia, a cronologia pode ser inferida por associação estratigráfica, correlacionando o suporte epigráfico ao estrato onde foi encontrado, ou pela análise estilística da superfície do monumento, cuja decoração ou acabamento pode ser atribuída a períodos artísticos específicos (GUARDUCCI, 1967, p. 23).

Essa dependência de informações materiais reforça o caráter interdisciplinar da Epigrafia. A origem e as características físicas do documento epigráfico — que variam em níveis de complexidade — constituem critérios que demandam o aporte da arqueologia e da história da arte, uma vez que a interpretação da inscrição não pode ser dissociada do conhecimento produzido pelas ciências correlatas (WOODHEAD, 1981, p. 53-54).

Complementarmente, a dimensão linguística oferece subsídios para a datação. O próprio dialeto em que o texto foi redigido atua como marcador temporal, desde que as formas linguísticas empregadas possam ser situadas em uma linha de variação conhecida. De modo análogo, as fórmulas epigráficas — estruturas fixas de linguagem jurídica ou religiosa — assumem aspectos diversos nas várias épocas, permitindo que a sua identificação guie a atribuição cronológica da inscrição (GUARDUCCI, 1967, p. 23; 24).

Estabelecido o texto, restituídas as lacunas da inscrição e definida a sua posição no tempo, o trabalho de gabinete encaminha-se para a formalização editorial desses resultados. A fim de conferir legitimidade científica à transcrição e garantir a sua compreensão pela comunidade acadêmica, exige-se o ajuste do texto às convenções gráficas padronizadas, processo que se realiza mediante a aplicação do Sistema de Leiden.

2.2.3.6 Ajuste às Convenções/Sistema de Leiden

Uma vez que a inscrição foi classificada e, na medida do possível, teve as suas lacunas restituídas e foi datada, a fase laboratorial conta com a formalização do texto estabelecido. No entanto, a transcrição epigráfica não constitui apenas uma reprodução mecânica dos caracteres visíveis; ela é um exercício crítico que deve comunicar à comunidade científica o estado de conservação do suporte epigráfico e a natureza das intervenções do epigrafista, no caso, o editor

da inscrição. É relevante, portanto, que haja uma distinção gráfica clara entre o que é dado material incontestável — aquilo que se lê efetivamente no suporte epigráfico — e o que é resultado do raciocínio dedutivo do pesquisador, como as restituições e as correções — as suas contribuições.

Historicamente, a ausência de uma norma universal para essa representação gráfica gerou um cenário de inconsistência editorial, no qual cada estudioso ou corpus adotava critérios tipográficos particulares, dificultando a uniformidade de leitura entre os especialistas. A superação desse obstáculo metodológico ocorreu apenas na primeira metade do século XX, quando se buscou um consenso internacional para a edição de textos antigos. O marco dessa padronização foi o *Eighteenth International Congress of Orientalists*, realizado na cidade de Leiden, em 1931, onde se estabeleceu o conjunto de regras conhecido como "Convenções de Leiden" ou "Sistema de Leiden" (VAN GRONINGEN, 1932, p. 362-365; CAYLESS et al., 2009, parágr. 5).

A adoção desse sistema permitiu unificar a linguagem técnica não apenas da Epigrafia, mas também da Papirologia, estabelecendo um código semântico uniforme que se tornou a norma vigente nas edições científicas contemporâneas (WOODHEAD, 1981, p. 6). Em termos de funcionamento, o sistema emprega um conjunto de sinais diacríticos para representar graficamente tanto o estado físico do suporte epigráfico quanto as intervenções editoriais. A Tabela 11, elaborada a partir das definições de Woodhead (1981, p. 7-10), sintetiza os principais sinais deste sistema, como parênteses, colchetes e pontos, demonstrando como a incerteza material e a intervenção filológica são convertidas em notação científica.

Tabela 11 – Sistema de Leiden – Woodhead (1981)

Indicador	Representação	Significado/uso
<i>colchetes</i>	[abc]	Letras completamente ilegíveis ou perdidas, restauradas pelo editor de acordo com o que originalmente estaria inscrito na pedra.
<i>parênteses</i>	a(bc)	Letras inseridas pelo editor para expandir uma palavra abreviada.
<i>colchetes angulares</i>	< >	Letras acidentalmente omitidas pelo lapicida.
<i>colchetes angulares</i>	<abc>	Letras corrigidas adicionadas pelo editor em substituição àquelas escritas erradas pelo lapicida.
<i>chaves</i>	{abc}	Letras e/ou palavras excessivas ou erroneamente repetidas pelo lapicida.
<i>colchetes duplos</i>	[[abc]]	Letras apagadas (rasuradas) substituídas por um novo texto ou rasuras ainda visíveis e discerníveis.
<i>traços ou pontos dentro de colchetes duplos</i>	[[- - - - -]] ou [[.]]	Letras rasuradas não visíveis.
<i>colchetes simples dentro de colchetes duplos</i>	[[[abc]]]	Letras restauradas pelo editor quando as letras rasuradas não estão visíveis.
<i>ponto subscrito à letra</i>	αβγ.	Letras pouco nítidas, imperfeitas, preservadas em parte, interpretadas pelo editor através do contexto.
<i>ponto na linha</i>	.	Local onde haveria uma letra (um ponto por letra), sem restauração sugerida pelo editor. Usado quando a extensão da lacuna pode ser considerada com exatidão.
<i>traços com/sem número sobrescrito</i>	- - - - ou - - ⁶ - -	Quantidade incerta de letras faltando em determinado local. É possível sugerir um número aproximado de letras indicando-o sobrescrito aos traços.
<i>letra “v” em itálico</i>	v (no SEG, <u>v</u>)	Espaço em branco, deixado pelo lapicida da inscrição, onde, em um texto contínuo, deveria haver uma letra. Cada <i>v</i> representa um espaço/letra.
<i>palavra “vacat” completa ou abreviada</i>	<i>vacat</i> ou <i>vac.</i>	Indicativo de quando todo o restante da linha ou todo o espaço abaixo de uma linha inscrita não possui inscrição.

Fonte: Elaboração própria com base em Woodhead (1981, p. 7-10).

Mediante a aplicação do Sistema de Leiden, a transcrição da inscrição transcende o estágio de leitura preliminar para constituir-se como uma edição crítica universalmente inteligível entre

os especialistas. Ao delimitar com precisão as fronteiras entre o testemunho material do artefato epigráfico e as inferências editoriais – uma distinção que, como adverte Woodhead (1981, p. 10-11), deve ser observada para não confundir a evidência com a conjectura –, essa notação assegura a estabilidade textual necessária para a sua subsequente transposição linguística, conduzindo a investigação à etapa conclusiva da fase de gabinete: a tradução.

2.2.3.7 Tradução

Uma vez concluída a aplicação das normas técnicas de edição e estabelecido o texto grego através do Sistema de Leiden, a fase laboratorial avança para o seu desfecho lógico com a tradução. Embora autores clássicos como Woodhead (1981) e Guarducci (1967) concentrem a sua exposição metodológica preponderantemente no estabelecimento crítico do texto e no comentário histórico, a tradução emerge na prática epigráfica contemporânea como a síntese necessária de todo o exercício hermenêutico realizado anteriormente.

Esta etapa não deve ser compreendida como uma simples versão mecânica de uma língua para outra, mas sim como a prova de consistência das etapas precedentes. É no ato de traduzir que o epigrafista verifica a validade das restituições propostas e a coerência das fórmulas identificadas, pois, conforme observa Robert (1961, p. 484), a descoberta do sentido e a escolha das palavras são processos indissociáveis na pesquisa epigráfica, nos quais “forma e conteúdo se atraem”. Se o texto traduzido não apresenta sentido histórico ou jurídico coeso, é um indicativo de que as hipóteses de leitura ou datação necessitam de revisão. Portanto, a tradução materializa o entendimento que o pesquisador obteve sobre a natureza funcional do documento — seja um decreto, um inventário ou uma dedicatória — e torna esse conhecimento, antes restrito aos códigos da filologia, acessível a historiadores e demais interessados.

Com o sentido do texto plenamente estabelecido e vertido para a língua moderna, encerra-se o ciclo de tratamento interno da informação. O artefato e o seu conteúdo epigráfico encontram-se, assim, preparados para a terceira e última fase da estrutura metodológica proposta por Sánchez (2011, p. 15): a divulgação dos resultados à comunidade científica.

2.3 TERCEIRA FASE: PUBLICAÇÃO

A terceira e última fase da Estrutura do Método Epigráfico (EME) consiste na Publicação. Após percorrer as etapas da primeira fase (Autópsia) — caracterizada pela coleta *in situ* e pela análise material do suporte epigráfico — e da segunda fase (Laboratorial) — que envolve o fichamento, a revisão bibliográfica e o estabelecimento do texto —, o ciclo de investigação da inscrição somente se completa com a divulgação dos resultados (SÁNCHEZ, 2011, p. 15).

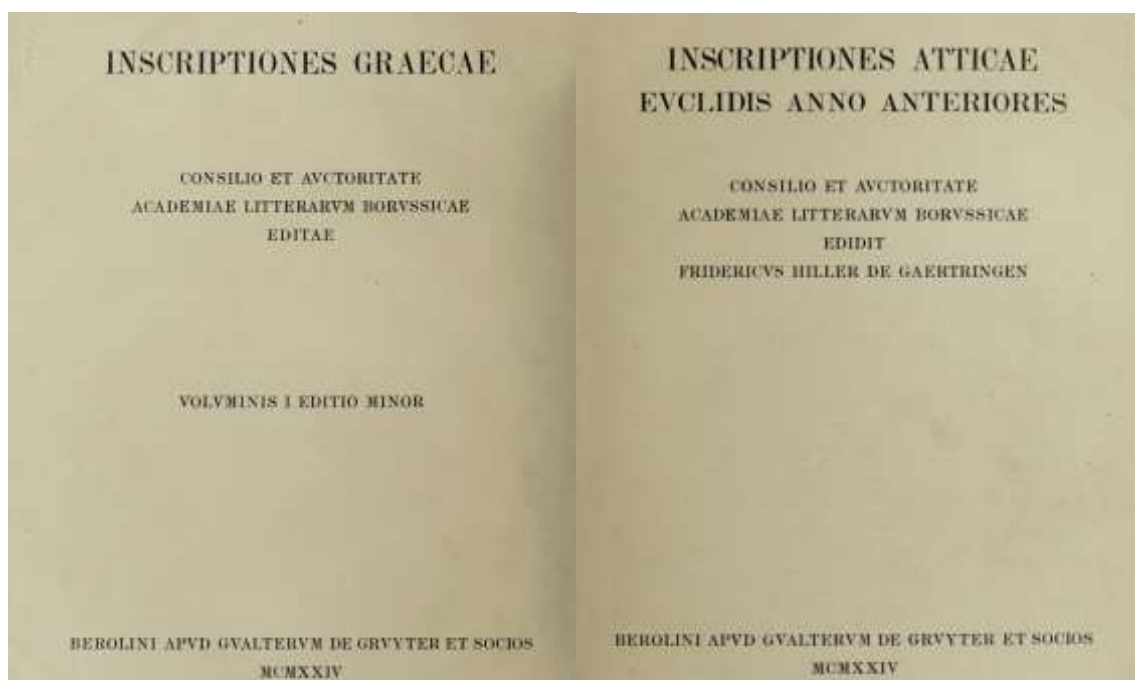
Mais do que um encerramento dos procedimentos, esta fase representa a validação do trabalho científico. É o momento em que as hipóteses de leitura, restituição e datação elaboradas no gabinete são submetidas ao escrutínio da comunidade acadêmica. Para cumprir essa finalidade com rigor, a publicação epigráfica deve obedecer a padrões estritos de apresentação, organizando os dados de modo a permitir que outros pesquisadores possam reconstituir o raciocínio do editor e verificar a plausibilidade de suas conclusões. Assim, o produto final reflete a sistematização de todas as análises filológicas e históricas precedentes, formalizadas em uma estrutura canônica de edição.

2.3.1 Publicação impressa

Historicamente, no âmbito da Epigrafia Tradicional, esta última fase consolidou-se por meio do suporte impresso, materializando-se em livros, artigos em periódicos especializados e, sobretudo, nos grandes *corpora* epigráficos apresentados no primeiro capítulo, tais como o *Corpus Inscriptionum Graecarum* (CIG), o *Corpus Inscriptionum Atticarum* (CIA) e as *Inscriptiones Graecae* (IG). Esse formato fixou o conhecimento em um meio estável, embora fisicamente restrito.

Para ilustrar a materialidade de uma publicação impressa tradicional, foi selecionado como exemplar o volume I da *Editio Minor* das *Inscriptiones Graecae* (IG), obra editada em 1924 pelo epigrafista Friedrich von Gaertringen (GAERTRINGEN, 1924). A Foto 11 apresenta o aspecto físico deste corpus de referência, evidenciando o meio bibliográfico que serviu como veículo de disseminação do conhecimento epigráfico até parte do século XX.

Foto 11 – Exemplo de publicação impressa em livro: *Inscriptiones Graecae* (IG I²)

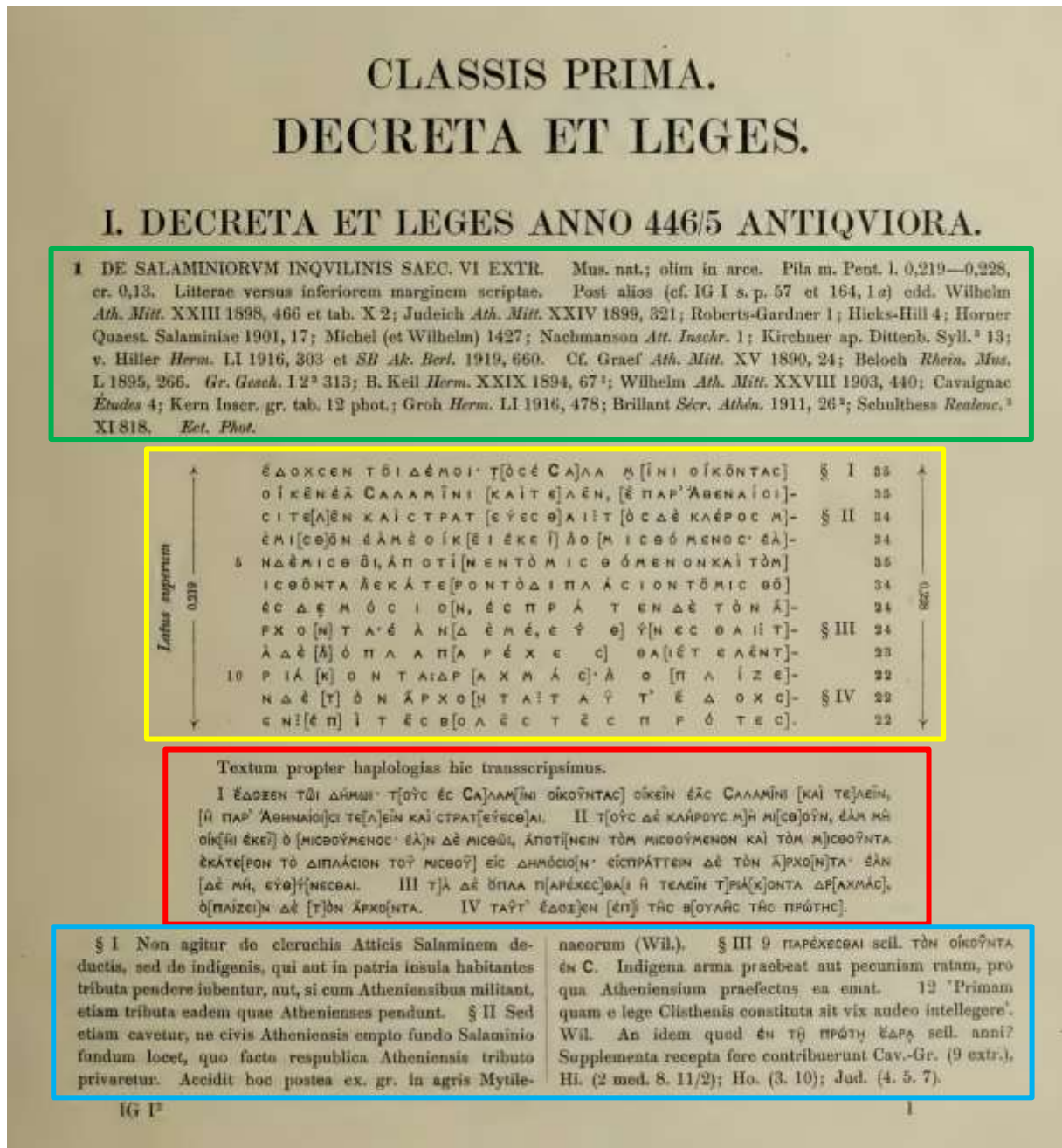


Fonte: GAERTRINGEN, F. H. *Inscriptiones Graecae*, volume I, *editio minor*, 1924.

No interior desta obra, utilizou-se a primeira inscrição como exemplo de uma publicação real, que se encontra catalogada sob o título padrão³⁵ IG I² 1 e inserida na *Classis Prima* – classe que reúne os decretos e leis (*Decreta et Leges*) da Ática anteriores ao ano de 446/445 a.C. Especificamente, o texto refere-se a um decreto do conselho ateniense concernente aos seus colonos em Salamina (*De Salaminiorum Inquilinis*), datado do final do século VI a.C., cuja disposição editorial pode ser observada na Foto 12.

³⁵A estrutura da nomenclatura epigráfica foi detalhada no Capítulo 1 (cf. nota 13). A particularidade neste ponto encontra-se no expoente “2”, que denota a segunda edição (*Editio Minor*), publicada em 1924, tomada como referência para a exemplificação da publicação impressa tradicional. Verifica-se que, na edição vigente (editada em 1981 por D. Lewis), a mesma inscrição é catalogada como IG I³ 1 (*Editio Tertia*). Mantém-se a referência I² neste segundo capítulo por fidelidade ao suporte epigráfico analisado (o IG de 1924), ao passo que a referência atualizada (I³) será adotada no Capítulo 3, dedicado à Epigrafia Digital.

Foto 12 – Aparência de inscrição em via impressa



em obras anteriores) em favor do uso de caracteres minúsculos para priorizar rigor filológico e economia de espaço. Contudo, observa-se neste exemplo específico uma adaptação a essa diretriz: por tratar-se de uma inscrição arcaica³⁶ (século VI a.C.), a edição recorre ao uso de fontes tipográficas em maiúsculas para preservar a visualização das formas originais do alfabeto ático antigo.

Confirmando essa descrição teórica na prática, nota-se na seção superior da página (delimitada em verde na Foto 12) a presença dos dados que compõem o lema epigráfico, cuja função é fornecer a identidade completa do monumento. O lema inicia-se com as localizações atual e pregressa do artefato epigráfico (*Mus. Nat.* = “Museu Nacional”; *Olim in arce.* = “outrora na Acrópole”), seguida pela descrição física detalhada: a tipologia do suporte (*Pila m.* = “pilar de mármore”), a natureza geológica do material (*Pent.* = “[mármore] pentélico”) e as dimensões físicas do objeto (*l.* = “largura”; *cr.* = “espessura”). Além disso, o lema registra características paleográficas específicas, como a posição da inscrição no suporte material (*Litterae versus inferiorem marginem scriptae* = “letras escritas em direção à margem inferior”), e conclui com uma exaustiva revisão bibliográfica (*post alios* = “após outros [editores]”), que estabelece a concordância com edições anteriores e indica as bases documentais utilizadas pelo editor, como decalques e fotografias (*Ect. Phot.* = “estampagem e fotografia”).

Em continuidade à estrutura lógica, o corpo central da página apresenta a transcrição da inscrição IG I² 1 em dois níveis metodológicos. Primeiramente, observa-se a transcrição em estilo semidiplomático (marcada em amarelo na Foto 12). Na prática epigráfica, este formato constitui um híbrido: não se trata de uma transcrição diplomática pura – que se limitaria a reproduzir fielmente os caracteres visíveis no suporte epigráfico –, mas de uma transcrição interpretativa ou edição crítica que, embora preserve as formas dialetais do grego arcaico em maiúsculas, já realiza intervenções ao inserir espaçamentos entre vocábulos e restituir as lacunas, editando, assim, o texto para leitura. Observa-se que a padronização gráfica aqui adotada, embora anteceda em sete anos o estabelecimento oficial do Sistema/Convenções de Leiden (1931), já se rege segundo princípios análogos de sistematização. A disposição do texto nesta seção com a transcrição semidiplomática respeita a estrutura da inscrição original no suporte epigráfico: são apresentadas 12 linhas de leitura progressiva (da esquerda para a direita

³⁶ As inscrições arcaicas utilizam alfabetos epicóricos (locais), pois são anteriores à padronização do alfabeto jônico em Atenas sob o arcontado de Euclides em 403 a.C. (GUARDUCCI, 1967, p. 24). Devido a isso, apresentam formas de letras distintas e arcaísmos gráficos, o que exige cuidados tipográficos nas edições críticas para preservar visualmente essas particularidades paleográficas.

e de cima para baixo), cuja numeração marginal é indicada a cada 5 unidades, enquanto a margem lateral direita fornece a contagem precisa dos caracteres por linha (variando entre 22 e 35), um dado métrico para o controle das restituições.

Imediatamente abaixo (destacada em vermelho na Foto 12), encontra-se a versão da transcrição denominada pelo editor como haplológica. Trata-se de uma variação de cunho plenamente interpretativo que se diferencia da versão semidiplomática (em amarelo na Foto 12) pelo agrupamento dos caracteres em vocábulos com espaçamento definido e pela normalização ortográfica. Especificamente, esta versão atualiza o texto aplicando as transformações morfofonéticas que marcam a transição do dialeto ático arcaico para o ático/padrão clássico, conforme evidenciado nos exemplos: *ἔδοχσεν* > *ἔδοξεν*; *ἠοπλίξεν* > *ὀπλίξεῖν*; *ἡεκάτερον* > *ἐκάτερον*; *οἰκῆν* > *οἰκεῖν*; *τελῆν* > *τελεῖν*; *τός* > *τοῖς*; *οἰκῶντας* > *οἰκοῦντας*. Além da atualização linguística, o editor segmenta o texto em seções (indicadas por numerais romanos I a IV), resolvendo as ambiguidades inerentes à escrita contínua original, característica das inscrições arcaicas onde não havia separação entre os vocábulos.

Por fim, na seção inferior (destacada em azul na Foto 12), situam-se os comentários históricos e o aparato crítico. A ênfase atribuída a este elemento reflete uma diretriz metodológica desta coleção que traz uma redução do comentário ao mínimo, em contrapartida do aparato crítico de cada texto que recebe maior cuidado (GUARDUCCI, 1967, p. 38), servindo como o local para o registro das variantes de leitura e das justificativas filológicas que fundamentam a edição científica.

Uma vez compreendida a estrutura da edição impressa da *IG Editio Minor*, procedemos a um exercício de atualização metodológica. Com o objetivo de demonstrar a aplicação das normas contemporâneas à mesma inscrição, adotamos o texto estabelecido pela crítica recente³⁷ e realizamos a sua adequação formal ao Sistema de Leiden. Desta forma, a transcrição apresentada a seguir não configura uma restituição inédita, mas sim a aplicação das convenções editoriais vigentes sobre o conteúdo textual consolidado. Obteve-se o seguinte resultado:

³⁷ O texto grego utilizado para este exercício de formatação baseia-se na edição padrão atual: *Inscriptiones Graecae* I³ 1 (*Inscriptiones Atticae Euclidis anno anteriores*), editada por David Lewis em 1981. A escolha por este texto justifica-se por ele incorporar as restituições (preenchimento de lacunas) e correções aceitas pela comunidade científica moderna, diferindo pontualmente da leitura de 1924, mas servindo aqui como modelo ideal para a aplicação das Convenções/Sistema de Leiden.

- 1 ἔδοχσεν τῷ δέμοι· τ[ὸς ἐ Σα]λαμ[ῖνι οἰκῶντας]
- 2 οἰκῆν ἐᾷ Σαλαμῖνι [καὶ τε]λῆν, [ἔ παρ' Ἀθηναῖοι]–
- 3 σι τε[λ]ῆν καὶ στρατ[εύεσθ]αι : τ[ὸς δὲ κλέρος μ]–
- 4 ἐ μι[σθ]ῶν ἐὰ μὲ οἰκ[εῖ ἐκεῖ] ἡο[μισθόμενος· ἐὰ]–
- 5 ν δὲ μισθῶι, ἀποτί[νεν τὸμισθόμενον καὶ τὸμ] –
- 6 ισθῶντα ἡεκάτε[ρον τὸ διπλάσιον τῷ μισθῶ]
- 7 ἐς δεμόσιο[ν , ἐσπράτεν δὲ τὸν ᾗ]–
- 8 ρχο[ν]τα· ἐὰν [δὲ μέ, εὐθ]ύ[νεσθαι : τ]–
- 9 ἂ δὲ [ἡ]όπλα π[αρέχες]θα[ι ἔ τελῆν τ]–
- 10 ριά[κ]οντα : δρ[αχμάς]· ἡο[πλίζε]–
- 11 ν δὲ [τ]ὸν ᾗρχο[ντα : ταῦτ' ἔδοχσ]–
- 12 εν : [ἐπ]ὶ τῆς β[ολῆς τῆς πρότερας].

Neste exemplo de conversão da transcrição no estilo semidiplomática, de 1924, para uma versão interpretativa, pode-se observar que os caracteres gregos são representados em sua forma minúscula e encontram-se agrupados em vocábulos – o que facilita a leitura, tornando-a mais amigável e mantendo a originalidade, já que são preservados a estrutura de 12 linhas com o mesmo número de caracteres por linha e os arcaísmos da língua, presentes no dialeto ático antigo da inscrição de referência.

Um ponto a ser destacado é a continuidade dos princípios metodológicos de edição. Ao compararmos esta convenção gráfica com a publicação de 1924, nota-se que muitos dos sinais diacríticos já estavam presentes de maneira precursora, o que sugere que as Convenções de Leiden (1931) não criaram um sistema inédito a partir do zero, mas sistematizaram e padronizaram práticas que já eram correntes na epigrafia científica. Assim, tanto na edição histórica quanto na nossa atualização, os sinais cumprem a mesma função e significado: distinguir o dado material objetivo – os vestígios visíveis no suporte epigráfico – da inferência intelectual proposta pelo editor.

A aplicação do Sistema de Leiden permite comunicar visualmente o estado de conservação do suporte epigráfico: os colchetes retos [], presentes por quase todas as linhas de nossa conversão, representam a ideia de que os caracteres presentes naquela parte da inscrição foram perdidos e, portanto, há lacunas em razão da degradação física do artefato, mas que, através da percepção do editor, concluiu-se que foi inscrito algo no seu lugar em tempos remotos e que, por meio da dedução com base em conhecimentos linguísticos, históricos e

culturais, ou mesmo através de uma dedução comparativa, foi possível preencher as lacunas, tal qual um jogo de palavras cruzadas, reconstituindo assim, dentro do possível, algum sentido presente na inscrição.

Para exemplificar como isso ocorre, remeter às duas primeiras linhas da conversão aqui realizada:

- 1 ἔδοχσεν τῷ δέμοι· τ[ὸς ἐ Σα]λαμ[ῖνι οἰκῶντας]
 2 οἰκῆν ἐᾷ Σαλαμῖνι [καὶ τε]λῆν, [ἔ παρ' Ἀθηναῖοι]–

O exame detalhado das duas primeiras linhas ilustra a complexidade desse processo reconstrutivo. De início, verificam-se os elementos situados fora e dentro dos colchetes. Na linha 1, encontra-se *ἔδοχσεν τῷ δέμοι* (*édokhsen tōi démoi*) que, por estar completo, é possível identificar como sendo uma fórmula de decreto e pode ser traduzida como “Pareceu bem ao Povo”, e como está seguida de um ponto alto, pode indicar uma pausa.

Em seguida, ainda na linha 1, a letra tau aparece com um ponto subscrito (τ), sinalizando, segundo as normas de Leiden, de que este caractere, embora legível, apresenta danos que impedem uma identificação absoluta, indicando uma leitura provável, mas não certa, dada a ambiguidade dos traços remanescentes no suporte epigráfico, dependendo do contexto para a sua confirmação.

Após a letra tau com ponto subscrito (τ), temos duas lacunas indicadas pela presença dos colchetes: i) [ὸς ἐ Σα] (*òs e Sa*); e ii) [ῖνι οἰκῶντας] (*îni oikôntas*). Neste caso, o editor sugeriu um determinado número de caracteres para cada colchete (cinco para o primeiro e onze para o segundo). Uma possibilidade de dedução de quantos caracteres estão faltantes é pelo esquadrinhamento da inscrição com base na distribuição espacial/ na simetria entre as linhas e as colunas nas quais as demais letras aparecem situadas. Neste caso, a inscrição retratada encontra-se registrada no estilo simétrico *στοιχηδόν* (*stikhēdón*), já mencionado neste capítulo, e isso contribui para calcular o número possível de caracteres faltantes.

Agora, entre ambas as lacunas indicadas pelos colchetes, há a presença de três caracteres – *λαμ* – (–*lam*–). Em uma busca por seguimentos similares ou idênticos na inscrição, encontra-se na linha 2, o mesmo padrão, – *λαμ* – (–*lam*–), constituindo a palavra *Σαλαμῖνι* (*Salamîni*) – o que pode sugerir que seja a mesma palavra na linha 1. Isso vai depender da interpretação semântica e morfológica “do jogo de palavras cruzadas” que o editor pôde realizar.

Contudo, há também a possibilidade de uma interpretação não unicamente linguística, mas também por uma vertente histórico-cultural, como ocorreu com a dedução de *οἰκῶντας* (transcr., *oikôntas*) pelo fato de saber-se que, em Salamina, havia habitantes provenientes de Atenas que, uma vez estabelecidos lá, como presente na linha 2 – *οἰκῆν ἐᾶ Σαλαμῖνι* (transcr., *oikên eâ Salamîni*) –, passariam a ter responsabilidades civis para com a cidade-estado. Evidencia-se, assim, que, como ilustrado nesses poucos exemplos, a partir de elementos de caráter linguístico, histórico e cultural, é possível, salvaguardadas particularidades, realizar deduções e complementar as lacunas nas transcrições.

O percurso metodológico aqui descrito, da autópsia no sítio arqueológico à fixação do texto na página impressa, consolidou a Epigrafia como uma ciência rigorosa. A publicação em suporte impresso, exemplificada pelo volume da *Inscriptiones Graecae*, cumpriu por décadas a função de salvaguardar e disseminar o conhecimento, transformando a pedra bruta em documento histórico acessível. Entretanto, o formato impresso impõe limites: é estático, de difícil atualização e restringe o acesso às evidências visuais primárias.

No cenário contemporâneo, a emergência das tecnologias da informação oferece novas perspectivas para superar essas barreiras. A transição do papel para tecnologias digitais não apenas agiliza o processo editorial, mas reconfigura a própria natureza da interação com o objeto epigráfico. Como veremos no capítulo seguinte, a Epigrafia Digital propõe um novo paradigma, no qual a inscrição deixa de ser apenas um texto a ser lido para se tornar um dado estruturado, interconectado e passível de análises computacionais complexas.

3 A EPIGRAFIA DIGITAL

Até o presente momento, este trabalho centrou-se em abordar a Epigrafia grega por uma perspectiva histórica, iniciando a jornada na Antiguidade grega e percorrendo a história até alcançar a Contemporaneidade, especificamente na segunda metade do século XX, em que a Epigrafia grega encontrava-se em uma fase que não fazia uso de recursos digitais.

Ao longo desse percurso, mostrou-se como a Epigrafia desenvolveu-se, desde quando o contato de figuras da Antiguidade com inscrições não passava de um ato advindo de um interesse individual visando algum feito profissional ou erudito, até as circunstâncias que foram forças motrizes para que o sentimento de estima por inscrições desencadeasse um processo de institucionalização científica e disseminação do campo, estabelecendo, então, a Epigrafia como uma ciência.

A partir desse novo status adquirido pela Epigrafia, por meio da apresentação dos procedimentos metodológicos envolvidos, mostrou-se como é realizado o estudo, a investigação científica dos artefatos arqueológicos e das suas inscrições gregas antigas, mencionando-se as etapas e as técnicas envolvidas.

O chamado método “epigráfico tradicional”, conforme apresentado no Capítulo 2, compreendeu um processo composto por etapas consecutivas, as quais, cada uma ao seu modo, contribuíram para apreender, ordenar, catalogar, preservar e publicar as informações relativas a um objeto epigráfico grego. Definiu-se, também, que tal objeto compreendia todo artefato arqueológico composto por material suficientemente durável ao tempo e cujo corpo apresente inscrições de origem cultural grega antiga.

Nos últimos anos, houve um desenvolvimento significativo no campo da Epigrafia Digital. Os *corpora* epigráficos tradicionais estão sendo digitalizados e disponibilizados por meio de sites, enquanto alguns recursos são nascidos digitais, sem edições impressas.

As inscrições contêm informações valiosas sobre lugares, pessoas, eventos e seu contexto, tornando-as ideais para estudar comunidades passadas. Para aproveitar seu potencial pleno e acessar inscrições de interesse, torna-se imprescindível vincular os conjuntos de dados existentes. *Linked Open Data* (LOD) oferece um meio de conectar conjuntos de dados digitais, enriquecendo o texto com contexto espacial-temporal e dados prosopográficos, criando novas conexões entre inscrições e locais arqueológicos. Embora alguns conjuntos de dados epigráficos já utilizem os princípios LOD, constata-se que ainda há um campo promissor para a expansão de ferramentas digitais híbridas associadas a modelos preditivos de aprendizado profundo.

Este capítulo tem por finalidade apresentar as principais mudanças da chamada Epigrafia Grega Digital, e, para isso, foram abordadas as suas principais ferramentas e aplicações de cunho prático/ilustrativo selecionadas.

O método epigráfico, conforme discutido no capítulo anterior, possui um caráter multidisciplinar e respeita etapas, nem sempre bem definidas, pois em geral elas se sobrepõem, de modo que não seria nada didático apresentá-las nesses moldes.

Para simplificar a exposição do método epigráfico, optou-se aqui por considerá-lo como um processo linear com início na descoberta do artefato epigráfico, e com o fim na publicação de todas as informações catalogadas referentes a sua composição física, histórica e linguística.

Na ocasião do Capítulo 2, denominou-se o método tradicional como sendo o processo e as técnicas epigráficas utilizadas durante todo o período desde seu surgimento como disciplina autônoma, provida de métodos próprios, que vai desde o final do século XIX e o início do século XXI ao que se convencionou dizer como a era das tecnologias digitais aplicadas à Epigrafia.

O que pode ser observado é um período de transição e adoção de novas tecnologias que têm transformado significativamente a área dos Estudos Clássicos e como ela se relaciona com seu o seu objeto de trabalho.

Assim, para manter a didática estabelecida, foi construída a Tabela 12 e nela dispostos em paralelo os métodos tradicionais e os digitais a fim de que a perspectiva comparativa emergisse de maneira que os seus equivalentes pudessem visualizados e posteriormente discutidos em seus respectivos tópicos.

Tabela 12 – Método de estudo epigráfico: Epigrafia Tradicional x Epigrafia Digital

ETAPAS	TRADICIONAL	DIGITAL
Autópsia	• Coleta do artefato <i>in situ</i>: ○ Escavação	• Coleta do artefato <i>in situ</i>: ○ Sensoriamento digital (LiDAR e GPR) ○ Escavação
	• Medição e descrição do artefato ○ Técnicas analógicas	• Medição, descrição, registro e leitura da inscrição presente no artefato:
	• Cópia/registro da inscrição presente no artefato: ○ Cópia manuscrita ○ Fotografia (2D)	○ Imagem 2D /2D^{1/2} e modelagem 3D: a. Imagem 2D: - Fotografia DSRL + editor de imagem b. Imagem 2D^{1/2}: - Imagem de Transformação de Reflectância (RTI) c. Imagem/modelo 3D: 1- Reconstrução/OCR 3D 2- Escaneamento a laser
	• Leitura da inscrição presente no artefato usando: ○ Realce a carvão (<i>charbonnage</i>) ○ Estampagem, decalque, moldagem ○ Luz rasante	
Laboratorial / Gabinete	• Composição de uma ficha para cada artefato e sua inscrição	• Composição de uma ficha para cada artefato e sua inscrição: ○ Edição digital (EpiDoc TEI-XML)
	• Revisão da literatura sobre a inscrição em: ○ Coleções impressas	• Revisão da literatura sobre a inscrição ○ Documentos digitalizados ○ Coleções epigráficas em repositórios online: a. PHI b. IG c. AIO d. EAGLE e. Pleiades
	• Transcrição e análise do conteúdo da inscrição: ○ <i>Transcrição:</i> 1. Tipo de inscrição 2. Tipo de dialeto 3. Métrica da inscrição 4. Restituição da inscrição ○ <i>Datação da inscrição</i> ○ Convenções/Sistema de Leiden ○ <i>Tradução</i>	• Transcrição e análise do conteúdo da inscrição: ○ <i>Transcrição Digital:</i> 1. Tipo de inscrição 2. Tipo de dialeto 3. Métrica da inscrição 4. Restituição da inscrição ○ <i>Datação da inscrição</i>
Publicação	• Publicação impressa	• Publicação da edição digital em plataforma digital ○ <i>Tradução:</i> a. Perseus b. DDGP (UNESP) c. Lexilogos

Fonte: Elaboração própria com base em Robert (1961), Guarducci (1967), Sánchez (2011) e Rougemont (1996-1997).

3.1 PRIMEIRA FASE: Autópsia

A fase de Autópsia, definida na Estrutura do Método Epigráfico (EME) como o exame direto do suporte material, abrange um conjunto de práticas voltadas à coleta e obtenção de informações de cunho descritivo do objeto epigráfico. No cenário contemporâneo, a introdução de tecnologias digitais alterou a dinâmica dessa etapa, beneficiando transversalmente quase todas as atividades do método epigráfico, conferindo-lhes um caráter simultaneamente complementar e substitutivo aos procedimentos tradicionais. Enquanto tradicionalmente a investigação dependia da presença física do epigrafista no sítio arqueológico ou no museu, os atuais recursos de captura remota e digitalização de alta precisão viabilizam uma análise da materialidade do objeto em novas dimensões, muitas vezes superiores à observação a olho nu, conforme será apresentado neste capítulo.

3.1.1 Coleta do artefato *in situ*

Retomando a fundamentação do capítulo anterior, o processo de investigação epigráfica inicia-se com a coleta de informações em uma área física real, espaço outrora ocupado por uma organização social humana na antiguidade. A localização dessas comunidades, quando constituídas por assentamentos fixos e não de comportamento migratório, está associada a uma região geográfica específica — os chamados sítios arqueológicos. A descoberta desses locais é uma tarefa complexa que exige precisão técnica, pesquisa arqueológica aprofundada e rigor metodológico.

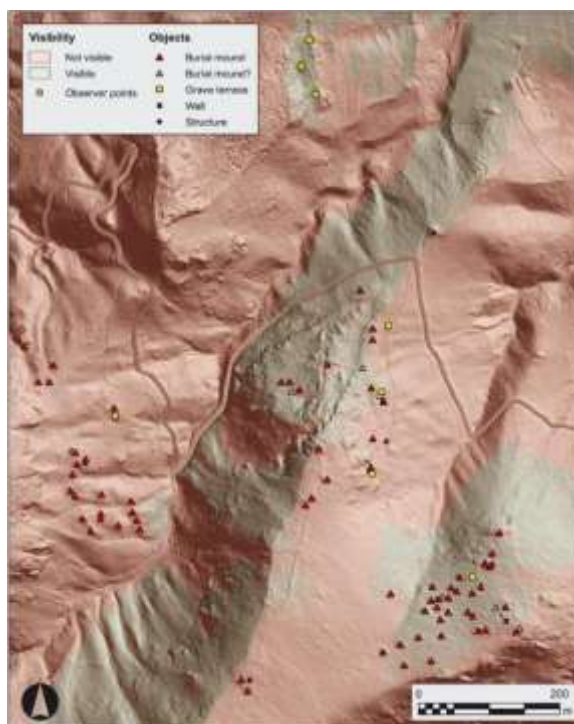
Historicamente, as técnicas de escavação eram estritamente manuais, custosas, prolongadas e altamente intensivas em força de trabalho humano. Para dimensionar esse esforço, a exploração da Acrópole, historicamente conhecida como a “Grande Escavação” (1885-1890), demandou aproximadamente cinco anos para ser concluída, dando prosseguimento às intervenções no Partenon já iniciadas em 1835 pelo primeiro escavador da história dessa região, Ludwig Ross.

Embora a fase de extração em campo ainda exija intenso trabalho humano e intervenção manual direta — restando um espaço ainda restrito para inovações tecnológicas nessa etapa —, a prospecção passou a incorporar recursos digitais complementares. Essas tecnologias otimizam os estudos arqueológicos de sítios e reduzem a dependência de prospecções exclusivamente visuais ou da intuição.

Dentre esses recursos complementares à escavação, destaca-se o sensoriamento remoto via LiDAR (*Light Detection and Ranging*). O método consiste na varredura aérea de uma determinada localização geográfica por meio de pulsos de laser, viabilizando a geração de imagens de altíssima resolução e o mapeamento topográfico detalhado do terreno escaneado.

O trabalho de Grammer *et al.* (2017) ilustra com precisão o emprego dessa tecnologia. O estudo realizou o mapeamento aéreo da antiga cidade grega de Cólofon (situada na atual Turquia), permitindo a identificação de superfícies e estruturas arqueológicas até então ocultas. A Figura 9 evidencia esse resultado, revelando através dos pontos mapeados pelo sistema LiDAR, a disposição dos túmulos e dos muros presentes na necrópole.

Figura 9 – Topografia da Acrópole, necrópole sul e necrópole sudoeste de Cólofon



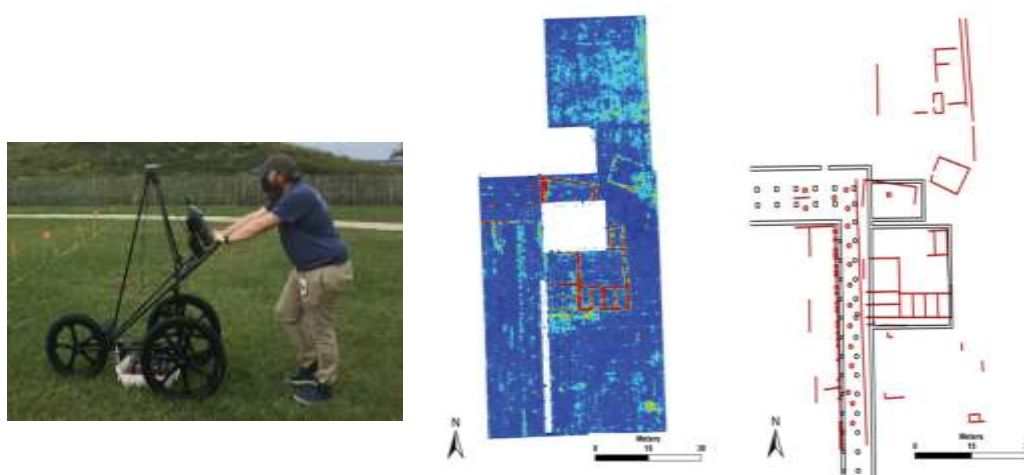
Fonte: Grammer *et al.* (2017).

Complementarmente à prospecção aérea, o método digital emprega tecnologias terrestres como o *Ground Penetrating Radar* (GPR). Este instrumento consiste na adaptação de um radar emissor de ondas eletromagnéticas instalado sob um suporte com rodas, que, além de apresentar custos operacionais reduzidos, permite ao arqueólogo o mapeamento não destrutivo de estruturas soterradas de civilizações antigas.

A eficácia dessa ferramenta foi demonstrada por Manataki *et al.* (2015) na investigação da cidade de Mantinea (Arcádia), no Peloponeso central. No sítio desta pólis do Período Clássico, embora estruturas como as muralhas circulares de fortificação, a ágora e o teatro

estivessem visíveis e conservadas, pouco restava de sua malha urbana superficial. Por meio da tecnologia GPR, os arqueólogos identificaram o traçado subjacente da cidade, localizando com precisão ruas e edifícios enterrados — sinalizados em vermelho na Figura 10. Esses dados são relevantes para a compreensão do contexto espacial e para a correta localização dos achados epigráficos na topografia da pólis.

Figura 10 – GPR e o mapeamento de Mantinea



Fonte: Elaboração própria com base em Manataki *et al.* (2015).

Todas essas técnicas modernas de sensoriamento, como LiDAR e GPR, auxiliam na sondagem do sítio arqueológico e no direcionamento das escavações dos artefatos arqueológicos/epigráficos. Ao mesmo tempo, fornecem informações geográficas de alta precisão, indispensáveis para a reconstituição do contexto histórico do objeto descoberto. Essa acuidade espacial contribui diretamente para as etapas subsequentes do estudo da inscrição, garantindo que os dados de proveniência sejam preservados com rigor científico.

3.1.2 Medição, descrição, registro e leitura do artefato

Uma vez que o artefato arqueológico provido de uma superfície com um texto inscrito sobre ela foi descoberto, iniciam-se os procedimentos de mensuração, descrição objetiva, registro visual e leitura do texto. No contexto da Epigrafia Digital, essas etapas, tradicionalmente distintas, tendem a convergir graças ao uso de tecnologias de captação de imagem em alta resolução. Essas ferramentas possibilitam a digitalização da inscrição e de seu suporte físico em diferentes níveis de profundidade: bidimensional (2D), pseudo-tridimensional (2.5D) e tridimensional (3D).

Para a criação de imagens em duas dimensões (2D) de alta resolução, basicamente, são utilizadas câmeras fotográficas que possuem um sensor de processamento digital – as chamadas câmeras DSLR (*Digital Single Lens Reflex*) – ao invés das câmeras fotográficas SRL (*Single Lens Reflex*), analógicas por não conterem um sensor de processamento, e que outrora tanto fizeram parte da documentação de inscrições.

As câmeras digitais (DSLR) capturam imagens digitais em 2D, cujos detalhes ainda podem ser depurados e aprimorados digitalmente com o auxílio de aplicativos de edição de imagem, como o Adobe Photoshop, que permite adicionar filtros para uma melhor visualização. Este é o caso que se pode observar na Foto 13, na qual o artefato epigráfico grego referente ao decreto ateniense aos colonos de Salamina (510-500 a.C.) foi fotografado por uma câmera DSLR e editado no Photoshop.

Foto 13 – Imagem 2D em alta resolução do artefato grego



Fonte: Aleshire - *University of California, Berkeley*.

A vantagem das câmeras digitais reside na sua tecnologia de processamento que minimiza vibrações e borrões, ampliando a resolução (em *pixels*) para a aplicação de *zoom* nas imagens – como se observa na Foto 13, capturada no formato digital *.jpeg* e tratada no *Photoshop*. Após o tratamento da imagem, esta fica legível e apta a integrar bases de dados especializadas para inscrições, conforme será discutido oportunamente neste trabalho.

Nessa mesma vertente, destaca-se a técnica 2D de captação chamada *Reflectance Transformation Imaging* (RTI), também considerada uma técnica 2.5D. O método consiste em posicionar uma câmera digital em um ponto, cujo foco está na inscrição em si, isto é, no texto, enquanto que, ao entorno do artefato, é posicionado um sistema de luzes *leds* sincronizadas por um *software* responsável por acionar a câmera e alterar a iluminação incidente sobre o artefato (Foto 14 - A). Esta técnica representa uma versão significativamente eficiente da tradicional “luz rasante”, utilizada historicamente na etapa de leitura epigráfica.

O RTI permite a sobreposição de centenas de camadas de fotografias focadas no mesmo objeto, porém, cada fotografia tirada corresponde a um padrão diferente de iluminação, resultando em uma imagem pseudo-texturizada (Foto 14 - B), quase em 3D, reveladora de minúcias, e que torna a leitura da inscrição nítida.

Foto 14 – Técnica de RTI

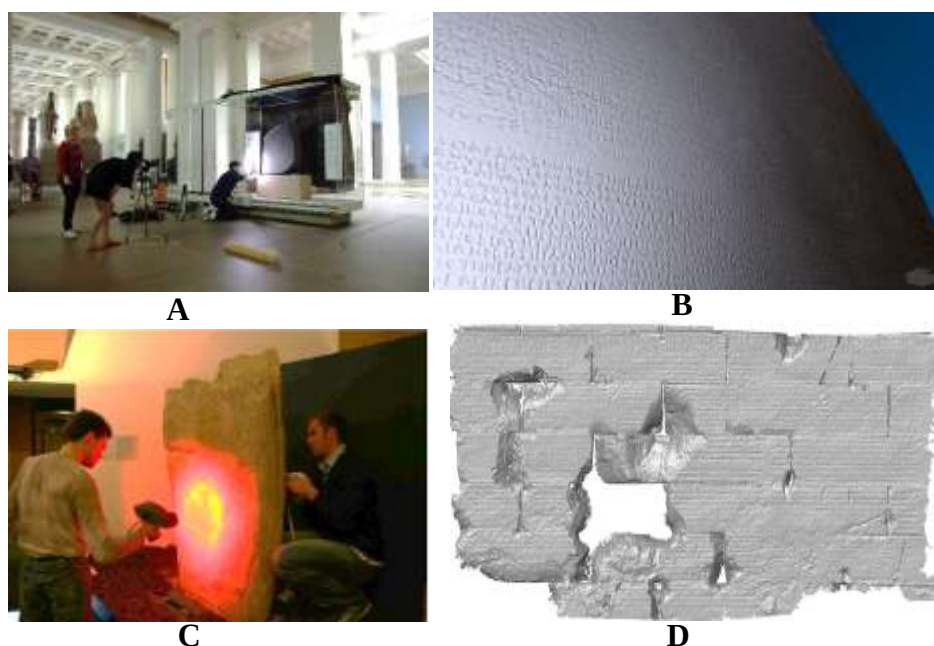


Fonte: Ponchio *et al.* (2018); Lech *et al.* (2021)

Para além desses recursos de registro e edição em 2D, há também metodologias que envolvem a texturização completa dos objetos. Esses processos de escaneamento e reprodução computacional utilizam tecnologias em 3D que permitem a manipulação, a modelagem, a mensuração e a edição de objetos epigráficos.

Atualmente, existem diversas técnicas de modelagem tridimensional usadas por epigrafistas, desde as menos complexas – como as que fazem uso de dispositivos móveis, como celulares – até aquelas que empregam ferramentas de estatísticas, garantindo um padrão elevado de qualidade às imagens tratadas. Uma dessas ferramentas é a reconstrução 3D desenvolvida por Barmpoutis *et al.* (2009), que abrange duas etapas: na primeira, dezenas de fotografias do objeto são capturadas em diferentes ângulos utilizando máquinas fotográficas digitais de alta resolução (Foto 15 - A); enquanto na segunda etapa, ocorre uma subdivisão em outras duas partes nas quais, primeiramente, os caracteres captados pelas imagens fotográficas da inscrição são reconhecidos por meio de um *Optical Character Recognition* (OCR), sendo posteriormente reconstruídos por meio de um software estatístico (Foto 15 - B).

Foto 15 – Técnicas de edição 3D do artefato e de sua inscrição



Fonte: Barmpoutis et. al. (2009), Rinaudo et. al. (2006).

Para essa mesma finalidade, existem também técnicas de escaneamento 3D a laser, ainda provenientes da tecnologia LiDAR, mencionada anteriormente como parte da etapa de prospecção do objeto arqueológico.

Essas tecnologias permitem obter resultados tão satisfatórios quanto a técnica 3D anteriormente apresentada, contudo, a diferença está, além no modo de obtenção da imagem entre as duas técnicas, na versatilidade do escâner a laser *Handyscan 3D* (Foto 15 C), que possibilita o multiescaneamento de objetos pequenos e grandes (Foto 15 - D), ao passo que o seu manuseio é simples e considerado de baixo custo.

Em suma, as tecnologias digitais, devido à sua versatilidade e caráter multidimensional, não somente têm sobreposto as técnicas tradicionais de descrição e leitura de inscrições, mas promovem a fusão desses campos, impossibilitando a sua distinção, uma vez que as imagens geradas pelas novas tecnologias, com o auxílio de softwares de edição de imagens, alcançaram o objetivo de registrar, mensurar e descrever os caracteres das inscrições e as suas propriedades físicas, como a sua forma e as suas dimensões reais.

3.2 SEGUNDA FASE: LABORATORIAL OU DE GABINETE

A fase Laboratorial/De Gabinete é a fase que trata propriamente da organização dos dados obtidos nas etapas anteriores, da transcrição das inscrições e do tratamento do conteúdo das inscrições.

Pode-se dizer que essa fase é o momento em que as dimensões linguísticas, históricas e culturais da inscrição são minuciosamente examinadas, com o propósito de revelar a maior quantidade possível de informações que ajudem o epigrafista a reconstruir as referências dos lugares, das pessoas ou dos eventos relacionados ao passado da inscrição.

3.2.1 Composição de uma ficha para cada artefato e sua inscrição

No método tradicional, as informações obtidas a respeito de um artefato em suas etapas de autópsia eram arquivadas em fichas de papel, muito das vezes criadas pelo próprio epigrafista (BRESSION; 1981, p. 101), e o seu conteúdo dispunha de informações da natureza física do artefato epigráfico, e uma miscelânea de objetos, como as cópias, as fotografias, os itens de leitura, como as estampagens e os relatórios com as informações que compunham todo o acervo pessoal do epigrafista.

A pessoalidade do acesso à informação estabelecia barreiras, muitas das vezes, quase intransponíveis às comunidades científicas não europeias, e blindava o acesso ao acervo e à contribuição de comunidades internacionais.

Recentemente, as tecnologias digitais aplicadas às Humanidades, vêm protagonizando mudanças significativas nos campos dos Estudos Clássicos e também têm incentivado o surgimento de muitos projetos, dentre eles projetos epigráficos editoriais comunitários.

Essas comunidades possuem membros localizados em diversos países do mundo, dotados de interesses em comum no campo das Humanidades.

As Humanidades Digitais já nasceram com uma ideia mais inclusivista e o que se convencionou a tratar por *Linked Open Data* (LOD), possui a finalidade ampliar ao máximo o acesso a dados e informações de modo padronizado, gratuito, e para todo o público *web*.

É nesse contexto que uma nova plêiade de técnicas epigráficas vem surgindo e revolucionado o campo de estudo. O desafio atual tem sido buscar por padronizar a construção das bases de dados em arquivos do tipo *eXtensible Markup Language* (XML) e em linguagens específicas computacionais, como o caso do EpiDoc TEI XML.

A linguagem XML é uma linguagem computacional simplificada padrão, construída para leitura por máquina (e não por humanos), que serve para compor um *dataset* (base de dados), pois é capaz de armazenar em *.xml* informações diversas em formato de texto que, por sua vez, pode ser facilmente recuperado por sistemas e softwares.

O *Text Encoding Initiative* (TEI)³⁸, por sua vez, é um conjunto de diretrizes e convenções que permite ao usuário gerar dados em XML com uma estrutura própria, adaptada a sua necessidade e usada para descrever e categorizar textos digitalizados (IDE; MCQUEEN, 1995, p. 3-4).

Nessa mesma linha, o EpiDoc TEI XML é uma variação do TEI, com finalidade semelhante, mas com uma dada especificidade: servir aos propósitos da Epigrafia e da Papirologia.

A ideia do EpiDoc é padronizar a apresentação dos dados ao passo que permite aos epigrafistas (e papirologistas) cadastrarem todas as informações referentes ao(s) seu(s) projeto(s) epigráfico(s) por meio de um editor computacional qualquer de XML. Mais uma vez, a ideia aqui é integrar e promover a interação por meio de uma linguagem comum da comunidade epigráfica, permitindo a ela acessar, compreender e editar os projetos um dos outros, criando, assim, uma cadeia colaborativa internacional.

Com a finalidade de ilustrar a sua aplicação, criou-se um projeto inédito no âmbito do EpiDoc, catalogado pelo nome de IG I³ 1 – nome este vindo da inscrição sobre a qual optou-se por desenvolver o estudo, disponível na obra “*Inscriptiones Atticae Euclidis anno anteriores. Editio tertia. Fasc. 1. Decreta et tabulae magistratum.*”, editada por David Lewis, em 1981.

A saber, a inscrição acerca remetida neste trabalho também foi utilizada no capítulo 2, a título de exemplo, mas, naquela ocasião, realizou-se apenas a conversão da transcrição presente na primeira edição do *Inscriptiones Graecae* (IG), de 1924, editada por Gaertringen para uma versão padronizada pelo Sistema de Leiden, aos moldes atuais.

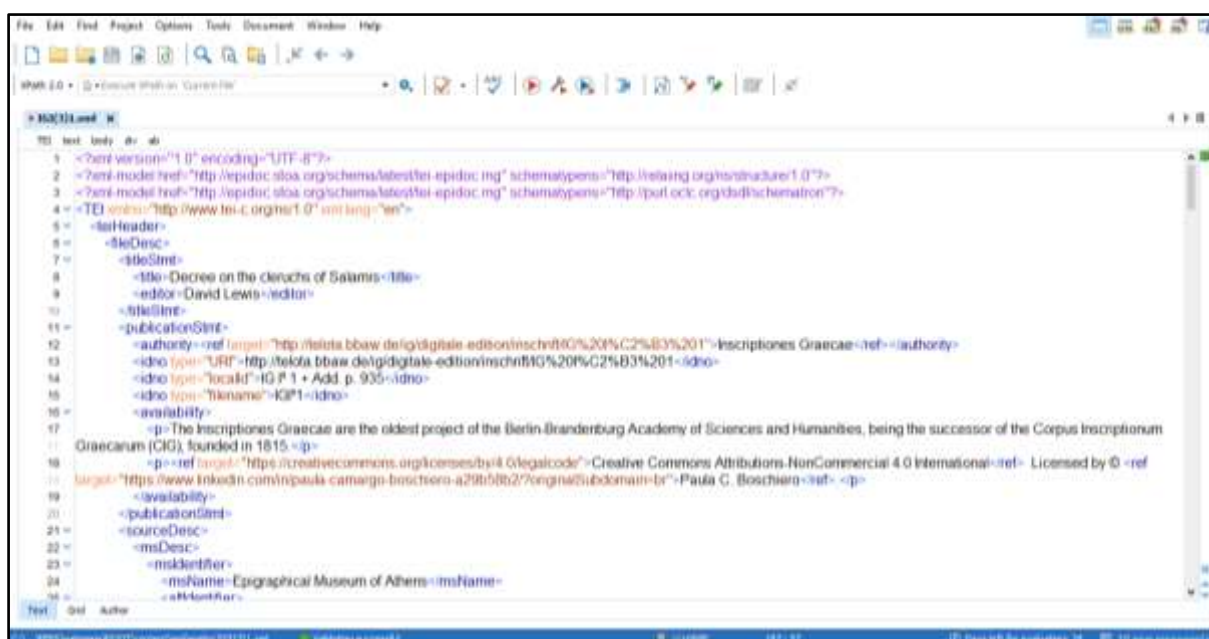
Sabe-se que a referida inscrição foi objeto de três edições principais, publicadas respectivamente em 1924, 1981 e 1994. A relevância deste documento reside no fato de tratar-se do decreto ateniense mais antigo catalogado e preservado em museu, com cronologia atribuída ao período entre 510 e 500 a.C.

³⁸ *Text Encoding Initiative* (TEI). Disponível em: <<https://tei-c.org/v>>. Acesso em: 15 mai. 2023.

Assim, inicialmente selecionou-se um tipo específico de transcrição, optando-se pela edição de 1981, visto que esta é a única versão disponível na plataforma digital oficial do projeto *Inscriptiones Graecae* (IG)³⁹.

Para iniciar a fase de fichamento das informações acerca dessa inscrição, o primeiro passo foi o levantamento de todas as informações possíveis por meio de bases de dados digitais – as quais serão apresentadas em breve –, e catalogadas sob as diretrizes do EpiDoc, conforme apresentado na Figura 11.

Figura 11 - *Display* do editor de XML *Oxygen 25.1* codificando dados da inscrição IG I³ 1



Fonte: Elaboração própria com base em captura de tela do editor de XML *Oxygen*.⁴⁰

Estruturalmente, todo código TEI-EpiDoc é subdividido em, pelo menos, duas grandes partes: i) a primeira sendo uma TEI <header>, que compreende em seu interior as etiquetas (tags) referentes às qualidades do artefato de natureza física, histórica, geográfica, fotográfica, bibliográficas, notas editoriais, bem como nome, localidade e data da descoberta, etc.; e ii) uma segunda parte, que compreende os elementos do código referentes ao <text>, isto é, no corpo do texto, o <body>, a transcrição da inscrição, em sua versão interpretativa, é codificada e já se encontra padronizada pela linguagem computacional correspondente às etiquetas que representam as siglas utilizadas seguindo as Convenções de Leiden, bem como as versões de tradução do texto e as informações dos seus autores correspondentes.

³⁹ *Inscriptiones Graecae* (IG). Disponível em: <<http://telota.bbaw.de/ig/>>. Acesso em: 15 mai. 2023.

⁴⁰ Os códigos contidos no arquivo XML encontram-se disponíveis em anexo.

A biblioteca⁴¹ de códigos é razoavelmente grande e abarca praticamente todas as siglas que um epigrafista necessita para catalogar as suas inscrições. É preciso lembrar que, no EpiDoc, cada projeto corresponde apenas a uma única inscrição, não sendo possível cadastrar mais de uma inscrição por projeto.

Com isso, pôde-se notar que a versatilidade em preencher os campos e etiquetá-los conforme as boas práticas epigráficas sugeridas pelo padrão EpiDoc faz com que o resultado seja amplamente compreendido pelos seus pares e passível de ser arquivado em XML e, então, difundido, ao contrário das técnicas tradicionais de preenchimento de fichas de papel que, além de ineficientes, pois consomem tempo, também podem não estar em um padrão que seja acessível a uma comunidade externa.

Essas são algumas das razões pelas quais está ocorrendo a digitalização de acervos inteiros, dado que é esperada a possibilidade de que alguém realize o cadastramento dessas informações em uma linguagem computacional e a disponibilize em bancos de dados padronizados.

Comparado a esse esforço de digitalização, encontra-se o apresentado aqui, presente nessa etapa ilustrativa, mas que, ao final desse terceiro capítulo, apresentará um arquivo XML codificado em EpiDoc com as informações organizadas provenientes de diversas fontes digitais presentes na *web*, bem como o código `<text>` com a transcrição de 1981, e traduções disponibilizadas em três línguas – alemão, inglês e português –, a saber, essa última tradução, em língua portuguesa, sendo de autoria deste trabalho.

3.2.2 Revisão da literatura sobre a inscrição

O estudo sobre a inscrição tem sempre a complementação de bases de dados de diferentes campos que permitem reconstruir o contexto histórico, social e linguístico acerca dela.

No estudo ilustrativo citado acima, utilizou-se diversas bases, indicadas na Tabela 13.

⁴¹ Lista de códigos. Disponível em: <https://epidoc.stoa.org/gl/latest/app-elements.html>. Acesso em: 25 mai. 2023.

Tabela 13 – Principais bases de dados aplicadas à Epigrafia Grega

Base	Site	Administrador
1. IG	http://telota.bbaw.de/ig/	Berlin-Brandenburg Academy of Sciences and Humanities (BBAW)
2. EAGLE	https://www.eagle-network.eu/basic-search/	European Commission
3. AIO	https://www.atticinscriptions.com/	British School at Athens
4. Pleiades	https://pleiades.stoa.org/	Institute for the Study of the Ancient World
5. PHI	https://inscriptions.packhum.org/	Ohio State University/Cornell University
6. DEA	https://research.dwi.ufl.edu/projects/digitalepigraphy.org/	University of Florida
7. Sketchfab	https://sketchfab.com/	Sketchfab
8. CSAD	https://www.csad.ox.ac.uk/squeeze-collection-0	University of Oxford
9. CEPS	https://kb.osu.edu/handle/1811/78744	The Ohio State University
10. Aleshire	https://aleshire.berkeley.edu/holdings	University of California, Berkeley
11. Wikimedia	https://commons.wikimedia.org/wiki/Main_Page	Wikimedia Commons

Fonte: Elaboração própria.

Em um estudo epigráfico, as bases de dados são sempre complementares e auxiliam os pesquisadores a atualizarem-se acerca da história do artefato e da sua inscrição. No campo da Epigrafia Digital, os esforços estão sendo dirigidos em, pelo menos, duas direções: i) a digitalização e a catalogação de todo o acervo já existente nos museus e ii) à integração entre essas bases, tornando-as “uma única grande base de dados”.

Para que possa ilustrar a extensão do esforço, somente no Museu de Atenas, há mais de 13.500 artefatos epigráficos a serem digitalizados utilizando as novas técnicas de RTI e digitalização 3D. À medida que essa digitalização ocorre, os resultados vão sendo disponibilizados ao público interessado por meio bases de dados, a exemplo do DEA, *Sketchfab* e *Wikimedia Commons*.

No projeto ilustrativo acerca da inscrição IG I³ 1, a pesquisa transcorreu por todas as bases de dados presentes na Tabela 13 e resultou em um conjunto de arquivos visuais do artefato. A melhor imagem encontrada refere-se a uma foto digital da autoria de Marsyas, usando a câmera digital modelo: C8080WZ (Olympus) que, posteriormente, foi tratada no editor profissional de imagens *Adobe Photoshop CS3*, conforme observado na Foto 16.

Foto 16 – Decreto ateniense de 510 a. C.



Fonte: *Wikimedia Commons*⁴².

Essa imagem foi capturada em *high definition* – o que permite aplicar *zoom* de mais de 250% sem que acabe distorcida, sendo possível até mesmo visualizar a textura do mármore usado na peça. Outro ponto que chama a atenção é o fato de que esta é a imagem mais completa registrada até o momento referente à inscrição IG I³ 1, pois, de acordo com Frullini (2020), os seus sete fragmentos foram descobertos na Acrópole em períodos de tempo diferentes (cf. Foto 16 e Foto 17), a saber: os fragmentos de A-D foram descobertos em 1883; os fragmentos E e F possuem data de descoberta desconhecida; o fragmento G, foi encontrado em 1934, e o fragmento H foi o último descoberto, em 1954.

Reconhecer esses fatos acerca do objeto permitiu que não incorrer no erro de usar imagens incompletas ou até mesmo transcrições realizadas em períodos anteriores a 1954 sem a devida precaução.

Foi considerado como referência o ano de 1954, dado que, ao realizar o acesso aos arquivos digitais do *Centre for the Study of Ancient Documents – University of Oxford*, encontrou-se a estampagem mostrada na Foto 17, que sugere que há uma parte ausente do artefato que não foi encontrado em sua integralidade em nenhum arquivo de imagem (inclusive, ausente na Foto 19), mas que apenas é possível em sua transcrição, conforme será discutido à frente.

⁴² *Wikimedia Commons* armazenando a imagem 2D de alta resolução do artefato epigráfico. Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:EPMA-6798-6815-12936-IGI\(3\)1-Salamis_clerouchs-2.JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:EPMA-6798-6815-12936-IGI(3)1-Salamis_clerouchs-2.JPG)>. Acesso em: 15 maio 2023.

Foto 17 – Decalque do fragmento H



Fonte: CSAD⁴³.

Após as devidas ressalvas, é possível afirmar que foram encontradas ao menos seis bases de dados que ofereceram documentos visuais digitalizados para consulta, download e estudo de nossa inscrição. A maioria dessas bases é proveniente de projetos no campo da Epigrafia de universidades europeias e norte americanas que, juntas, praticamente detêm o maior acervo digital das estampagens (*stampages/squeezes*) e fotografias acerca de inscrições gregas (bases enumeradas de 6-11 da Tabela 13).

Dentre as bases utilizadas, há aquelas que concentram informações geográficas referente à origem do artefato epigráfico. A base mais usada pelos epigrafistas nesse domínio tem sido o projeto *Pleiades*, que organiza as informações geográficas e as vincula aos objetos. Com a utilização das *Pleiades*, foi possível a visualização da localidade exata da descoberta do artefato, o que também acabou por ampliar neste trabalho uma sensação de proximidade com parte da história desse objeto.

Por fim, é possível afirmar que as bases que armazenam as inscrições e suas respectivas transcrições oficiais também foram consultadas a fim de que pudesse ser realizado um paralelo entre elas com o objetivo de encontrar sugestões e um direcionamento para a construção do corpus usado para proposta de tradução neste trabalho. Os resultados dessa avaliação serão discutidos no tópico a seguir (cf. 3.2.3).

O que se pode enfatizar até o momento é que o acesso a essas bases de dados – apesar de ter sido escolhido um artefato cujo material disponível é razoavelmente pequeno, já que não há a existência de imagens provenientes das técnicas de RTI e 3D – permitiu a oportunidade da construção do estudo neste trabalho por meio de materiais disponibilizados praticamente em sua totalidade de forma digital.

⁴³ Decalque do fragmento H. Disponível em: <[http://archive.csad.ox.ac.uk/CSAD/Images/Small/IGI\(3\)1h.jpg](http://archive.csad.ox.ac.uk/CSAD/Images/Small/IGI(3)1h.jpg)>. Acesso em: 15 maio 2023.

3.2.3 Transcrição e análise do conteúdo da inscrição

A segunda fase do método epigráfico compreende a utilização de toda natureza de informações que estão disponíveis e foram acessadas pelo epigrafista, além do seu conhecimento linguístico acumulado ao longo da sua experiência acadêmica para que se possa corrigir e realizar uma boa transcrição.

No passado, essa afirmação era verdadeira, uma vez que a rede/círculo informacional do epigrafista era a sua principal fonte de informação e de ferramentas, contudo, isso tem mudado.

A partir da existência das comunidades digitais, essas fronteiras foram ampliadas, de modo que as informações individuais do especialista ou do seu círculo mais próximo não é mais necessariamente a sua principal fonte de informação. Atualmente, as comunidades digitais vêm trazendo uma maior possibilidade de acesso ao debate acadêmico e uma maior colaboração entre os pesquisadores.

A colaboração em projetos individuais e institucionais possibilita a troca de ideias e a formação de consensos acerca dos termos usados na transcrição, por exemplo, além de que fornece ferramentas digitais que auxiliam o epigrafista no seu trabalho.

Neste sentido, a comunidade entorno do EpiDoc e as suas parcerias com universidades europeias e estadunidenses abre caminho para a participação conjunta de pesquisadores em projetos, inicialmente de treinamentos, e também de parcerias de pesquisa em *corpora* epigráficas variadas.

Essa rede colaborativa e institucional tem sido fundamental para a disseminação do conhecimento técnico e para a padronização das práticas de investigação, orientando o uso das ferramentas digitais vigentes no cenário epigráfico mundial.

Dentre elas, o Epidoc e a sua plataforma *EpiDoc Front-End Services* (EFES) destacam-se como as ferramentas mais proeminentes para o campo epigráfico atual.

O EpiDoc, como mencionado no tópico 3.2.1., é uma ferramenta normativa de etiquetagem, catalogação e arquivamento de informações descritivas, visuais, geográficas e históricas acerca do objeto epigráfico, além de que também traz em seu corpo informações de cunho linguístico, como a transcrição, a correção e a edição das inscrições, bem como as suas respectivas traduções, desenvolvidas pelos colaboradores do projeto.

A saber, no projeto ilustrativo, foi escolhida a versão mais atual da transcrição da inscrição IG I³1 presente na versão digital do *Inscriptiones Graecae*⁴⁴. Essa inscrição foi mantida como sua última versão, entretanto, realizamos a sua análise com o propósito de checar como um epigrafista o faria para estabelecer o tipo de inscrição, o dialeto, a sua métrica e a sua restituição, isto é, os passos para se obter uma transcrição.

Conforme mencionado no capítulo 2, as etapas para se realizar uma transcrição são as mesmas quatro etapas – i) Tipo de inscrição; ii) Tipo de dialeto; iii) Métrica da inscrição; e iv) Restituição da inscrição –, contudo, a diferença é o surgimento de novas técnicas e a sua capacidade de acelerar o processo.

3.2.3.1. Tipo de inscrição

Conforme exposto no Capítulo 2, as técnicas de classificação das inscrições permitem antecipar alguns aspectos sobre o conteúdo da inscrição. Em termos gerais, a categorização baseia-se em dois critérios principais: a proveniência arqueológica do objeto e a identificação de fórmulas epigráficas. Como observa Woodhead (1981, p. 36), a localização original oferece indícios funcionais; era comum, por exemplo, que registros de leis e decretos relativos à democracia fossem expostos na Ágora Ateniense, uma vez que esse local era palco político e social por excelência, visando assegurar a publicidade e a leitura das deliberações cívicas pelos cidadãos.

Sob essa ótica, as fórmulas epigráficas e a métrica presente no corpo da inscrição, fornecem subsídios para uma categorização mais apurada. No caso da inscrição escolhida para o projeto ilustrativo, ambos os critérios de análise são aplicáveis, dado que foi possível identificar que foi encontrada na Acrópole ateniense, mais especificamente à leste do Partenon (FRULLINI, 2020). A partir dessa informação, já é possível restringir o escopo tipológico, sugerindo tratar-se de uma dedicatória, de um decreto ou de uma aclamação, já que esses gêneros eram predominantes nessa localidade.

Embora esses indícios apontem para uma inscrição de esfera pública, a determinação precisa exige o aprofundamento da análise textual por meio da inspeção das imagens digitais obtidas, a fim de reunir mais evidências. Nesse sentido, o exame do corpo da inscrição revelou, já na linha inaugural, a presença da sequência *ἔδοχsen τῶι δέμοι* (*édokhsen tōi démoi*). A

⁴⁴ *Inscriptiones Graecae*. Disponível em: <http://pom.bbaw.de/ig/digitale-edition/inschrift/IG%20I%C2%B3%201>. Acesso em: 25 mai. 2023.

identificação dessa fórmula de sanção — traduzida como "Pareceu bem ao Povo" — é determinante, pois define inequivocamente a natureza do documento como um decreto, uma vez que esta é a frase padrão utilizada para introduzir as resoluções dos corpos legislativos atenienses. Com a natureza jurídica da inscrição devidamente estabelecida, a investigação volta-se para a sua constituição linguística, buscando identificar as especificidades regionais e temporais que regem o texto.

3.2.3.2. *Dialeto da inscrição*

A determinação do dialeto de uma inscrição fundamenta-se, inicialmente, nos dados de localização obtidos durante a fase de Autópsia, os quais fornecem um direcionamento primário. Contudo, a confirmação definitiva geralmente advém da análise dos elementos epicóricos — características gráficas e linguísticas próprias de uma região específica — presentes no texto gravado.

A análise iniciou-se pela verificação da proveniência do artefato epigráfico. Constatou-se que a inscrição escolhida foi encontrada na Acrópole de Atenas, procedência que permite inferir, como norma histórica, a utilização do dialeto ático.

Estabelecida a hipótese de que o dialeto da inscrição seja o ático, faz-se necessário localizar evidências internas que corroborem que esse sistema linguístico, de fato, corresponde ao do texto. É importante que essa confirmação ocorra, visto que a localização de um achado arqueológico não garante, por si só, o local de sua produção; existe a possibilidade de deslocamento histórico do suporte, motivado por fatores como o transporte de ofertas votivas de outras regiões ou a reutilização do artefato como material de construção (*spolia*) em períodos posteriores.

Nesse sentido, a inspeção detalhada da fotografia da inscrição, realizada mediante o confronto com a versão digitalizada da gramática histórica de referência *Introduction to the Study of the Greek Dialects; Grammar, Selected Inscriptions, Glossary*, de Buck (1910), permitiu identificar a presença de marcadores gráficos e morfológicos arcaicos, exclusivos do dialeto ático, a saber:

- i) Grafia do encontro consonantal: Na linha 1, identificou-se a representação da sequência⁴⁵  em sua forma plena (não contrata), divergindo da forma contrata Ξ (ξ) típica de outros dialetos e do grego padrão posterior;
- ii) Grafia do Lâmbda: Na linha 2, observou-se a consoante lâmbda grafada sob a forma arcaica , distinta das variantes correntes nos alfabetos jônio e coríntio;
- iii) Grafia do Sigma: Nas linhas 1, 2, 3, 4 e 12, constatou-se o uso recorrente do sigma de três traços , em oposição à grafia jônia de quatro traços Σ (S);
- iv) Variação morfológica: Verificou-se a presença da conjunção condicional em sua forma não contrata $\acute{\epsilon}\acute{\alpha}\nu$ ($e\acute{\alpha}n$), em detrimento da forma $\tilde{\eta}\nu$ ($\tilde{e}n$).

A convergência desses marcadores gráficos e morfológicos atesta a classificação da inscrição como um exemplar do dialeto ático arcaico. Uma vez definida a natureza dialetal do texto, torna-se viável avançar para o exame de sua organização espacial no suporte físico. A compreensão das normas do dialeto constitui, portanto, o pré-requisito para a etapa subsequente: a análise métrica e a determinação da lógica de distribuição dos caracteres.

3.2.3.3. *Métrica da inscrição*

Em continuidade às atividades de transcrição, procede-se à análise métrica da inscrição, etapa básica para a organização estrutural do texto e preparatória para a restituição das lacunas. A metrificação constitui o procedimento pelo qual o epigrafista estabelece um critério de distribuição espacial dos caracteres na superfície do suporte epigráfico. Esse processo permite inferir a extensão das partes faltantes com base na lógica composicional do artefato.

Didaticamente, essa etapa pode ser comparada à lógica de um jogo de palavras cruzadas, no qual se busca identificar caracteres faltantes em espaços predeterminados. Contudo, na Epigrafia, essa atividade é regida por um método de dedução filológica e espacial, operando como um sistema de coordenadas que baliza a reconstrução textual a partir dos

⁴⁵ Os recortes dos caracteres epigráficos inseridos ao longo desta listagem foram extraídos digitalmente da fotografia da inscrição apresentada na Foto 18.

vestígios materiais (cf. Foto 18). Assim como no jogo mencionado, as inscrições são dotadas de caracteres revelados pelas técnicas de leitura apresentadas na etapa de Autópsia, bem como de caracteres faltantes, estabelecidos por meio da lógica de disposição identificada no suporte.

Foto 18 – Métrica aplicada ao artefato IG I³ 1



Fonte: Elaboração própria com base na figura original em *Wikimedia Commons*⁴⁶.

Deve-se ponderar que nem sempre é viável aplicar a metrificação aos artefatos, visto que estes podem ter sofrido mutilações severas que inviabilizam a visualização da estrutura da inscrição. Contudo, no âmbito deste estudo de caso, a consulta a bases de dados online permitiu o acesso a imagens em alta resolução, recurso tecnológico que possibilitou a aplicação da análise métrica sobre o artefato digitalizado mediante a observação de sua formatação.

Iniciou-se a metrificação buscando por algum padrão na formatação dos caracteres presentes. A análise revelou a predominância do estilo de escrita *stoichedon* (στοιχηδόν), no qual os caracteres são inscritos linha a linha, da esquerda para a direita, mantendo um alinhamento vertical e horizontal preciso com os caracteres das linhas adjacentes, conforme se verifica na imagem apresentada (cf. Foto 18). Com essa organização, torna-se possível prever o número de caracteres por linha, conhecer o número de elementos faltantes e estabelecer os limites iniciais para as propostas de restituição.

Observa-se, ademais, que a leitura de certas inscrições, ainda que fragmentárias, pode ser viabilizada pela subsistência de traços parciais no suporte. A presença desses vestígios permite a identificação dos caracteres sem a necessidade de reconstruções hipotéticas complexas. No caso ilustrado, esses elementos parcialmente preservados foram assinalados com um ponto lateral (t. e m.), conforme evidenciado na Foto 17.

Por fim, distinguem-se os espaços marcados por pontos isolados (.), que correspondem aos caracteres fisicamente ausentes ou ilegíveis na superfície do suporte epigráfico. A existência pregressa desses elementos é inferida matematicamente pela lógica interna do

⁴⁶ Wikimedia Commons armazenando a imagem 2D de alta resolução do artefato epigráfico. Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:EPMA-6798-6815-12936-IGI\(3\)1-Salamis_clerouchs-2.JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:EPMA-6798-6815-12936-IGI(3)1-Salamis_clerouchs-2.JPG)>. Acesso em: 15 mai. 2023.

alinhamento, o que permite a sua metrificação — representada visualmente pelas barras verticais paralelas — e define a extensão exata das lacunas.

Dessa forma, a definição da arquitetura gráfica da inscrição e a mensuração precisa das lacunas constituem a base material de base para a etapa subsequente. Tendo estabelecido os limites físicos impostos pelo suporte e considerando as especificidades do dialeto previamente identificadas, a investigação encaminha-se para a restituição textual. Nesse novo estágio, a análise espacial integra-se à dedução filológica e histórica, visando recuperar o conteúdo original dentro das possibilidades permitidas pelo artefato.

3.2.3.4. Restituição da inscrição

Após concluída a análise métrica e estabelecidas as definições tipológicas e dialetais da inscrição, a investigação avança para a etapa de restituição textual. Nesta fase, o epigrafista mobiliza o seu repertório de conhecimentos linguísticos, históricos e culturais com o objetivo de preencher as lacunas mapeadas durante a metrificação.

No Quadro 2, apresenta-se a versão preliminar da transcrição, elaborada a partir do exame da Foto 18. Nesta versão inicial, preservou-se a correspondência exata do número de caracteres por linha, bem como os arcaísmos gráficos presentes na inscrição original. Os elementos textuais perdidos, por sua vez, encontram-se sinalizados por colchetes, acompanhados da estimativa numérica de caracteres faltantes em seu interior.

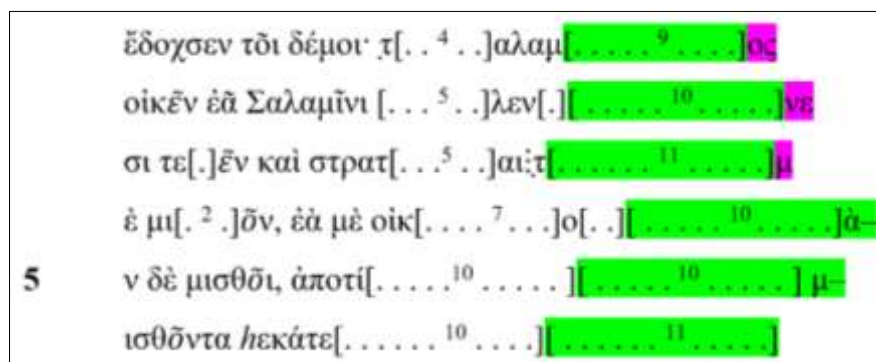
Adotou-se, adicionalmente, um critério cromático⁴⁷ para indicar as condições de legibilidade material: destacaram-se em verde os caracteres cuja averiguação direta revelou-se inviável, em virtude da ausência de um registro fotográfico integral do artefato epigráfico (com todas as suas peças) nos acervos digitais consultados. Não obstante essa lacuna nas imagens digitais primárias, a existência física desses trechos é atestada pela sobrevivência de sua respectiva estampagem (cf. Foto 17). Para diferenciar as letras identificadas exclusivamente por meio da observação desse decalque, aplicou-se a marcação na cor roxa na transcrição.

A distribuição do destaque cromático obedece à seguinte divisão: a totalidade dos termos desprovidos de cor foi empiricamente comprovada por meio do cálculo métrico aplicado ao suporte. Em contrapartida, os elementos assinalados em verde e em roxo resultam da

⁴⁷ O emprego de marcadores cromáticos não integra as convenções internacionais de transcrição epigráfica regidas pelo Sistema de Leiden, que se baseia exclusivamente em sinais tipográficos e diacríticos. A adoção das cores (verde e roxo) nesta seção constitui um recurso didático, elaborado para a presente dissertação com o intuito de facilitar a visualização do leitor quanto à origem de cada caractere na restituição das lacunas.

comparação entre proposta de transcrição inicial e a transcrição oficial presente na edição digital da *Inscriptiones Graecae*⁴⁸ (*Digital Edition*).

Quadro 2 - Transcrição inicial com destaque cromático pronta para restituição (linhas 1-6)



Fonte: Elaboração própria.

Uma vez estabelecidos os parâmetros e a extensão das lacunas, inicia-se a tentativa de restituição dos caracteres perdidos da inscrição. Conforme apresentado no segundo capítulo, essas técnicas operam a partir de três eixos principais: i) o uso de referencial literário; ii) a investigação da estrutura interna da própria inscrição; e iii) a comparação com outras inscrições de mesma tipologia e dialeto.

Trata-se de uma fase inerentemente complexa e frequentemente objeto de debates na comunidade epigráfica. Diante dessa controvérsia, em vez de propor preenchimentos especulativos fundamentados unicamente em percepções particulares, optou-se por mapear as discussões consolidadas na área, de modo a expor as diretrizes e os elementos históricos apresentados pelos especialistas que viabilizaram a restauração desta inscrição.

A etapa preliminar do processo analítico consiste na contextualização histórica e funcional do artefato. Para tanto, exige-se o cruzamento de dados históricos para a construção de uma narrativa coerente acerca do cenário sociopolítico no qual a peça esteve inserida. Observa-se, na literatura especializada, um esforço analítico na tentativa de delimitar os eventos históricos capazes de justificar a promulgação de um decreto voltado especificamente a cidadãos atenienses estabelecidos em Salamina.

O levantamento bibliográfico revela que a própria natureza da ocupação de Salamina e o seu estatuto como colônia ateniense no período atribuído à inscrição não são um consenso. Figueira (2020, p. 36) esclarece que a ilha foi alvo de disputa territorial decorrente das

⁴⁸ *Inscriptiones Graecae (Digital Edition)*. Disponível em: <<http://telota.bbaw.de/ig/digitale-edition/inschrift/IG%20I%C2%B3%201>>. Acesso em: 18 jun. 2023.

hostilidades entre Atenas e Mégara, cujo litígio exigiu a mediação de um legislador espartano. Conforme analisa Figueira (2020, p. 36-38), Atenas saiu vencedora do impasse ao alicerçar a sua reivindicação diplomática em evidências mitológicas, na manutenção de tradições locais e no endosso favorável do oráculo de Delfos.

Um aspecto relevante apresentado por Figueira (2020, p. 38) é que a resolução desse incidente apenas poderia ter prosperado em favor de Atenas no final do século VI a.C., considerando que Atenas ainda mantinha boas relações diplomáticas com Esparta neste período.

Em complemento a esse cenário, Figueira (2020, p. 38-39) analisa a possibilidade de Salamina ter constituído a primeira cleruquia ateniense, cujo estabelecimento seria anterior à própria gravação da inscrição IG I³ 1. Essa tese fundamenta-se na premissa de que o decreto em análise trata justamente da organização — ou reorganização — da comunidade ateniense na ilha após as reformas de Clístenes (514 a.C.).

Essa hipótese encontra respaldo na própria fórmula de sanção da inscrição, na qual a deliberação emana do "Povo" ou "Conselho" (em grego *δέμοι*, *démoi*), caracterizando um processo de decisão democrática. Essa natureza institucional e jurídica contrasta com o modelo autocrático verificado mais tarde nas inscrições imperiais romanas (27 a.C. a 476 d.C.), cujos decretos oficiais caracterizavam-se pelo culto e pela centralização do poder na figura do imperador.

Estabelecido o panorama histórico, o trabalho de restituição passa a exigir a compreensão sintática do documento para que se definam as orações gravadas no suporte. Diferentemente da formatação moderna em prosa, o fim de uma linha na epigrafia grega raramente corresponde ao término de uma frase. A identificação dessas cláusulas depende do reconhecimento de sinais de pontuação arcaicos adotados pelos lapicidas atenienses, notadamente o emprego do ponto triplo (:) para assinalar a transição entre frases, e dos dois pontos (:), cuja função sintática é análoga à da vírgula no português.

Com a estrutura sintática e a pontuação definidas, procede-se à análise interna da inscrição, priorizando as lacunas cujas resoluções podem ser deduzidas pelas lógicas morfológica e métrica. Na linha 3, por exemplo, identifica-se o fragmento *τελ./ἔν*, no qual o caractere central está suprimido. A coerência morfológica do texto sugere tratar-se de um verbo no infinitivo, devido à correspondência com a desinência *-έν* (*-ên*) do verbo *οἰκέν* (*oikên*), presente na linha 2. Considerando a natureza fiscal do decreto, a restituição mais plausível é *τελέν* (*telên*) – advindo do verbo *τελέω* (*teléō*, pagar imposto) –, preenchendo-se assim a lacuna com a consoante lâmbda λ (l).

Dando continuidade à análise da linha 3, logo após a restituição de *τελῆν* (*telên*), a ocorrência da conjunção *καὶ* (*kai*) sinaliza a coordenação entre dois termos de mesma classe sintática – neste caso, dois verbos. A palavra fragmentada que se segue exhibe o início de um radical *στρατ-* (*strat-*) e a desinência *-αι* (*-ai*), separados por exatos cinco espaços vazios na grade métrica: *στρατ[. . .⁵ . .]αι*. O preenchimento desse espaço específico adequa-se precisamente à sequência *-εύεσθ-* (*-eúesth-*). O resultado obtido é a forma *στρατεύεσθαι* (*strateúesthai*), infinitivo presente médio do verbo *στρατεύω* (*strateúō*, servir como soldado). A leitura conjunta de ambos os verbos estabelece, portanto, as duas obrigações cívicas impostas pelo decreto: "pagar impostos e servir como soldado".

Além das deduções sintáticas empregadas nas linhas iniciais, aplica-se também o exame da estrutura interna da própria inscrição. Esse recurso de dedução baseia-se na recorrência textual, em que vocábulos íntegros funcionam como guias morfológicos e semânticos para preencher lacunas adjacentes. Um exemplo dessa aplicação ocorre na linha 4, onde o fragmento *μ[.]δν* exhibe duas letras faltantes; no entanto, o exame da linha subsequente (linha 5) revela a presença do termo completo *μισθοῖ* (*misthōi*). Essa identidade radical permite deduzir tratar-se da mesma palavra, diferindo apenas na desinência casual: de *-οῖ* (*-ōi*) para *-δν* (*-ōn*). De modo análogo, a repetição de topônimos assegura um preenchimento com elevado grau de confiabilidade, como se verifica com o substantivo dativo singular *Σαλαμῖνι* (*Salamîni*), atestado integral ou parcialmente nas linhas 1, 2 e 3, encaixando-se com exatidão na quantidade de caracteres das lacunas.

Contudo, o cálculo métrico e a análise puramente gramatical não solucionam todos os impasses documentais. Há situações em que os espaços vazios acomodam mais de uma hipótese editorial. Um caso emblemático, presente nesta inscrição, é a concorrência entre o substantivo *κλερόχος* (*klerókhos*) e o particípio *οἰκόντας* (*oikôntas*), ambos semanticamente próximos ("colono" e "habitante") e metricamente viáveis para a mesma lacuna. Diante dessa ambiguidade, Meiggs e Lewis (1969, p. 26) e Lewis (1981, p. 2) optaram pelo uso do substantivo *κλερόχος* (*klerókhos*). A justificativa para essa escolha transcende a gramática, ancorando-se no contexto histórico: tratava-se de colonos inseridos no modelo de *cleruquia*, que se estabeleciam no exterior, mas mantinham vínculo político indissociável e obrigações institucionais ativas com a pólis ateniense.

Segundo essa mesma lógica dedutiva, amparada pela natureza jurídica da inscrição, procedeu-se à restituição da forma dativa plural *Ἀθένεσι* (*Athénesi*), preterindo a nominativa plural *Ἀθηναί* (*Athēnai*). Conforme as propostas apresentadas por Lewis (1981, p. 2), a

manutenção da estrutura no dativo assegura sintaticamente o sentido de subordinação ou prestação de contas à autoridade de Atenas, responsável pela promulgação do decreto.

Por fim, a linha 12 expõe os limites materiais do processo de restituição. O termo sugerido, *βολῆς* (*bolês*), consiste em um fragmento de uma fórmula epigráfica frequentemente atestada em decretos referentes ao conselho ateniense. A oração completa correspondia originalmente à estrutura *ἔδοχσεν τῇ βολῇ καὶ τῷ δέμοι* (*édokhsen têi bolêi kaì tôi démoi*), a qual, de acordo com Meiggs e Lewis (1961, p. 27), funciona como uma cláusula de promulgação inserida habitualmente no início ou no desfecho da inscrição. Todavia, diante da quantidade expressiva de elementos perdidos, não é possível asseverar que essa frase tenha sido gravada em sua totalidade, mantendo a restituição completa desse trecho no plano das hipóteses.

Concluída a aplicação de todas essas diretrizes métricas, morfológicas e histórico-contextuais, o estabelecimento textual alcança o seu delineamento. O resultado da transcrição integral desta inscrição, incorporando os preenchimentos propostos, apresenta-se no Quadro 3:

Quadro 3 - Transcrição integral da IG I³ 1

	ἔδοχσεν τῷ δέμοι· τ[ὸς ἐ Σ]αλαμ[ῖνι κλερόχ]ος
	οἰκῆν ἐὰ Σαλαμῖνι [... ⁵ ...]λεν [... ⁷ ... Ἀθῆ]νε-
	σι τε[λ]ῆν καὶ στρατ[εύεσθ]αι : τ[ὰ δ' ἐ Σαλαμῖνι] μ-
	ἐ μι[σθ]ῶν, ἐὰ μὲ οἰκ[... ⁷ ...]ο[. μισθόμενο. : ἐ]ὰ-
5	ν δὲ μισθῶν, ἀποτί[νεν τὸμισθόμενον καὶ τὸ] μ-
	ισθῶντα ἑκατέ[ρον ¹⁹]
	ἐς δεμόσιο[ν : ἐσπράτεν δὲ τὸν ᾧ]-
	ρχο[ν]τα, ἐὰν [δὲ μέ, εὐθ]ύ[νεσθαι : τ]-
	ᾧ δὲ [ἡ]όπλα π[αρέχεσθ]α[ι αὐτὸς : τ]-
10	ριά[κ]οντα : ὁρ[αχμῶν :] ἡο[πλισμένο]-
	ν δὲ [τ]ὸν ἄρχοντ[α τὰ ἡόπλα κρίν]-
	εν : [ἐπ]ὶ τῆς β[ολ]ῆς ¹¹]

Fonte: Elaboração própria com base nas restituições propostas por Meiggs e Lewis (1961), Lewis (1981) e na transcrição da edição digital das *Inscriptiones Graecae*.

3.2.3.4.1 A aplicação da tecnologia de Reconhecimento Ótico de Caracteres (OCR)

Para a condução deste exercício prático, buscou-se empregar *softwares* baseados na tecnologia de Reconhecimento Ótico de Caracteres (do inglês, *Optical Character Recognition* – OCR) como recursos auxiliares de leitura. Nesse sentido, os programas selecionados foram instalados e testados sobre todas as imagens do artefato que se encontravam à disposição.

Visando a execução desta análise, elegeram-se duas ferramentas específicas. A primeira foi o *Lace 2*, resultado de um projeto⁴⁹ desenvolvido em 2012, que tem como propósito a leitura automatizada de alta precisão em textos de grego antigo oriundos de imagens bidimensionais. Complementarmente, utilizou-se o *Ancient Greek OCR (AGO)*⁵⁰, um pacote de reconhecimento de caracteres em grego integrado à interface gráfica do *software gImageReader*. Durante o uso, o AGO revelou-se consideravelmente mais acessível em termos de usabilidade, ao contrário do *Lace 2*, cuja arquitetura demanda do usuário conhecimentos mais avançados em computação.

Apesar do potencial prático prometido, a submissão das imagens da inscrição IG I³ 1 a esses algoritmos não retornou resultados satisfatórios, uma vez que ambos os programas apresentaram inconsistências impeditivas ao reconhecimento e à extração correta do texto. Entretanto, essa limitação encontra justificativa técnica no escopo das ferramentas disponíveis: os *softwares* de OCR vigentes foram elaborados para identificar matrizes do grego clássico padronizado, de modo que os arcaísmos gráficos presentes nesta inscrição – tais como variações epicóricas do *sigma* ou consoantes não contratas – extrapolam a base de dados visual dos algoritmos, exigindo ainda a intervenção do investigador humano.

3.2.3.4.2 O uso de redes neurais profundas na restituição epigráfica: o modelo Ithaca

O avanço das Humanidades Digitais trouxe, em 2022, um marco para a área: a publicação na revista *Nature* (v. 608)⁵¹ do primeiro modelo de treinamento em *deep learning* (aprendizado profundo) do mundo focado na restauração/restituição de inscrições antigas. O projeto, que

⁴⁹ *Software Lace 2*. Disponível em: <<https://github.com/brobertson/Lace2/releases>>. Acesso em: 18 jun. 2023.

⁵⁰ *Software AGO* versão 2.0. Disponível para download em: <<https://ancientgreekocr.org/#:~:text=Ancient%20Greek%20OCR%20is%20free,Greek%20typography%2C%20syntax%20and%20vocabulary>>. Acesso em: 18 jun. 2023.

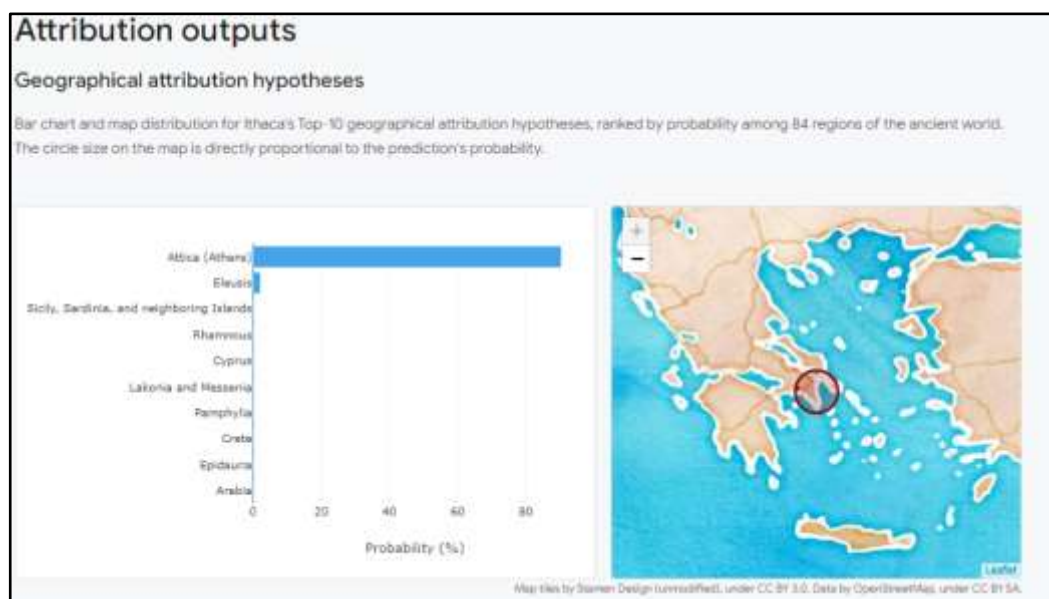
⁵¹ Artigo *Nature*. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/s41586-022-04448-z>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

evoluiu do algoritmo *Pythia* para o sistema *Ithaca*⁵² (ASSAEL et al., 2022), apresentou resultados surpreendentes desde sua fase de treinamento, registrando uma taxa de erro de apenas 30,1% na identificação de caracteres — índice consideravelmente inferior aos 57,3% de erro observados em restituições realizadas exclusivamente por epigrafistas humanos.

Esses dados indicam que, no processo de preenchimento de lacunas textuais, a ferramenta alcança uma eficácia cerca de 90% superior à capacidade humana isolada. É importante destacar que o aprendizado do algoritmo é de natureza estatística: a rede neural ajusta os seus parâmetros à medida que processa novos *corpora* inseridos por colaboradores, tornando-se progressivamente mais precisa e eficiente.

Com o intuito de verificar empiricamente a acurácia do sistema na identificação do dialeto e na estimativa de datação, no exercício prático realizado com a inscrição IG I³ 1, submeteu-se a versão parcial (linhas 1 a 6) da transcrição deste decreto ao modelo *Ithaca*. Ao processar o fragmento, o algoritmo gerou os resultados apresentados na Figura 12.

Figura 12 – Identificação do dialeto da inscrição IG I³1 através de *Ithaca*



Fonte: Captura de tela do site oficial *Ithaca*.

O sistema previu, com 90,3% de probabilidade, que o texto pertence à variedade dialetal ática. A fundamentação para esse diagnóstico é estritamente linguística (Figura 13): o *Ithaca* identificou o encontro consonantal não contrato $-\chi\sigma-$ no vocábulo $\epsilon\delta\omicron\chi\sigma\epsilon\nu$ (*édokhsen*) como o

⁵² Site de teste do *Ithaca*. Disponível em: <<https://ithaca.deepmind.com/>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

marcador dialetal determinante, convergindo exatamente com a análise realizada anteriormente neste capítulo (cf. subitem 3.2.3.2).

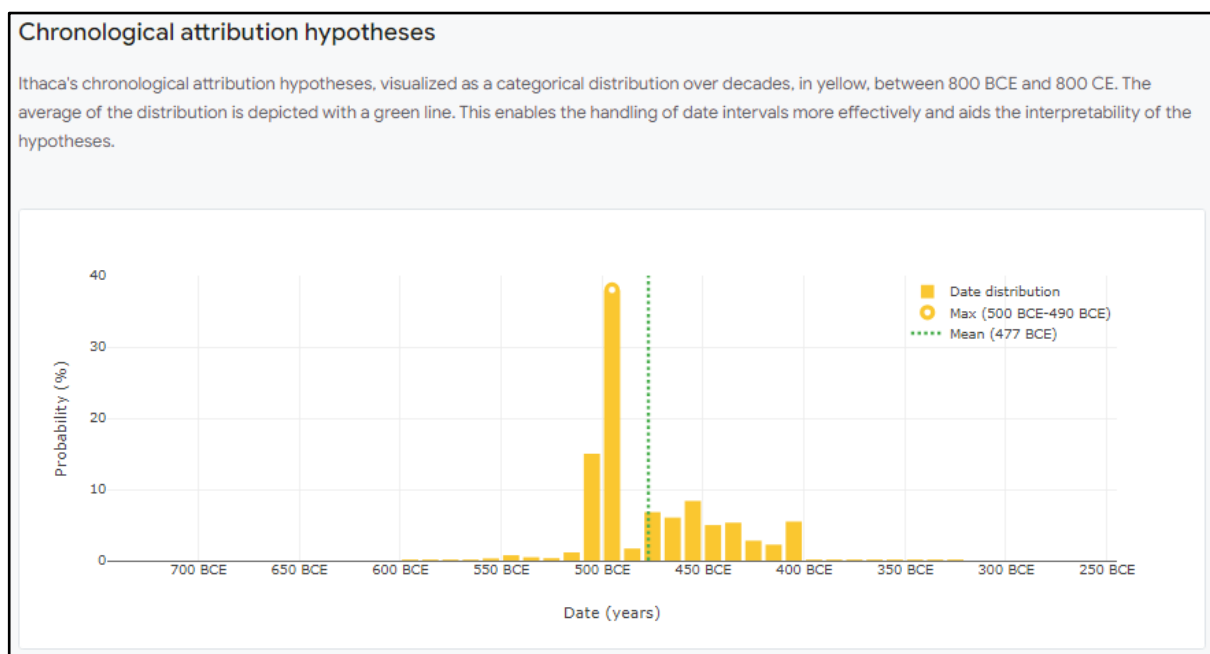
Figura 13 – Evidência do dialeto ático apontada por *Ithaca*



Fonte: Site oficial *Ithaca*.

Além da capacidade de restaurar/restituir elementos e de realizar a atribuição geográfica do dialeto, o *Ithaca* ainda consegue propor uma estimativa cronológica para a inscrição (Figura 14), baseando-se novamente em critérios fonéticos e morfológicos (Figura 15).

Figura 14 – Estimativa da datação da inscrição por *Ithaca*



Fonte: Site oficial *Ithaca*.

Figura 15 – Evidência linguística para datação da inscrição por *Ithaca*



Fonte: Captura de tela do site oficial *Ithaca*.

A evidência processada pela rede neural para estimar a datação da inscrição foi, mais uma vez, o encontro consonantal arcaico $-\chi\sigma-$. Segundo o cálculo estatístico, a forma registrada é compatível com o período de 477 a.C., o que demonstra uma proximidade considerável com a datação histórico-arqueológica verificada pela crítica epigráfica (510-500 a.C.), atestando a eficácia da leitura computacional.

Em última análise, ao se explorar a funcionalidade primária de preenchimento de lacunas, observou-se uma especificidade técnica da atual versão da ferramenta. O modelo *Ithaca* demonstrou precisão ao calcular caracteres perdidos isolados entre variáveis textuais legíveis. Foi o caso da lacuna entre conjuntos consonânticos, exemplificada no termo τε[.]ῆν, cujo caractere faltante foi processado pelo algoritmo. Constatou-se, portanto, que o algoritmo se estabelece como um recurso analítico de alta precisão para o investigador, otimizando o preenchimento de lacunas intermediárias, ainda que exija uma densidade mínima de texto remanescente nas margens para projetar restituições extensas.

O percurso realizado ao longo de toda esta segunda etapa metodológica — a fase Laboratorial ou de Gabinete — evidencia a reconfiguração do trabalho epigráfico na contemporaneidade. Desde a elaboração estruturada da ficha do artefato em linguagem EpiDoc TEI-XML e a revisão da literatura em bases de dados interconectadas, até a identificação tipológica, dialetal, métrica e, finalmente, a restituição do texto amparada por estimativas computacionais, observou-se uma integração de procedimentos. A análise linguística e histórico-contextual aliou-se à precisão das ferramentas computacionais. Com as lacunas preenchidas, a datação estimada e o documento da inscrição IG I³ 1 devidamente estabelecido e codificado, encerra-se o tratamento interno dos dados. A investigação atinge, assim, a maturidade exigida para avançar à sua terceira e última etapa: a Publicação, momento em que o conhecimento estruturado é disponibilizado nas plataformas de compartilhamento da comunidade acadêmica global.

3.3 TERCEIRA FASE: PUBLICAÇÃO

3.3.1 Preparativos para a publicação digital: critérios de transcrição e tradução

Os *corpora* epigráficos surgiram da necessidade de divulgar os achados epigráficos à comunidade científica da época, visto que poucos acadêmicos dispunham de acesso direto ao artefato original, a cópias ou a fotografias, bem como aos registros produzidos por seus pares (Woodhead, 1961, p. 94). Sob essa perspectiva, o propósito de sistematização e difusão mantém a sua essência na atualidade; contudo, as limitações técnicas inerentes aos meios de divulgação impressos impediam que tal objetivo fosse alcançado em sua plenitude.

Na contemporaneidade, a tecnologia digital superou essas barreiras físicas, inaugurando um novo paradigma de acessibilidade. Nesse contexto, grandes bases de dados, como a *Inscriptiones Graecae* (IG) e o *Packard Humanities Institute* (PHI), expandiram esse alcance ao adotarem os princípios do *Linked Open Data* (LOD), integrando-se a uma infraestrutura digital em constante crescimento.

Concomitantemente a esses grandes acervos, emergiram outras bases de dados — conforme elencado na seção 3.2.2 — que compartilham o mesmo propósito de integração via LOD.

É nesse panorama que o EpiDoc se consolidou como a principal linguagem computacional utilizada no campo da Epigrafia (Heřmánková et al., 2022, p. 9). Simultaneamente, destaca-se a plataforma de *EpiDoc Front-End Services* (EFES), empregada para apresentar os projetos epigráficos codificados em XML e publicados pelos autores nas bases de dados *online*. O diferencial desse paradigma digital em relação aos *corpora* impressos reside na otimização da visualização e na agilidade de pesquisa, recursos que, para os epigrafistas modernos, potencializam a análise e a compreensão dos dados epigráficos.

No que tange ao projeto epigráfico ilustrativo da inscrição IG I³ 1, a aplicação das etapas anteriores do método epigráfico digital viabilizou o exame do artefato por meio de ferramentas digitais que geraram imagens digitais em alta resolução e permitiram a disponibilidade irrestrita de acesso aos dados.

Nesse sentido, estruturou-se um projeto em *EpiDoc TEI XML*, com a finalidade de armazenar sistematicamente os dados obtidos na fase de Autópsia e, subsequentemente, incorporar os elementos da transcrição. O tratamento analítico da inscrição compreendeu a classificação tipológica, a identificação da variante dialetal, a análise métrica e a restituição das lacunas, culminando em uma edição digital apta para publicação.

Com a conclusão da fase Laboratorial (ou De Gabinete), obteve-se um arquivo XML estruturado. O levantamento realizado nas bases de dados especializadas indicou a existência prévia de apenas uma versão digital da inscrição IG I³ 1, a qual, contudo, não seguia padrões normativos. Dessa forma, o projeto desenvolvido nesta dissertação constitui a primeira codificação desta inscrição em estrita conformidade com as diretrizes do EpiDoc.

Esse ineditismo possui relevância científica, uma vez que a transposição de inscrições para linguagens computacionais padronizadas permanece uma demanda atual na disciplina. Ao ser disponibilizado na plataforma EFES, o código-fonte gerado não se encerra em si mesmo; ele inaugura um ciclo colaborativo, permitindo que a comunidade acadêmica utilize, corrija ou expanda os dados aqui estruturados. Assim, a catalogação proposta e a publicação em plataformas especializadas, como a EFES, configura uma contribuição para o acervo digital global, preenchendo uma lacuna documental e atendendo aos requisitos essenciais de preservação e acessibilidade do patrimônio epigráfico.

Ademais, a revisão bibliográfica constatou a predominância de idiomas estrangeiros no acesso ao conteúdo semântico das inscrições: as traduções disponíveis de inscrições no geral e, sobretudo acerca das *Inscriptiones Graecae* e em obras correlatas publicadas encontram-se, majoritariamente, nas línguas inglesa e alemã. Considerando esse panorama, buscou-se ampliar o escopo da contribuição por meio da elaboração de uma tradução inédita para o português brasileiro, avançando em mais um nível deste trabalho.

Nessa conjuntura, a tradução desenvolvida foi integrada à estrutura do arquivo digital, constituindo o primeiro registro em língua portuguesa, que poderá vir a ser publicada em uma das bases de dados mencionadas.

Apresenta-se no Quadro 4 a proposta de tradução disposta paralelamente à transcrição da inscrição IG I³ 1. Cabe ressaltar que, enquanto a transcrição do texto grego obedece estritamente às regras do Sistema de Leiden para representar as intervenções editoriais e o estado físico do suporte epigráfico, a tradução adota recursos gráficos auxiliares — como o uso de colchetes e parênteses — com a finalidade de manter a correspondência visual e facilitar a correlação entre o original arcaico e a versão vernácula.

Quadro 4 – Transcrição e tradução da inscrição IG I³ 1

Transcrição (Grego)	Tradução (Português)
ἔδοχεν τοῖς δέμοι· τ[ὸς ἐ Σ]αλαμ[ῖνι κ]αρύχ[ος] οἴκον ἐν Σαλαμῖνι [. . . ⁵ . . .]· μ[ε]ν [. . . ⁷ . . . Αθ[ε]νε- σι τ[ε]λ[ε]ν καὶ στρατ[ε]ύουσ[ιν]· τ[ὸ δ' ἐ Σαλαμῖνι] μ- ἐ μ[ε]σθ[όν], ἐὰ μὲ οἴκ[. . . ⁷ . . .]ο[ς] μισθόμεν[ο]· ἐ[λ]α- ν δὲ μισθ[ο]ν, ἀποτ[ί]νεν τὸ μισθόμενον καὶ τὸ μ- ισθόντα ἡκ[α]τε[ρ]όν . . . ¹⁹ . . .] ἐς δ[ε]μόσι[ον]· ἐσπράταν δὲ τὸν αἰ- ρ[ο]ν[τα], ἐάν [δὲ μὲ, εὐθ]ύ[ως] μ[ε]σθ[ο]ν· τ[ὸ]- ἂ δὲ [ἡ]λόπ[λα] π[ρ]ο[σ]έχουσ[ιν] αὐτ[ὸς]· τ[ὸ]- ριά[ς]κ[ον]τα· ὁρ[α]χμ[ο]ν· [] ἡσ[ο]κ[ο]νόμεν[ο]- ν δὲ [τ]ὸν ἄρχον[τα] τὰ ἡλόπ[λα] κριν[ε]- εν· [ἐπ]ὶ τ[ῆς] β[ο]ύλ[ης] . . . ¹¹ . . .]	Pareceu bem ao Povo: [o portador de um lote de terra recebido por sorteio] em Salamina (será) permitido morar em Salamina [---] (deverá) pagar impostos e servir como soldado [--- para Atenas] : que não [arrendará] [(a terra)] [em Salamina] : mas, que se arrendar, [aquele que está recebendo a renda/o arrendante e] aquele que está pagando/o arrendatário, [ambos] [---] (devem) pagar multa para o Estado, e se o arconte não (cobrar) (será) [punido], [o próprio colono] (deverá) fornecer as armas (no valor) de trinta [dracmas :] o arconte, então, (deverá) [preparar], e [separar as armas], Diante do Conselho [---]

Fonte: Elaboração própria com base na transcrição de Lewis, 1981, p. 1

3.3.1.1 Características da transcrição e estratégias de edição

A transcrição utilizada neste trabalho como base para a proposta de tradução para a língua portuguesa brasileira preserva a integridade estrutural da inscrição registrada sobre o suporte físico (o artefato), mantendo a disposição original de doze linhas e respeitando o alinhamento à esquerda. Embora o registro original apresente os caracteres gravados em estilo métrico *stoichedon* e arcaísmos gregos, a edição agrupa-os em vocábulos para facilitar a compreensão, respeitando, contudo, a quantidade exata de caracteres por linha presentes no suporte físico.

No tocante à grafia, enquanto a inscrição original apresenta o texto em letras maiúsculas (caixa alta), a transcrição estabelece a conversão para caracteres minúsculos, integrando a acentuação (agudo, grave e circunflexo) e os espíritos, de modo a favorecer a leitura e a análise morfológica.

Para representar o estado de conservação da inscrição no suporte e distinguir o dado material da intervenção editorial, a transcrição obedece às normas do Sistema de Leiden. Essa codificação semântica emprega o conjunto padrão de sinais diacríticos (cf. Tabela 11, Cap. 2, item 2.2.3.6) que padroniza a leitura técnica: os caracteres transcritos fora dos colchetes retos correspondem àqueles que se encontram visíveis e legíveis na superfície do suporte epigráfico, constituindo a evidência material direta.

Em contrapartida, o uso de colchetes retos [] sinaliza as intervenções do editor para recuperar as partes do texto perdidas devido à degradação do artefato. O conteúdo inserido entre eles representa as restituições deduzidas pelo editor com base no contexto ou em paralelos epigráficos. Nas situações em que a restituição textual não foi possível, utilizaram-se pontos no interior dos colchetes para indicar a existência de caracteres calculados pela métrica — mas não identificados — ou numerais para quantificar o número exato de letras faltantes.

Adicionalmente, a presença de um ponto subscrito sob uma letra indica que, embora restem traços visíveis no suporte que ainda permitem entendê-la ou transcrevê-la, a identificação do caractere não é absoluta, não se descartando outras possibilidades de leitura paleográfica.

No que tange à pontuação, a transcrição apresenta um equilíbrio entre a fidelidade histórica e a clareza sintática. Foram preservados os sinais de pontuação originais do grego ático de 510-500 a.C., especificamente o ponto triplo (:) e o ponto duplo (:). Entretanto, observam-se intervenções interpretativas do editor, como a inserção de pontos altos e vírgulas – ausentes no suporte físico – para organizar as orações, além do uso de hifens (-) ao final das linhas, à direita, para indicar a continuidade dos vocábulos fragmentados pela quebra de linha realizada pelo lapicida.

3.3.1.2 Critérios e estratégias da proposta de tradução

A elaboração da tradução inédita apresentada neste trabalho não deve ser compreendida como um produto acabado, mas como uma proposta aberta à reavaliação pelos pares, suscetível aos refinamentos que o debate acadêmico contínuo proporciona.

Do ponto de vista instrumental, a tarefa de tradução apoiou-se no uso de recursos lexicográficos digitais. Para a definição de vocabulário, foram utilizados o *Dicionário Digital Grego-Português* (DDGP)⁵³ e o *Lexilogos*⁵⁴. Complementarmente, para a verificação gramatical e a análise precisa das formas verbais e nominais, recorreu-se à ferramenta de análise morfológica *Morpheus – Greek Word Study Tool*⁵⁵, desenvolvida pelo *Perseus Project*⁵⁶, bem como a consulta aos dicionários online a ela vinculados.

Estrategicamente, optou-se por manter a tradução alinhada à estrutura sintática da transcrição, privilegiando a clareza e a correspondência direta para facilitar a compreensão do texto antigo pelo leitor moderno. A segmentação do decreto obedeceu à pontuação identificada na transcrição, especificamente o uso do ponto triplo (:) e dos dois pontos (:).

No que tange à pontuação, interpretou-se o ponto triplo (:) como um marcador de separação entre as cláusulas do decreto. Dada a inexistência de um correspondente gramatical

⁵³ *Dicionário Digital Grego-Português* (DDGP). Disponível em: <<http://perseidas.fclar.unesp.br/3x/>>. Acesso em: 15 maio 2023.

⁵⁴ Dicionário digital *Lexilogos*. Disponível em: <https://www.lexilogos.com/english/greek_ancient_dictionary.htm>. Acesso em: 15 maio 2023.

⁵⁵ *Morpheus-Greek Word Study Tool* (*Perseus Project*) com dicionários vinculados. Disponível em: <<https://www.perseus.tufts.edu/hopper/morph?l=%28%2Fos&la=greek>>. Acesso em: 15 maio 2023.

⁵⁶ *Perseus Digital Library*. Disponível em: <<https://www.perseus.tufts.edu/hopper/>>. Acesso em: 15 maio 2023.

direto na língua portuguesa — ou mesmo nos manuais de grego clássico padrão — para essa pontuação específica⁵⁷, decidiu-se por mantê-la graficamente na tradução, preservando a identidade visual da inscrição. Já o ponto alto (·) foi transposto funcionalmente como dois pontos (:), estabelecendo uma equivalência lógica na pontuação da língua de chegada.

Para a representação gráfica das intervenções editoriais e das lacunas do suporte físico na versão em português, adotou-se um critério de notação específico. O conteúdo disposto entre colchetes, exemplificado por [punido], refere-se à tradução dos termos que foram restituídos pelo editor na transcrição grega (aqueles que também se encontram entre colchetes no texto original), indicando tratar-se de uma reconstrução e não de leitura direta da pedra. Diferentemente, os colchetes contendo traços, como em [---], indicam lacunas textuais no grego para as quais, embora possa haver um cálculo métrico do número de caracteres faltantes, não foi possível estabelecer uma restituição lexical segura, inexistindo, portanto, tradução disponível. Por fim, o uso de parênteses () sinaliza a inserção de vocábulos ausentes no original grego, mas adicionados para acomodar o sentido e garantir a fluidez sintática na língua portuguesa.

3.3.1.3 Particularidades linguísticas e dialetais da transcrição

A observação da transcrição revelou divergências entre o dialeto ático arcaico, vigente no período de 510-500 a.C., e a versão do grego clássico padronizado. Essas discrepâncias não constituem incorreções, mas refletem o uso do alfabeto ático epicórico (local) anterior à reforma ortográfica de Euclides, ocorrida em 403 a.C., bem como fenômenos fonéticos específicos daquele estágio da língua.

No que concerne ao sistema vocálico, observa-se uma grafia ainda não padronizada para as vogais longas e ditongos. O grafema *épsilon* (ε) assume polivalência, representando sons que, no padrão posterior, seriam grafados com *eta* (η), como evidenciado nas formas τῆς > τῆς, βολῆς > βουλής, e μέ > μή. Fenômeno análogo ocorre com o uso do ômicron (ο) para

⁵⁷ Convém observar que o sistema de pontuação apresentado nas gramáticas normativas tradicionais, como a *Gramática Grega* de Éloi Ragon (2012, p. 5-6) ou a de Antônio Freire (1987, p. 18-19), reflete a padronização desenvolvida pelos gramáticos alexandrinos no período Helenístico e consolidada pela tradição bizantina. No entanto, de acordo com Guarducci (1967, p. 392), o uso de sinais divisórios em inscrições é irregular: o ponto isolado raramente ocorre; em regra, observam-se conjuntos de dois ou três pontos verticais, embora também apareçam quatro, cinco, seis, nove ou até mesmo dez pontos, mas sendo o ponto triplo o habitual em inscrições áticas arcaicas – padrão visual que optamos por manter na presente tradução para preservar a identidade epigráfica do decreto.

representar o som correspondente ao ditongo *ou*, verificável nas grafias de *βολῆς > βουλῆς* e *κληρόχος > κληροῦχος*.

Quanto ao sistema consonantal e à ortografia, a inscrição preserva traços específicos. A aspiração rude não é indicada por sinal diacrítico (espírito áspero), mas incorporada ao texto através da letra *heta* (*H*) conforme se nota em *hekátepon > ékátepon*. Ademais, as consoantes duplas são grafadas de maneira decomposta: o grafema *xi* (*ξ*) não é utilizado, sendo substituído pela sequência *chi* e *sigma* (*χσ*), como no verbo *ἔδοχσεν > ἔδοξεν*. Nota-se, ainda, a ausência de geminação da consoante *tau* (*τ*) em vocábulos onde a grafia clássica apresentaria o redobro, exemplificado pelo verbo *ἐσπράτεν*, que corresponde à forma *εἰσπράττειν*.

Por fim, no âmbito morfológico, destacam-se variações nas desinências e partículas. Os verbos no infinitivo apresentam-se sem a vogal *iota* (*ι*) final, como em *οἰκῆν > οἰκεῖν* e *ἐσπράτεν > εἰσπράττειν*. Verificou-se também a elisão da consoante *ni* (*ν*) final em certas partículas, como na forma de *ἐᾶ*, que no padrão clássico corresponde a *ἐᾶν*.

O levantamento desses fenômenos não apenas confirma a natureza dialectal e a cronologia do decreto, mas também valida a compreensão textual que alicerçou a tradução proposta neste trabalho. Com a transcrição analisada e a versão em língua portuguesa estabelecida, encerra-se a etapa de preparação do conteúdo. Reúnem-se, assim, todos os dados textuais e contextuais necessários para alimentar a estrutura do arquivo XML, permitindo avançar para a consolidação do projeto na fase final de publicação digital.

3.3.2 Publicação digital (Versão 1.0)

A etapa final do método epigráfico digital consiste na apresentação visual e interativa dos dados obtidos, tornando-os acessíveis em uma interface navegável. Para a concretização desta fase, realizou-se a publicação *web* da edição digital da inscrição IG I³¹ por meio do ambiente *EpiDoc Front-End Services* (EFES). A escolha por esta plataforma justifica-se por ser uma solução desenvolvida pela própria comunidade do *EpiDoc*, projetada para processar o arquivo XML e convertê-lo automaticamente em uma página web dinâmica e padronizada, dispensando o epigrafista de conhecimentos avançados em programação *web*⁵⁸.

⁵⁸ O *EpiDoc Front-End Services* (EFES) é uma plataforma de publicação de código aberto baseada no *framework* Kiln, criada para facilitar a publicação de edições epigráficas codificadas em TEI-XML, fornecendo folhas de estilo (XSLT) e funcionalidades de indexação pré-configuradas. O código-fonte do EFES e a documentação oficial são mantidos publicamente pela comunidade EpiDoc em seu repositório no GitHub.

O procedimento técnico iniciou-se com a organização dos materiais a serem publicados. Foi necessário estruturar um projeto específico dentro da plataforma para armazenar as informações textuais e o acervo de imagens coletadas e/ou criadas. Nessa etapa, o arquivo XML codificado na fase de gabinete foi retomado e expandido: procedeu-se à incorporação de traduções, incluindo a proposta desenvolvida neste trabalho, bem como à inserção dos devidos metadados de responsabilidade autoral. O resultado final dessa integração é a exibição do trabalho em um *layout* intuitivo, que conecta o texto às imagens *online*, conferindo dinamismo à leitura epigráfica.

A organização visual da publicação segue uma lógica vertical de leitura, conforme demonstram as Figuras 16, 17 e 18. A seção superior (Figura 16) destaca uma visualização textual dinâmica, recurso operado por botões que permitem a mudança instantânea no padrão de exibição. O usuário pode alternar entre a versão diplomática e a interpretativa. Na seção intermediária (Figura 17), a interface apresenta as traduções, dentre as quais a tradução inédita desenvolvida neste trabalho foi inserida, disposta ao lado das versões canônicas em alemão e inglês, ampliando a acessibilidade para a comunidade lusófona.

Por fim, a seção inferior da página (Figura 18) demonstra o compromisso com a integração de dados e a documentação. Além de exibir o acervo de imagens vinculadas, essa área disponibiliza, no canto inferior esquerdo, um *link* direto para o *download* do arquivo XML completo. Essa funcionalidade reflete os princípios de *Linked Open Data* (LOD), pois permite que outros pesquisadores baixem, validem e reutilizem os dados brutos estruturados, garantindo a transparência científica e a perenidade da informação.

Figura 16 – Publicação no EFES (parte 1)

EFES

MENU

IGI³¹. Decree on the cleruchs of Salamis

Description: Stele Marble (w 97.6 x h 21.9 centimeter).

Text: Stele fragmented into seven parts.

Date: Between 510 and 500 B.C.

Findspot:

Found in 1863 at [Acropolis](#)

Original location: Athens

Current repository: Epigraphical Museum of Athens

Text type: Decree

Summary: Earliest known Athenian decree regulating the status of cleruchs at Salamis

Editor(s): David Lewis

Publication details: [Inscriptiones Graecae](#) ;

The Inscriptiones Graecae are the oldest project of the Berlin-Brandenburg Academy of Sciences and Humanities, being the successor of the Corpus Inscriptionum Graecarum (CIG), founded in 1815.

[Creative Commons Attributions-NonCommercial 4.0 International](#) Licensed by © [Paula C. Boschiero](#).

Interpretive

Diplomatic

5

10

ἔδοχεν τοῖς δέμοις τ[ὸς ἐ]σ[τ]αλαμ[ὶνι κληρόχ]ος
οἰκὲν ἐὰ Σαλαμῖνι [c. 5]λεν [c. 7 Ἀθ]ε[ν]-
σι τελεῖν καὶ στρατ[ε]ύειν αἰ[: τ[ὸ] δ' ἐ Σαλαμῖνι] μ[ε]-
ῖμι [σθ]όν, ἐὰ μὲ οἰκ[: c. 7]ο[: μισθόμενος : ἐ]ἄ-
ν δὲ μισθῶν, ἀποτί[: νεν τὸ μισθόμενον καὶ τὸ] μ[ε]-
ισθόντα ἡκάρτε [ρον c. 19]
ἐς δὲμοῖσι [ν : ἐσπράτεν δὲ τὸν ἄ-]
ρχο[ν]τα, ἐὰν [δὲ μὲ, εὐθ]ύ[: νεσθαι : τ-]
ἂ δὲ [: ἡ]τόπλα π[: ἀρέχισ]θα [: αὐτὸς : τ-]
ριά [κ]όντα : δρ[: ἀχμὸν :] ἡο[: πλισμένο-]
ν δὲ [τ]όν ἀρχοντ[: α τὰ ἡτόπλα κρίν -]
εν : [ἐπ]ὶ τῆς β[: ο]λῆ [: c. 11]

Fonte: Captura de tela da plataforma EFES (2023).

Figura 17 – Publicação no EFES (parte 2)

Translation (German)

Translation by Klaus Hallof

Beschluss des Volkes: dass man auf Salamis die Kleruchen
siedeln lasse in Salamis - - -; dass sie in Athen
Steuern zahlen und Militärdienst leisten; dass sie die (Grundstücke) auf Salamis
nicht verpachten, wenn nicht - - - der Pächter - - -; wenn
5 aber einer verpachtet, dass Strafe zahlen der Pächter und der Ver-
pächter, jeder von beiden - - -
in die öffentliche Kasse; dass sie eintreibe der Ar-
chon; wenn aber nicht, dass er bestraft werde;
dass sie (die Kleruchen) die Waffen selbst stellen (im Wert)
10 von dreißig Drachmen; dass von den Bewaffneten
der Archon die Waffen muste-
re. Unter dem Rat - - -.

Translation (English)

Translation by Stephen Lambert, Julian Schneider

The People decided: [those who hold an allotment] at Salamis
shall be permitted to (?) reside on Salamis - - - at [Athens]
they shall pay taxes and do military service; their [(property) at Salamis]
they shall not lease, if not - - -; but if
5 anyone leases, fined [shall be the tenant and the]
landlord, each of them - - -
to the public treasury, the archon [shall exact the fine].
but if (he) [does not, he shall be called to account]
- - - shall provide weapons - - -
10 thirty [drachmas?] - - -
the archon shall - - -
in the Council (?) - - -

Translation (pt)

Translation by Paula Camargo Boschiero

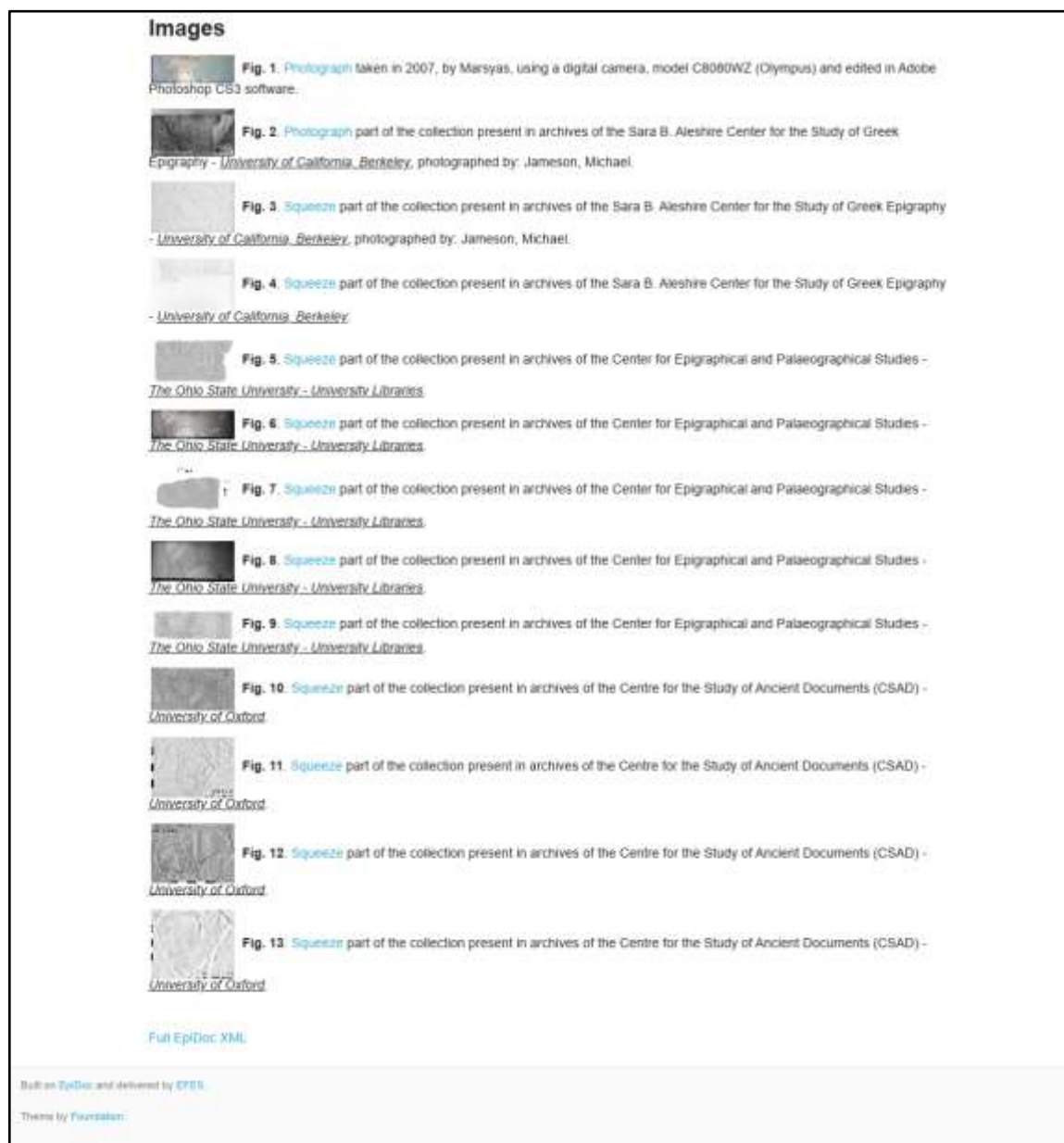
Pareceu bem ao Povo: [o portador de um lote de terra recebido por sorteio] em Salamina
(será) permitido morar em Salamina [---]
(deverá) pagar impostos e servir como soldado [— para Atenas] : que não [arrendará (a terra)]
[em Salamina] : mas, que se
5 arrendar, [aquele que está recebendo a renda/o arrendante e]
aquele que está pagando/o arrendatário, [ambos ---] pagarão multa
para o Estado, e se o arconte
não (cobrar) (será) [punido].
[o próprio colono] (deverá) fornecer as armas
10 (no valor) de trinta [dracmas :] o arconte, então, (deverá) [preparar].
e [separar as armas].
Diante do Conselho [---]

Bibliography

Inscriptiones Atticae Euclidis anno anteriores. Editio tertia. Fasc. 1. Decreta et tabulae magistratum. Edid. David Lewis. – Berlin 1981

Fonte: Captura de tela da plataforma EFES (2023).

Figura 18 – Publicação no EFES (parte 3)



Fonte: Captura de tela da plataforma EFES (2023).

Dessa forma, a publicação no ambiente EFES transcende a função de exibição de conteúdo para se tornar uma ferramenta de pesquisa ativa. A transparência dos dados e a colaboração internacional, facilitadas pela própria arquitetura do sistema, concluem o percurso metodológico iniciado com a autópsia digital. Ao transformar a inscrição IG I³ 1 em um dado estruturado, interativo e acessível, o método aqui aplicado demonstra ser uma atualização da prática tradicional, integrando o rigor epigráfico às novas demandas tecnológicas dos Estudos Clássicos e das Humanidades Digitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Epigrafia, compreendida como o estudo das inscrições gravadas sobre materiais duráveis, passou por transformações ao longo de sua trajetória histórica. Desde as primeiras produções epigráficas ainda no Período Arcaico — motivadas pelas colonizações e pelo desenvolvimento do alfabeto —, a atenção a esses registros materiais ampliou-se de maneira expressiva. Na Época Clássica, a abordagem dos registros epigráficos adquiriu relevância documental e retórica nas obras de historiadores como Heródoto e Tucídides. Posteriormente, o olhar sobre os artefatos epigráficos transcendeu a consulta de seu conteúdo, alcançando, com figuras como Teopompo de Quios e os compiladores do Período Helenístico, um estágio inédito de escrutínio crítico e material. Após a retomada do interesse antiquário nos séculos que se seguiram ao Renascimento, foi apenas no decurso do século XIX, em meio à intensificação das explorações arqueológicas e com a publicação dos principais *corpora* epigráficos greco-latinos na Alemanha, que a Epigrafia consolidou o seu método e alcançou a sua institucionalização científica. Como desdobramento disso, o século XX testemunhou a expansão internacional e a especialização da área. Por meio de missões arqueológicas e projetos editoriais de diversas nações, a Epigrafia descentralizou-se, aprofundando o refinamento de suas técnicas de leitura e edição, o que culminou no estabelecimento de um consenso em torno do método epigráfico.

No âmbito metodológico, contudo, percebeu-se uma aparente divergência na literatura especializada quanto à definição desse método. Por um lado, autores como Robert (1961, p. 87), Guarducci (1967, p. 12) e Rougemont (1996-1997, p. 271) consideram inexistente um método de investigação propriamente da Epigrafia, argumentando que a disciplina se vale, essencialmente, de técnicas tomadas de empréstimo de áreas correlatas, a exemplo da Arqueologia, da História e da Linguística. Por outro lado, Sánchez (2011, p. 13-15) defende a existência de um método próprio, o qual não se limita apenas às técnicas interdisciplinares, mas estrutura-se em um encadeamento processual lógico que abrange desde a fase de coleta até a de publicação. Essa suposta divergência entre os autores decorre de uma ambiguidade conceitual do termo "método" — ora compreendido estritamente como um conjunto de técnicas aplicadas ao artefato epigráfico, ora designado como todo um processo integral (um fluxo de fases com o uso de suas respectivas técnicas) —, não se tratando, portanto, de uma incompatibilidade teórica real.

Com o intuito de propor uma organização didática do método de investigação epigráfica, optou-se por adotar a perspectiva de Sánchez (2011) por intermédio do que se denominou neste trabalho Estrutura do Método Epigráfico (EME). A concepção linear proposta por este autor

mostrou-se adequada para orientar o percurso que vai desde o tratamento do suporte descoberto *in situ* até o levantamento de informações oriundas de estudos arqueológicos, linguísticos e históricos, sem que se perdesse de vista a origem material do artefato. Nesse sentido, ao aliar a visão de Sánchez (2011) às contribuições metodológicas de Robert (1961), Guarducci (1967) e Rougemont (1996-1997, p. 271), tornou-se possível expandir a noção de EME de modo a acomodar as técnicas de uso corrente na Epigrafia, mantendo a premissa de um processo que visa a um resultado específico: a publicação. Ademais, constatou-se que a EME comporta uma dimensão processual de natureza rígida, cujas fases devem ser respeitadas, em coexistência com uma dimensão de caráter mais flexível, a qual se altera e se adapta à medida que novas técnicas são criadas ou aperfeiçoadas.

Nesse aspecto, observa-se que, do século XIX até o final do século XX, as técnicas aplicadas às fases do método epigráfico evoluíram em ritmo desacelerado a ponto de transmitir, por vezes, a impressão de que a prática epigráfica seria estacionária, rudimentar e de natureza arcaica — tal como as próprias pedras que a constituem. Contudo, no século XXI, a humanidade passou a testemunhar avanços tecnológicos sem precedentes, os quais permitiram a comunicação em tempo real, a robotização de alguns processos produtivos e o alcance de novas fronteiras científicas, a exemplo de uma nova corrida espacial.

O surgimento dessas tecnologias de caráter transversal alcançou até mesmo um dos campos mais artesanais das ciências humanas, a Epigrafia, inaugurando assim uma nova disciplina: a Epigrafia Digital. Embora este novo campo ainda não possua uma definição estrita, o que se identifica é que o adjetivo "digital" compreende a noção de empregar-se técnicas de natureza computacional e *online*, derivando também o princípio de compartilhar e integrar as diversas comunidades científicas em torno de um bem coletivo maior, como o estudo das inscrições antigas.

Portanto, se a Epigrafia Digital lida com inscrições registradas em suportes duráveis por meio de tecnologias digitais, nada mais intuitivo do que pensar na capacidade de difusão e interconexão de dados inerente a esses recursos. Trata-se de um paradigma que, amparado nos princípios de *Linked Open Data* (LOD), viabiliza essa integração de diferentes comunidades científicas. Consequentemente, observa-se uma mudança do próprio método epigráfico, que passa a acomodar novas técnicas enquanto desencoraja outras devido à sua ineficiência e limitação.

Ao comparar o método da Epigrafia Tradicional com o da Epigrafia Digital, notou-se, até o momento, que a etapa de escavação em campo ainda não dispõe de tecnologias digitais substitutivas à altura, visto que requer cuidados que somente a sensibilidade do tato humano

pode oferecer. Em contrapartida, os recursos digitais permearam e reconstruíram o modo como se faz Epigrafia nas fases de análise e publicação, exigindo que o epigrafista contemporâneo desenvolva, até certo ponto, novas competências para utilizar linguagens de computação e operar ferramentas digitais, como escâneres, equipamentos fotográficos de alta resolução e *softwares* de edição de imagem.

Nesse contexto de reconfiguração, este trabalho apresentou uma introdução histórica sobre a Epigrafia e expôs o método epigráfico tradicional e o digital em perspectiva comparada, constituindo-se como um material introdutório em língua portuguesa para o conhecimento do tema e de suas principais ferramentas. Para ilustrar a teoria, o decreto ateniense IG I³ 1 foi adotado como base para um exercício prático. Esse estudo de caso demonstrou o fluxo de trabalho contemporâneo: desde a coleta de imagens em acervos *online* e o teste de algoritmos, até a codificação do artefato na linguagem EpiDoc TEI-XML e a elaboração de uma tradução inédita para o português. Naturalmente, por seu caráter panorâmico, a investigação revela certas limitações. A principal delas reside no foco em um único documento para a aplicação do método, aliado à dependência de imagens de bancos de dados externos — dada a impossibilidade de contato físico com o suporte epigráfico original. A prática também evidenciou o desempenho ainda restrito de algumas ferramentas de reconhecimento ótico na leitura de alfabetos arcaicos e irregulares.

Contudo, longe de invalidarem a prática digital, esses desafios apontam caminhos para pesquisas futuras no Brasil. Há um espaço promissor para projetos que busquem codificar as diversas coleções epigráficas gregas e traduzi-las para a comunidade lusófona, conectando-as a redes de dados abertos (LOD). Igualmente relevante é a promoção de estudos interdisciplinares focados no treinamento de redes neurais e de *softwares* de leitura avançados, visando ao reconhecimento autônomo de grafias não padronizadas da Antiguidade.

Neste cenário, o “epigrafista 2.0” integra-se a redes colaborativas de trabalho global, transpondo as fronteiras que antes limitavam a sua atuação a círculos locais de contatos. Amparado por recursos de acesso remoto, ele colabora com pesquisas independentemente de sua localização geográfica. Esse pesquisador detém, agora, acesso imediato ao acervo mundial de inscrições a “apenas alguns cliques”, atuando em conjunto com arquiteturas computacionais de processamento de dados em favor da expansão do conhecimento linguístico, histórico e social humano. Em suma, um novo epigrafista tem surgido, que se vale de técnicas e ferramentas capazes de conduzi-lo a um novo relacionamento com as inscrições e com os mistérios que as envolvem.

REFERÊNCIAS

ASSAEL, Y., SOMMERSCHIED, T., SHILLINGFORD, B., BORDBAR, M., PAVLOPOULOS, J., CHATZIPANAGIOTOU, M., ANDROUTSOPOULOS, I., Prag, J.; Freitas, N. de. Restoring and attributing ancient texts using deep neural networks. **Nature**, vol. 603 (7900): p. 280–283, Mar., 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1038/s41586-022-04448-z>>.

AST, R. Supplementum Epigraphicum Graecum. **Classical World**, v. 101, n. 4, p.562-563, 2008.

BABEU, A. **Rome wasn't digitized in a day: building a cyberinfrastructure for digital classicists**. CLIR n. 150. Washington: Council on Library and Information Resources, 2011. Disponível em: <<http://www.clir.org/pubs/abstract/pub150abst.html>>.

BARMPOUTIS, A., BOZIA, E., WAGMAN, R. A novel framework for 3D reconstruction and analysis of ancient inscriptions. In: **Journal of machine vision and applications**, v. 21, n. 6, 2009, p.989-998. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs00138-009-0198-7>>.

BARMPOUTIS, A. **Digital Epigraphy Toolbox**. University of Florida, 2013, 11p. Disponível em: <<https://hcommons.org/deposits/item/hc:12087/>>.

BAUER, P., HERNÁTH, Z.; HORVÁTH, Z.; MAYER, G.; PARRAGI, Z.; PORKOLÁB, Z.; SZTUPÁK, Z. HypereiDoc – An XML Based Framework Supporting Cooperative Text Editions. In: **Advances in Databases and Information Systems - Lecture Notes in Computer Science**, v. 5207, 2008, p.14-29.

BENGTSON, H. **Introduction to Ancient History**. Traduzido da 6a edição por R. I. Frank e Frank D. Gilliard. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1970.

BODARD, G. EpiDoc: Epigraphic Documents in XML for Publication and Interchange. In.: FERAUDI-GRUÉNAIS, F. (ed.), **Latin on Stone: Epigraphic Research and Electronic Archives**. Lexington Books (Rowman & Littlefield), 2010. 198p. ISBN 978-0-7391-4590-6.

BOECKHIO, A.; FRANZIUS, I. (ed.). **Corpus Inscriptionum Graecarum**. Berlim: Berolini Ex Officina Academica, v. 3, 1853, 1271p.

_____. **Corpus Inscriptionum Graecarum**. Berlim: Berolini Ex Officina Academica, v. 2, 1843. 847p.

BOECKHIO, A.; FRANZIUS, I. (ed.); CURTIUS, E.; KIRCHHOFF, A.; ROEHL, H. **Corpus Inscriptionum Graecarum**. Berlim: Berolini Ex Officina Academica, v. 4, 1877, 276p.

BRESSON, A. Épigraphie grecque et ordinateur: problèmes de méthode. In: **Actes des Congrès international informatique et sciences humaines – L.A.S.L.A**, Université de Liège, 1981, p.93-107.

BOECKH, A. (ed.). **Corpus Inscriptionum Graecarum**. Berlim: Berolini Ex Officina Academica, v. 1, 1828, 922p.

BRUUN, C. The major corpora and epigraphic publications. *In: The Oxford Handbook of Roman Epigraphy*. Bruun, C., Edmondson, J. (ed.). Nova Iorque: Oxford University Press, 2015, p.66-77.

BOURGUET, E. Inscriptions de la terrasse du temple et de la région nord du sanctuaire: inscription d'entrée du Sanctuaire au Trésor des Athéniens. *In: Fouilles de Delphes*. Paris: E. de Boccard, v. 3, fasc. 4, 1910-1929, 438p.

_____. Inscriptions de la terrasse du temple et de la région nord du sanctuaire: les comptes du IV siècle. *In: Fouilles de Delphes*. Paris: E. de Boccard, v. 3, fasc. 5, 1932, 357p.

BUCK, C. D. **Introduction to the study of the greek dialects**: Grammar, Selected Inscriptions, Glossary. Chicago: Ginn and Company, 1910.

CAYLESS et al. **Epigraphy in 2017**. Digital Humanities Quarterly, 3, 2009. Disponível em: <<http://www.digitalhumanities.org/dhq/vol/3/1/000030/000030.html>>.

CHABERT, S. **Histoire sommaire des études d'épigraphie grecque**. Paris: Ernest Leroux, 1906.

CHANTRAINE, P. **Dictionnaire étymologique de la langue grecque**. Paris: Éditions Klincksieck, 1968.

CENTER FOR EPIGRAPHICAL AND PALAEOGRAPHICAL STUDIES (CEPS). **Squeeze of IG I³ 501**. Columbus: The Ohio State University, [s.d.]. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1811/99524>>.

CENTER FOR EPIGRAPHICAL AND PALAEOGRAPHICAL STUDIES (CEPS). **Squeeze of IG I³ 948**. Columbus: The Ohio State University, [s.d.]. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1811/99899>>.

COLIN, G. Inscriptions de la terrasse du temple et de la région nord du sanctuaire: inscriptions du Trésor des Athéniens. *In: Fouilles de Delphes*. Paris: E. de Boccard, v. 3, fasc. 2, 1909-1913, 397p.

_____. Inscriptions de la terrasse du temple et de la région nord du sanctuaire: monuments des messéniens de Paul-Émile et de Prussias, n. 1-86. *In: Fouilles de Delphes*. Paris: E. de Boccard, v. 3, fasc. 4, 1930, 178p.

CORMAK, J. M. R. Inscriptiones Graecae in Bulgaria Repertae, edited G. Mihailov, Academia Litteratum Bulgarica, Sofia. Vol. I, 1956, p. 262, pll. 122. Leva 28.50. Vol. II, 1958, p. 257, pll. 135. Leva 33.15. **The Journal of Hellenic Studies**, v. 80, 1960, p.216-217.

CRANE, G. **Perseus Digital library**. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>>.

DAUX, G. Inscriptions de la terrasse du temple et de la région nord du sanctuaire: chronologie delphique. In: **Fouilles de Delphes**. Paris: E. de Boccard, v. 3, 1943, 133p.

D'ENCARNAÇÃO, J. **Introdução ao estudo da epigrafia latina**. 4. Ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. 64p. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/iarq/pub_online/pdfs_online/2013_Epigrafia>.

ÉSQUILO. **Prometeu acorrentado**. Tradução de Mário da Gama Kury. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

FERREIRA, A. **Projetos abertos em Letras Clássicas/Humanidades Digitais – FCLAr/UNESP**. Projeto de pesquisa. Araraquara. Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, 2015.

FERREIRA, A.; RODRIGUES, R. A. **Dicionário Digital Grego-Português**. Conteúdo inicial extraído da obra impressa **Dicionário Grego-Português** (5 vol., Editora Ateliê) sob permissão contratual, 2017-2022. Disponível em: <<http://perseidas.fclar.unesp.br/>>.

FIGUEIRA, T. Chronological Table: Archaic Megara, 800-500 B.C. **The Center for Hellenic Studies**. Nov., 2020. Disponível em: <<https://chs.harvard.edu/curated-article/thomas-j-figueira-chronological-table-archaic-megara-800-500-b-c/>>.

FLACELIÈRE, R. Inscriptions de la terrasse du temple et de la région nord du sanctuaire, n. 87-275. In: **Fouilles de Delphes**. Paris: E. de Boccard, v. 3, fasc. 4, 1954, p.179-295.

FREIRE, A. **Gramática Grega**. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1987.

FRULLINI, S. Decreto ateniese su Salamina. **AXON**, vol. 4, n. 1, p. 7-30, Junho, 2020. DOI: 10.30687/Axon/2532-6848/2020/01/001. Disponível em: <<https://edizionicafoscari.unive.it/media/pdf/article/axon/2020/1/art-10.14277-Axon-2532-6848-2020-01-001.pdf>>.

GAERTRINGEN, F. **Inscriptiones Graecae I**: Inscriptiones Atticae Euclidis anno (403/2) anteriores. Berlin: De Gruyter, 1924.

GALLEGO, R. R. **Nuevas tecnologías de documentación gráfica em epigrafía**. 2016. 168 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Geodésica e Cartografia) – Escola Técnica Superior de Engenheiros em Topografia, Geodesia e Cartografia, Universidade Politécnica de Madri, Madri, 2016. Disponível em: <<http://oa.upm.es/43246/>>.

GILMAN, D. C.; PECK, H. T.; COLBY, F. M. (Ed.). **The New International Encyclopaedia**. V. 2, New York: Dodd, Mead and Company, 1902, 848p.

GRAMMER, B.; DRAGANITS, E.; GRETSCHER, M.; MUSS, U. LiDAR-guided Archaeological Survey of a Mediterranean Landscape: Lessons from the Ancient Greek Polis of Kolophon (Ionia, Western Anatolia). **Archaeological Prospection**, v. 24, p. 311–333, 2017. DOI: 10.1002/arp.1572. Disponível em: <<https://doi.org/10.1002/arp.1572>>.

GUARDUCCI, M. **Epigrafia Greca I: Caratteri e storia della disciplina – La scrittura greca dalle origini all'età imperiale**. Roma: La Libreria dello Stato, 1967. 580p.

_____. **Inscriptiones Creticae opera et consilio Friderici Halbherr Collectae:** Tituli Cretae Mediae Praeter Gortynios. Vol. 1. Roma: La Libreria dello Stato, 1935. 356p.

_____. **Inscriptiones Creticae opera et consilio Friderici Halbherr Collectae:** Tituli Cretae Occidentalis. Vol. 2. Roma: La Libreria dello Stato, 1939. 350p.

_____. **Inscriptiones Creticae opera et consilio Friderici Halbherr Collectae:** Tituli Cretae Orientalis. Vol. 3. Roma: La Libreria dello Stato, 1942. 186p.

_____. **Inscriptiones Creticae opera et consilio Friderici Halbherr Collectae:** Tituli Gortynii. Vol. 4. Roma: La Libreria dello Stato, 1950. 441p.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2013.

HABITCH, C. Pausanias and the Evidence of Inscriptions. University of California Press: **Classical Antiquity**, vol. 3, n. 1, 1984, p.40-56.

HAYWOOD, Jan. The use(s) of inscriptions in Herodotus' Histories. **American Journal of Philology**, v. 142, n. 2, p. 217-257, 2021.

HEŘMÁNKOVÁ, P.; HORSTER, M.; PRAG, J. Digital Epigraphy in 2022: A Report from the Scoping Survey of the FAIR Epigraphy Project. 2022. Disponível em: <<https://zenodo.org/record/6610696>> e <https://fair-epigraphy.github.io/scoping_survey_report/scripts/01_FAIR_epi_report.html>.

HERÓDOTO. **Herodotus, with an English translation by A. D. Godley**. Cambridge: Harvard University Press, 1920. Book 7, chapter 228. Disponível em: Perseus Digital Library. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0125%3Abook%3D7%3Achapter%3D228>>.

_____. **História**. v. 1. Tradução de J. Brito Broca. Estudo crítico de Vítor de Azevedo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

_____. **Histórias. Livro V - Terpsícore**. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2020.

HILL, G. F. The Tituli Asiae Minoris. **The Classical Review**, vol. 15, n. 7. Cambridge University Press on behalf of The Classical Association, 1901, p.376-378. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/696822>>.

HIRSCHFELD, G. (Ed.). **The Collection of Ancient Greek Inscriptions in the British Museum**. Vol. 4, Seção I. Oxford: Clarendon Press, 1893.

IDE, N.; MCQUEEN, C. The Text Encoding Initiative: Its History, Goals, and Future Development. Springer. Vol. 29, n. 1., p. 5-15. Jan., 1995. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/30200340>>.

ISOLDI, Francisco. A epigrafia. Síntese geral. In: **Revista de História**, ano III, vol. IV, n° 9. São Paulo, 1952, p.89-106. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v4i9p89-105>. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/35042>>.

JONES, W. H. S.; ORMEROD, M. A. **Pausanias Description of Greece**. 4 v. Cambridge and London: Harvard University Press and William Heinemann, 1918.

JOHNSON, A. C. Inscriptiones Graecae, Editio Minor - Kirchner. **Classical Philology**, v. 9, n. 4, 1914, p.455-457. Disponível em: <<https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/359920>>.

KALLET, Lisa. Democracy, empire and epigraphy in the twentieth century. **Ma et alii**, p.43-66, 2009.

LATYSCHEV, B. **Inscriptiones antiquae orae septentrionalis Ponti Euxini Graecae et Latinae**. Vol. 1. Petropoli: Typis Academiae Imperialis Scientiarum, 1885, 375p.

_____. **Inscriptiones antiquae orae septentrionalis Ponti Euxini Graecae et Latinae**. Vol. 2. Petropoli: Typis Academiae Imperialis Scientiarum, 1890, 351p.

_____. **Inscriptiones antiquae orae septentrionalis Ponti Euxini Graecae et Latinae**. Vol. 4. Petropoli: Typis Academiae Imperialis Scientiarum, 1901, 358p.

LECH, P.; MATERA, M.; ZAKRZEWSKI, P. Using Reflectance Transformation Imaging (RTI) to document ancient amphora stamps from Tanais, Russia. Reflections on first approach to their digitalisation. **Journal of Archaeological Science**, vol. 36, p. 1-8, Fev., 2021.

LEWIS, D. **Inscriptiones Atticae Euclidis Anno Anteriores**. Ed. 3, Fasc. I. Berlim: G. de Gruyter, 1981.

LIDDEL, P.; LOW, P. **Inscriptions and their Uses in Greek and Latin Literature**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

MCDONALD, Katherine. **Reading inscriptions with raking light**. [S. l.]: YouTube, 24 mar. 2022. 1 vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=81WyIixoYRI&t=18s>>.

MALHADAS, D; DEZOTTI, M. C. C & NEVES, M. H. M. (Orgs.) 2006-2010. **Dicionário Grego-Português**, volumes. 1 a 5. São Paulo: Ateliê.

MANATAKI, M.; DONATI, J.; SARRIS, A.; GARCÍA; C. KALAYCI, T. GPR: Theory and Practice in Archaeological Prospection. In: **Best Practices of Geoinformatic Technologies**. p. 24. Oxford: Archaeopress, dez., 2015. DOI: 10.13140/RG.2.1.3256.9363. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/286263583>>.

MARSHALL, F. H. (Ed.). **The Collection of Ancient Greek Inscriptions in the British Museum**. Vol. 4, Seção II. Oxford: Clarendon Press, 1916.

MAYER, R. **The Artist's Handbook of Materials and Techniques**. 3 ed. New York: The Viking Press, 1970. 750p.

MEIGGS, R.; LEWIS, D. **A Selection of Greek Historical Inscriptions**: to the end of the fifth century B.C. Oxford: Clarendon Press, 1969.

MILLAR, F. Epigraphy. In: CRAWFORD, M. H. (ed.) **Sources for Ancient History**: Studies in the uses of historical evidence. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, p.80-136.

NEWTON, C. T. (Ed.) **The Collection of Ancient Greek Inscriptions in the British Museum**. Vol. 1. Oxford: Clarendon Press, 1874, 160p.

_____. **The Collection of Ancient Greek Inscriptions in the British Museum**. Vol. 2. Oxford: Clarendon Press, 1883, 178p.

_____. **The Collection of Ancient Greek Inscriptions in the British Museum**. Vol. 3. Oxford: Clarendon Press, 1890, 156p.

PECK, H. T. **Harpers Dictionary of Classical Antiquities**. New York: Harper and Brothers, 1898.

PLEKET, H. W. Revisão de: *Tituli Asiae Minoris*, vol. V: *Tituli Lydiae*, fasc. 3: *Philadelphieia et Ager Philadelphenus*, de G. Petzl. **Mnemosyne**, vol. 64, no. 1, 2011, p.171-174. Disponível em: <www.jstor.org/stable/25801927>.

PONCHIO, F.; LAMÉ, M.; SCOPIGNO, R.; ROBERTSON, B. Visualizing and Transcribing Complex Writings Through RTI. Marrocos: IEEE, Out., 2018.
DOI:10.1109/CIST.2018.8596602. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/330028351_Visualizing_and_Transcribing_Complex_Writings_Through_RTI>.

POUILLOUX, J. L'épigraphie grecque. In: **Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**, 132^e année, N. 3, 1988. p. 618-622. Disponível em:
<https://www.persee.fr/doc/crai_0065-0536_1988_num_132_3_14649>.

PRITCHETT, W. K. Liquid Rubber for Greek Epigraphy. **American Journal of Archaeology**, v. 56, n. 2, 1952, p.118-120.

PROJECT KRATEROS. **Making an epigraphic squeeze of an ancient Greek inscription**. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JNV-uLUjyY>>.

RAGON, É. **Gramática Grega**. Tradução e adaptação Carlos Alberto Martins de Jesus. São Paulo: Odysseus Editora, 2012.

RINAUDO, F.; BORNAZ, L.; ARDISSONE, P. 3D Hight Accuracy Survey Modelling for Cultural Heritage Documentation and Restoration. p.1-5, Turim, 2007. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/235791267_3D_High_accuracy_survey_and_modelling_for_Cultural_Heritage_Documentation_and_Restoration>.

ROBERT, L. "Inscriptiones graecae in Bulgaria repertae", ed. G. MIHAÏLOV, 1 (Book Review). **Revue de Philologie, de Littérature et d'Histoire Anciennes**, v. 33, p.165, 1959.

_____. Les épigraphies et l'épigraphie grecque et romaine. In: **L'histoire et ses Méthodes: Encyclopédie de la Pléiade**, 1961, p. 453-497 (repris dans le recueil posthume d'articles: Louis Robert. Choix d'écrits, Paris: Belles Lettres, 2007. p.87-114.

ROUGEMONT, G. L'épigraphie grecque. **Classica**. São Paulo, v. 9/10, n. 9/10, p.265-274, 1996-1997.

SMITH, W. **Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology**, 2v. Boston: Little, Brown & Co., 1870. 1219p.

SÁNCHEZ, M. R. La Epigrafía, de ciencia auxiliar a ciencia histórica. **Boletín del Archivo Histórico Provincial de Las Palmas** 2, 2011, p.11-33. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10553/12774>>.

SILVA, L. C. A. M. **A representação do desejo nos epigramas eróticos helenísticos: estudo do masculino e do feminino nos livros 5 e 12 da Antologia Palatina**. 2008. 263 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/102392>>.

STROUD, R.; VERMEULE, C. Cyriacus of Ancona and Athens by Edward W. Bodnar. The University of Chicago Press on behalf of the Medieval Academy of America: **Speculum**, v. 37, n. 2, p.257-265, 1962.

SUMMA, D. L'archivio delle *Inscriptiones Graecae* (Berlino). **Anabases**, v. 16, p.267-274, 2012. DOI: 10.4000/anabases.3989. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/anabases/3989>>.

_____. L'epigrafia greca tra scienza ed esperienza: il ruolo di Berlino. **Historiká**, v. 7, p.503-528, 2017. Disponível em: <<http://www.ojs.unito.it/index.php/historika/article/view/2585/2452>>.

THOMPSON, H. A. Benjamin Dean Meritt (March 31, 1899-July 7, 1989). **Proceedings of the American Philosophical Society**, vol. 135, no. 1, 1991, p.111-115. Disponível em: <www.jstor.org/stable/987155>.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Tradução do grego de Mário da Gama Kury. Prefácio de Helio Jaguaribe. 4. ed. Brasília; São Paulo: Editora Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

VALMIN, N. Inscriptions de la terrasse du temple et de la région nord du sanctuaire: inscriptions du thréatre. In: **Fouilles de Delphes**. Paris: E. de Boccard, v. 3, fasc. 6, 1939, 169p.

WOODHEAD, A. G. **The Study of Greek Inscriptions**. 2 ed. Cambridge University Press, 1981, 150p.

VAN GRONINGEN, B. A. "De Signis Criticis in Edendo Adhibendis." **Mnemosyne**, vol. 59, no. 4, 1932, p. 362-365. Disponível em: <www.jstor.org/stable/4426628>.

ANEXOS

ANEXO A – CÓDIGOS DO ARQUIVO XML DA INSCRIÇÃO IG I³ 1

```

<?xml version="1.0" encoding="UTF-8"?>
<?xml-model href="http://epidoc.stoa.org/schema/latest/tei-epidoc.rng"
schematypens="http://relaxng.org/ns/structure/1.0"?>
<?xml-model href="http://epidoc.stoa.org/schema/latest/tei-epidoc.rng"
schematypens="http://purl.oclc.org/dsdl/schematron"?>
<TEI xmlns="http://www.tei-c.org/ns/1.0" xml:lang="en">
  <teiHeader>
    <fileDesc>
      <titleStmt>
        <title>Decree on the cleruchs of Salamis</title>
        <editor>David Lewis</editor>
      </titleStmt>
      <publicationStmt>
        <authority><ref target="http://telota.bbaw.de/ig/digitale-
edition/inschrift/IG%20I%C2%B3%201">Inscriptiones Graecae</ref></authority>
        <idno type="URI">http://telota.bbaw.de/ig/digitale-
edition/inschrift/IG%20I%C2%B3%201</idno>
        <idno type="localId">IG I3 1 + Add. p. 935</idno>
        <idno type="filename">IGI31</idno>
        <availability>
          <p>The Inscriptiones Graecae are the oldest project of the Berlin-Brandenburg
Academy of Sciences and Humanities, being the successor of the Corpus Inscriptionum
Graecarum (CIG), founded in 1815.</p>
          <p><ref
target="https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/legalcode">Creative Commons
Attributions-NonCommercial 4.0 International</ref> Licensed by © <ref
target="https://www.linkedin.com/in/paula-camargo-boschiero-
a29b58b2/?originalSubdomain=br">Paula C. Boschiero</ref>.</p>
        </availability>
      </publicationStmt>
      <sourceDesc>
        <msDesc>
          <msIdentifier>
            <msName>Epigraphical Museum of Athens</msName>
            <altIdentifier>
              <idno type="URI">https://commons.wikimedia.org/wiki/File:EPMA-6798-
6815-12936-IGI(3)1-Salamis_clerouchs-2.JPG</idno>
            </altIdentifier>
          </msIdentifier>
          <msContents>
            <summary corresp="document-search.xml#doc15"> Earliest known Athenian
decree regulating the status of cleruchs at Salamis </summary>
          </msContents>
          <physDesc>
            <objectDesc>
              <supportDesc>
                <support>
                  <p><objectType ref="monument-

```

```

search.xml#mon3">Stele</objectType>
      <material ref="material-search.xml#m1"> Marble
</material>(<dimensions
unit="centimeter"><width>97.6</width><height>21.9</height></dimensions>)</p>
      </support>
      </supportDesc>
      <layoutDesc>
        <layout xml:lang="en">
          <material>Stele</material> fragmented into seven parts.
        </layout>
      </layoutDesc>
    </objectDesc>
  </physDesc>
  <history>
    <origin>
      <origPlace>Athens</origPlace>
      <origDate notBefore="-0510" notAfter="-0500" precision="medium"
xml:lang="en">Between 510 and 500 B.C.</origDate>
    </origin>
    <provenance type="found" when="1883"> Found in 1883 at <placeName
type="ancientFindspot" ref="https://pleiades.stoa.org/places/638356144" key="EM
13500"><ref
target="https://pleiades.stoa.org/places/638356144">Acropolis</ref></placeName>
    </provenance>
  </history>
</msDesc>
</sourceDesc>
</fileDesc>
<encodingDesc>
  <p>Marked-up according to the EpiDoc Guidelines version 8</p>
  <classDecl>
    <taxonomy>
      <category xml:id="photograph">
        <catDesc>Digital or digitized photographs</catDesc>
      </category>
      <category xml:id="representation">
        <catDesc>Digitized other representations</catDesc>
      </category>
    </taxonomy>
  </classDecl>
</encodingDesc>
<profileDesc>
  <langUsage>
    <language ident="en">English</language>
    <language ident="de">German</language>
    <language ident="grc">Ancient Greek</language>
    <language ident="pt">Portuguese</language>
    <language ident="la">Latin</language>
  </langUsage>
  <textClass>

```

```

    <keywords>
      <term type="textType">Decree</term>
    </keywords>
  </textClass>
</profileDesc>
</teiHeader>
<facsimile>
  <surface>
    <graphic url="IG(3)1_1.jpg" n="1">
      <desc><ref target="https://commons.wikimedia.org/wiki/File:EPMA-6798-6815-12936-IGI(3)1-Salamis_clerouchs-2.JPG">
        Photograph</ref> taken in 2007, by Marsyas, using a digital camera, model
        C8080WZ (Olympus) and edited in Adobe Photoshop CS3 software.</desc>
      </graphic>
      <graphic url="IG(3)1_2.jpg" n="2">
        <desc><ref target="http://aleshire.berkeley.edu/holdings/photos/7158">
          Photograph</ref> part of the collection present in archives of the Sara B.
          Aleshire Center for the Study of Greek Epigraphy - <hi rend="underline"><hi
            rend="italic">University of California, Berkeley</hi></hi>, photographed
          by: Jameson, Michael. </desc>
        </graphic>
        <graphic url="IG(3)1_3.jpg" n="3">
          <desc><ref target="http://aleshire.berkeley.edu/holdings/squeezes/8889">
            Squeeze</ref> part of the collection present in archives of the Sara B.
            Aleshire Center for the Study of Greek Epigraphy - <hi rend="underline"><hi
              rend="italic">University of California, Berkeley</hi></hi>, photographed
            by: Jameson, Michael. </desc>
          </graphic>
          <graphic url="IG(3)1_4.jpg" n="4">
            <desc><ref target="http://aleshire.berkeley.edu/holdings/squeezes/8921">
              Squeeze</ref> part of the collection present in archives of the Sara B.
              Aleshire Center for the Study of Greek Epigraphy - <hi rend="underline"><hi
                rend="italic">University of California, Berkeley</hi></hi>. </desc>
            </graphic>
            <graphic url="IG(3)1_5.jpg" n="5">
              <desc><ref
target="https://kb.osu.edu/handle/1811/99864?show=full">Squeeze</ref>
              part of the collection present in archives of the Center for Epigraphical and
              Palaeographical Studies - <hi rend="underline"><hi rend="italic">The Ohio
              State University - University Libraries</hi></hi>. </desc>
            </graphic>
            <graphic url="IG(3)1_6.jpg" n="6">
              <desc><ref
target="https://kb.osu.edu/handle/1811/99864?show=full">Squeeze</ref>
              part of the collection present in archives of the Center for Epigraphical and
              Palaeographical Studies - <hi rend="underline"><hi rend="italic">The Ohio
              State
              University - University Libraries</hi></hi>. </desc>
            </graphic>
            <graphic url="IG(3)1_7.jpg" n="7">

```

<desc><ref
 target="https://kb.osu.edu/handle/1811/99864?show=full">Squeeze</ref>
 part of the collection present in archives of the Center for Epigraphical and
 Palaeographical Studies - <hi rend="underline"><hi rend="italic">The Ohio
 State
 University - University Libraries</hi></hi>. </desc>
 </graphic>
 <graphic url="IG(3)1_8.jpg" n="8">
 <desc><ref
 target="https://kb.osu.edu/handle/1811/99864?show=full">Squeeze</ref>
 part of the collection present in archives of the Center for Epigraphical and
 Palaeographical Studies - <hi rend="underline"><hi rend="italic">The Ohio
 State
 University - University Libraries</hi></hi>. </desc>
 </graphic>
 <graphic url="IG(3)1_9.jpg" n="9">
 <desc><ref
 target="https://kb.osu.edu/handle/1811/99864?show=full">Squeeze</ref>
 part of the collection present in archives of the Center for Epigraphical and
 Palaeographical Studies - <hi rend="underline"><hi rend="italic">The Ohio
 State
 University - University Libraries</hi></hi>. </desc>
 </graphic>
 <graphic url="IG(3)1_10.jpg" n="10">
 <desc><ref
 target="http://archive.csad.ox.ac.uk/CSAD/Images/Large/IGI(3)1.jpg">Squeeze</ref>
 part of the collection present in archives of the Centre for the Study of Ancient
 Documents (CSAD) - <hi rend="underline"><hi rend="italic">University of
 Oxford</hi></hi>. </desc>
 </graphic>
 <graphic url="IG(3)1_11.jpg" n="11">
 <desc><ref
 target="http://archive.csad.ox.ac.uk/CSAD/Images/Small/IGI(3)1e.jpg">Squeeze</ref>
 part of the collection present in archives of the Centre for the Study of Ancient
 Documents (CSAD) - <hi rend="underline"><hi rend="italic">University of
 Oxford</hi></hi>. </desc>
 </graphic>
 <graphic url="IG(3)1_12.jpg" n="12">
 <desc><ref
 target="http://archive.csad.ox.ac.uk/CSAD/Images/Small/IGI(3)1f.jpg">Squeeze</ref>
 part of the collection present in archives of the Centre for the Study of Ancient
 Documents (CSAD) - <hi rend="underline"><hi rend="italic">University of Oxford</hi></hi>. </desc>
 </graphic>
 <graphic url="IG(3)1_13.jpg" n="13">
 <desc><ref
 target="http://archive.csad.ox.ac.uk/CSAD/Images/Small/IGI(3)1h.jpg">Squeeze</ref>
 part of the collection present in archives of the Centre for the Study of Ancient
 Documents (CSAD) - <hi rend="underline"><hi rend="italic">University of
 Oxford</hi></hi>. </desc>

```

</graphic>
</surface>
</facsimile>
<text>
<body>
<div type="edition" xml:lang="grc" xml:space="preserve">
  <ab xmlns="http://www.tei-c.org/ns/1.0">
    <lb n="1"/> ἔδοχσεν τῷ δέμοι· <unclear>τ</unclear><supplied reason="lost">ὁς
    ἐ Σ</supplied> ἀλα<unclear>μ</unclear><supplied reason="lost">ῖνι κλερόχ</supplied>ος
    <lb n="2"/> οἰκ□ν ἐᾷ Σαλαμῖνι <gap reason="lost" quantity="5"
    unit="character"/>λεν <gap reason="lost" quantity="7" unit="character"/> <supplied
    reason="lost">Ἀθέ</supplied>νε
    <lb n="3" break="no"/>σι τελ□ν καὶ στρατ<supplied
    reason="lost">εὔεσθ</supplied>αι : <unclear>τ</unclear><supplied reason="lost">ὰ δ' ἐ
    Σαλαμῖνι</supplied> μ
    <lb n="4" break="no"/>ἐ μι<supplied reason="lost">σθ</supplied>□ν, ἐὰ μὲ
    οἰκ<gap reason="lost" unit="character" quantity="7"/>ο<gap reason="lost" unit="character"
    quantity="1"/> <supplied reason="lost">μισθόμενο</supplied><gap reason="lost"
    unit="character" quantity="1"/> <supplied reason="lost"> : ἐ</supplied>ὰ
    <lb n="5" break="no"/>ν δὲ μισθ□ι, ἀποτί<supplied reason="lost">νε</supplied>ν τὸ
    μισθόμενον καὶ τὸ</supplied> <unclear>μ</unclear>
    <lb n="6" break="no"/>ισθ□ντα <hi rend="italic">h</hi>εκάτε<supplied
    reason="lost">ρον</supplied> <gap reason="lost" unit="character" quantity="19"/>
    <lb n="7"/>ἐς δεμόσιο<supplied reason="lost">ν : ἐσπράτεν δὲ τὸν ᾗ</supplied>
    <lb n="8" break="no"/>ρχο<supplied reason="lost">ν</supplied>τα, ἐὰν
    <supplied reason="lost">δὲ μέ, εὐθ</supplied>ύ<supplied reason="lost">νεσθαι :
    τ</supplied>
    <lb n="9" break="no"/>ὰ δὲ <supplied reason="lost"><hi
    rend="italic">h</hi></supplied>όπλα π<supplied
    reason="lost">αρέχεσ</supplied><unclear>θ</unclear>α<supplied reason="lost">ι αὐτὸς :
    τ</supplied>
    <lb n="10" break="no"/>ριά<supplied reason="lost">κ</supplied>οντα :
    δρ<supplied reason="lost">αχμ□ν :</supplied> <hi rend="italic">h</hi>ο<supplied
    reason="lost">πλισμένο</supplied>
    <lb n="11" break="no"/>ν δὲ <supplied reason="lost">τ</supplied>ὸν
    ἄρχοντ<supplied reason="lost">α τὰ <hi rend="italic">h</hi>όπλα κρίν</supplied>
    <lb n="12" break="no"/>εν : <supplied reason="lost">ἐπ</supplied>ι τ□ς
    β<supplied reason="lost">ο</supplied>λ□<supplied reason="lost">ς</supplied> <gap
    reason="lost" unit="character" quantity="11"/>
  </ab>
</div>
<div type="translation" xml:lang="de" resp="Klaus Hallof">
  <ab xmlns="http://www.tei-c.org/ns/1.0">
    <lb n="1"/> Beschluss des Volkes: dass man auf Salamis die Kleruchen
    <lb n="2"/> siedeln lasse in Salamis - - -; dass sie in Athen
    <lb n="3"/> Steuern zahlen und Militärdienst leisten; dass sie die (Grundstücke)
    auf Salamis
    <lb n="4"/> nicht verpachten, wenn nicht - - - der Pächter - - -; wenn
    <lb n="5"/> aber einer verpachtet, dass Strafe zahlen der Pächter und der Ver-
    <lb n="6"/> pächter, jeder von beiden - - -
  </ab>

```

```

    <lb n="7"/> in die öffentliche Kasse; dass sie eintreibe der Ar-
    <lb n="8"/> chon; wenn aber nicht, dass er bestraft werde;
    <lb n="9"/> dass sie (die Kleruchen) die Waffen selbst stellen (im Wert)
    <lb n="10"/> von dreißig Drachmen; dass von den Bewaffneten
    <lb n="11"/> der Archon die Waffen muste-
    <lb n="12"/> re. Unter dem Rat - - -.
  </ab>
</div>
<div type="translation" xml:lang="en" resp="Stephen Lambert, Julian Schneider">
  <ab xmlns="http://www.tei-c.org/ns/1.0">
    <lb n="1"/> The People decided: [those who hold an allotment] at Salamis
    <lb n="2"/> shall be permitted to (?) reside on Salamis - - - at [Athens]
    <lb n="3"/> they shall pay taxes and do military service; their [(property) at
Salamis]
    <lb n="4"/> they shall not lease, if not - - -; but if
    <lb n="5"/> anyone leases, fined [shall be the tenant and the]
    <lb n="6"/> landlord, each of them - - -
    <lb n="7"/> to the public treasury; the archon [shall exact the fine],
    <lb n="8"/> but if (he) [does not, he shall be called to account]
    <lb n="9"/> - - - shall provide weapons - - -
    <lb n="10"/> thirty [drachmas?] - - -
    <lb n="11"/> the archon shall - - -
    <lb n="12"/> in the Council (?) - - -
  </ab>
</div>
<div type="translation" xml:lang="pt" resp="Paula Camargo Boschiero">
  <ab xmlns="http://www.tei-c.org/ns/1.0">
    <lb n="1"/> Pareceu bem ao Povo: [o portador de um lote de terra recebido por
sorteio] em Salamina
    <lb n="2"/> (será) permitido morar em Salamina [---]
    <lb n="3"/> (deverá) pagar impostos e servir como soldado [--- para Atenas] :
que não [arrendará] [(a terra)]
    <lb n="4"/> [em Salamina] : mas, que se
    <lb n="
5"/> arrendar, [aquele que está recebendo a renda/o arrendante e ]
    <lb n="6"/> aquele que está pagando/o arrendatário, [ambos] [---] pagarão multa
    <lb n="7"/> para o Estado, e se o arconte
    <lb n="8"/> não (cobrar) (será) [punido],
    <lb n="9"/> [o próprio colono] (deverá) fornecer as armas
    <lb n="10"/> (no valor) de trinta [dracmas :] o arconte, então, (deverá) [preparar],
    <lb n="11"/> e [separar as armas],
    <lb n="12"/> Diante do Conselho [---]
  </ab>
</div>
<div type="bibliography">
  <p>Inscriptiones Atticae Euclidis anno anteriores. Editio tertia. Fasc. 1. Decreta et
tabulae magistratuum. Edid. David Lewis. – Berlin 1981</p>
</div>
</body>
</text>
</TEI>

```